

# Identidade e Pertença: uma geração do leste da Europa

Dissertação de Mestrado

Cláudia Sofia Bebiano Nascimento Tavares

Trabalho realizado sob a orientação de

Professor Doutor José Carlos Marques

Leiria, setembro 2017

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

## RESUMO

Identidade e Pertença: uma geração do leste da Europa

As sociedades contemporâneas têm sofrido profundas transformações, sob o efeito de uma globalização que intensifica os movimentos migratórios e conseqüentemente altera a dinâmica e a coesão social das sociedades atuais. Portugal não é exceção, e à semelhança dos outros países da Europa ocidental, tem vivenciado uma intensificação dos fluxos migratórios, com especial incidência, desde o início do século XXI, para a entrada de população estrangeira oriunda do leste da Europa.

Este fenómeno tem contribuído para uma diversidade social que inevitavelmente carece de uma intervenção ao nível da mediação intercultural, facilitando desta forma uma abordagem sistémica que viabilize a integração dos imigrantes e seus descendentes, ao nível das diferentes estruturas educativas, profissionais e sociais.

Neste sentido, este estudo foi desenvolvido segundo um paradigma interpretativo de abordagem qualitativa, recorrendo a entrevistas realizadas pela autora a imigrantes de segunda geração do leste da Europa. Esta abordagem de proximidade permitiu compreender como os descendentes de imigrantes se integram no país de acolhimento e de que forma constroem a sua identidade e sentimentos de pertença com a sociedade portuguesa.

Com base nos resultados alcançados, conclui-se que a mediação intercultural ainda não atingiu o nível de implementação social, escolar e profissional desejáveis, embora seja apontada pela maioria dos entrevistados, como um elemento facilitador da integração e da coesão social.

**Palavras Chave:** Imigração; segunda geração; integração; mediação; identidade e pertença.

## ABSTRACT

### Identity and Belonging: a Generation from Eastern Europe

Contemporary societies have undergone profound transformations under the impact of globalization, which has generated an increase in migration movements. In turn, this leads to deep changes in the dynamics and social cohesion of host societies. Portugal is no exception: as in other countries in Western Europe, it has experienced an intensification of migratory flows and, since the beginning of the 21<sup>st</sup> century, particularly of migrants from Eastern Europe.

The social diversity resulting from this movement calls for intercultural mediation, providing thus a systemic approach that might facilitate the integration of migrants and their offspring in the host country's education, professional and social structures.

This study addresses these issues using a qualitative research as interpretive paradigm, based on interviews to Eastern European second generation immigrants. The proximity approach made possible to understand the degree of integration in the host country, as well as the ways by which second generation immigrants build their identities and feelings of belonging towards Portuguese society.

From the research results it may be inferred that cultural mediation has not, as yet, reached the desirable levels. However, most interviewed persons have pointed it out as a facilitating factor in promoting social integration and cohesion.

**Key-words:** Immigration; Second Generation; Integration; Identity; Belonging.

## ÍNDICE GERAL

Resumo .....	2
Abstract.....	3
Índice Geral .....	4
Índice de ilustrações .....	5
Índice de tabelas .....	5
Índice de gráficos.....	5
Abreviaturas.....	5
Introdução.....	6
Enquadramento teórico.....	8
Capítulo 1 - Portugal enquanto país de migrações .....	8
1.1 Portugal enquanto país de acolhimento da Europa de leste.....	11
1.2. Famílias Migrantes .....	20
1.3. Integração dos descendentes.....	27
1.4. Identidade e pertença.....	32
1.5. Mediação intercultural.....	37
Capítulo 2 – Metodologia.....	44
Capítulo 3 – A Segunda Geração do Leste da Europa em Leiria .....	49
3.1. Integração Social em Portugal dos filhos dos imigrantes.....	51
3.2. Integração escolar e no mercado de trabalho.....	56
3.2.1. Integração escolar .....	56
3.2.2. Integração no mercado de trabalho.....	59
3.3. Construção de identidade e pertença .....	61
Conclusões.....	65
Bibliografia.....	70

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1. Principais países de origem das migrações de leste em Portugal .....	12
Ilustração 2. Concentração da população imigrante ucraniana .....	18
Ilustração 3. Lugar que ocupa o mediador .....	38

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Residentes Nacionais de Países Terceiros em Portugal em 1999 .....	13
Tabela 2. Residentes Nacionais de Países Terceiros em Portugal em 2002.....	14
Tabela 3. Taxa de Atividade e Desemprego da População Nacional e Estrangeira nos Países da UE, por Género (média dos valores para 2000 e 2001).....	22
Tabela 4. Modelos de gestão da diversidade cultural .....	29

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. População imigrante ucraniana com contratos registados para obtenção de autorização de permanência, por sector de atividade. ....	15
Gráfico 2. População imigrante ucraniana com contratos registados para obtenção de autorização de permanência e por tipo de contrato. ....	17

## ABREVIATURAS

ACM – Alto Comissariado para as Migrações

CLAII - Centros Locais de Apoio à Integração de Imigrantes

CLAIM- Centros Locais de Apoio à integração de migrantes

CNAI- Centro Nacional de Apoio ao Imigrante

GAEI- Gabinete de Apoio Especializado aos Imigrantes

GIP- Gabinete de Inserção Profissional

GIP Imigrante – Gabinete de Inserção Profissional ao Imigrante

## INTRODUÇÃO

Portugal sempre foi e será um país de partidas e chegadas, dando vida a fluxos migratórios que enriquecem uma sociedade intercultural, repleta de diversidade étnica, cultural e religiosa. Estes movimentos inevitáveis são característicos de uma Europa globalizada e apetecível para aqueles que um dia, por algum motivo, decidiram mudar o rumo das suas vidas em busca de algo promissor.

Seria difícil entender a sociedade atual se não explanássemos a evolução do país e dos seus fluxos migratórios desde o início século XX, destacando os momentos históricos mais marcantes. Acontecimentos que vão desde os fluxos transatlânticos às colónias ultramarinas, desde a colonização à descolonização, passando pela história mais recente, e igualmente marcante, da mudança de regime nos anos 70 e a adesão à União Europeia nos anos 80, ditaram condições sociopolíticas nacionais que concludentemente delinearão o país que somos hoje, promotor do direito à cidadania e equidade social.

Os projetos e trajetos migratórios que se traçaram ao longo dos anos criaram uma dinâmica estrutural na sociedade portuguesa, o que nos fez repensar no direito à cidadania e à justiça social e, deste modo, à forma como cada um de nós vivencia o fenómeno de integração de indivíduos com diferentes credos, etnias, ideologias políticas, tons de pele, entre outras “diferenças” que se fundem e nos tornam tão “iguais”.

Torna-se premente repensar uma abordagem ecológica dos processos de integração dos imigrantes e seus descendentes na sociedade atual, como se de um puzzle se tratasse, em que todos podem e devem ter um espaço onde se encaixar e, desta forma, potenciar diferentes sinergias de forma integrada e ajustada à realidade dos nossos dias, motivando os diferentes atores impulsionadores da coesão social.

Este estudo pretende constituir uma reflexão à integração de proximidade, com a valorização de uma ferramenta essencial que é a mediação intercultural, tornando assim pertinente esta peça de engrenagem num complexo sistema que move identidades e sentimentos de pertenças, viabilizando desta forma o diálogo intercultural.

Este trabalho pretende dar voz aos protagonistas, jovens imigrantes de segunda geração do leste da Europa, que nasceram no país de origem mas migraram e cresceram no país

de acolhimento, tecnicamente designados por geração 1.5. (Rumbaut, R. e Ima, K., 1988), através da captação da sua perspetiva de integração na sociedade portuguesa. Pretende-se uma visão holística que visa compreender os fatores condicionantes da integração social, da inclusão escolar, do acesso ao mercado de trabalho e da construção de identidades e sentimentos e pertença dos jovens imigrantes.

Este estudo adota uma planificação metodológica que passa por um paradigma interpretativo de abordagem qualitativa, com a realização de entrevistas efetuadas pela autora que, permitem explorar e flexibilizar a recolha de dados, adaptando um guião pré estabelecido ao diálogo com os intervenientes, às suas vivências e à sua história de vida. Este método, possibilita um tratamento de dados indutivo e compreensivo, enriquecido posteriormente com sentimentos e emoções captados pela entrevistadora, que facilitam a interpretação e análise dos conteúdos.

Para a execução deste projeto contamos com a realização de entrevistas a um grupo de jovens imigrantes, residentes no distrito de Leiria. Pretendemos com este grupo, realizar um estudo que permita ouvir os testemunhos contados pela primeira pessoa, das suas vivências e do impacto que a decisão de emigrar dos pais teve na sua vida familiar, escolar, profissional, cultural e social.

Reclama-se a mediação intercultural e a sua implementação em territórios multiculturais, que se impõe como uma estratégia nacional, pacificadora da (con)vivência de jovens com identidades compósitas, fruto da diversidade de culturas e subculturas. Torna-se por isso pertinente um plano de estratégias sinérgico, que vise uma intervenção que permita a fixação a longo prazo ou definitivo no nosso país, ou, poderá ser equacionada, por estes, a vontade de imigrar para outro país ou, até mesmo, o retorno ao seu país de origem.

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### CAPÍTULO 1 - PORTUGAL ENQUANTO PAÍS DE MIGRAÇÕES

O fenómeno migratório português faz parte integrante da realidade económica e social mundial, envolvendo sempre um processo de dupla direcção - os que partem e os que chegam. As migrações são um fenómeno que consiste no movimento de indivíduos ou grupos para uma nova área ou país, por razões socioeconómicas, étnicas, religiosas ou ambientais, por um período substancial de tempo. Segundo Castles (2005), aos que partem e deixam o seu país para acolherem outro, designamos por emigrantes, aos que chegam e entram no nosso país passando a ser o seu país de acolhimento, designamos por imigrantes. No fundo os nossos emigrantes são também eles imigrantes no país que os acolhe, assim como, os nossos imigrantes são emigrantes no seu país de origem.

Portugal tem sido caracterizado por uma longa história de emigração, com fluxos intensos no início do séc. XX que se dirigiram para destinos transatlânticos, como o Brasil, Venezuela e mais tarde a América do Norte.

Na década de 50, segundo Horta (2011), com a reconstrução pós guerra da Europa e o consequente crescimento económico dos países afetados pelo conflito, assiste-se a uma intensificação das emigrações portuguesas para a Europa Central e do Norte, que a autora intitulou "êxodo massivo de portugueses". A Europa encontrava-se em plena ascensão industrial, originando fluxos de mão-de-obra dos países periféricos, como Portugal, Espanha, entre outros, para os países industrializados, inicialmente com mais expressão para a Alemanha e França, estendendo-se posteriormente ao Luxemburgo, Grã-Bretanha e Holanda, países que embora com menos expressão se constituíram como destinos preferenciais da emigração portuguesa.

A estes fluxos de saídas, acresce o número significativo de cidadãos portugueses que, até à década de 70, migravam para os territórios ultramarinos coloniais.

Em meados dos anos 70, com as guerras coloniais e a crise económica pautada pela queda do preço do petróleo, que afeta especialmente os grupos mais vulneráveis, nomeadamente

os imigrantes, assiste-se a uma implementação de medidas de incentivo ao retorno aos países de origem, trazendo muitos dos emigrantes portugueses de volta ao seu país.

A partir de 1975 os fluxos migratórios caracterizam-se por um decréscimo da emigração, retorno de imigrantes, a repatriação dos portugueses residentes nas ex-colónias, bem como pela primeira vaga de fluxos imigratórios oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). (Horta, 2011:233)

A mudança do regime político da década de 70, bem como a independência das colónias africanas, tornam os fluxos de entrada significativos, não só de portugueses que regressam à metrópole, mas também de cidadãos africanos, nomeadamente moçambicanos, angolanos e cabo-verdianos. A evolução positiva destes últimos grupos de imigrantes, a que se juntam os imigrantes brasileiros, permite afirmar que:

A adição de todos os imigrantes provenientes de um país de língua portuguesa mostra que este grupo de países representa, em 1999, aproximadamente 55% da população estrangeira a residir legalmente em Portugal, o que constitui um importante indicador do significado do passado colonial português e da manutenção de contactos sociais e culturais entre estes países e Portugal, na constituição e consolidação deste fluxo migratório. (Marques e Góis, 2011:217).

No início do século XXI, Portugal continua a ser marcado pela entrada de imigração proveniente de países terceiros, nomeadamente de países lusófonos, como as ex-colónias portuguesas em África e Brasil. A evolução significativa do número de imigrantes permitiu o desenvolvimento de diferentes comunidades de imigrantes, sendo, em 2000, as mais numerosas a comunidade cabo-verdiana e a brasileira.

Outras comunidades ganharam também expressão significativa, devendo-se esse fenómeno à adesão de Portugal à comunidade europeia, em 1986, e à subsequente livre circulação de bens e pessoas, e à queda do bloco soviético. Particularmente relevante foi o crescimento da imigração da Europa de leste, caracterizada por fluxos migratórios de trabalho, com maior expressão por parte de imigrantes oriundos da Ucrânia.

Estes imigrantes de leste, procuram em Portugal uma ascensão económica e conseqüentemente um nível de vida superior ao dos países de origem, uma vez que estes

países se encontram em crise política e económica, como teremos oportunidade de desenvolver no ponto 1.1.

São estes fenómenos que pautam a migração contemporânea e a tornam uma realidade complexa de entradas e saídas dos países, não só por causas económicas, mas também porque muitos são desenraizados ao fugir de conflitos, de regimes tirânicos, da exploração e da violação dos direitos humanos.

Nesse sentido, os migrantes são hoje, como no passado, sujeitos às condições sociopolíticas dos países, sendo os fluxos influenciados muitas vezes por questões mais complexas, em que a migração, mais do que uma opção, é uma necessidade.

Assistimos assim, segundo Tapinos e Delaunay (2002), a grandes deslocamentos humanos e à situação paradoxal contemporânea, num mundo que está conectado e em que os fluxos financeiros e comerciais são liberalizados. Já os fluxos migratórios encontram-se excluídos desta globalização por políticas restritivas e questões étnicas, propiciando assim assimetrias que incluem indivíduos e populações e, simultaneamente excluem outros. (Tapinos e Delaunay, citado em Ocampo, 2002:243).

Dos movimentos migratórios contemporâneos, salientam-se ainda aqueles que se realizam dentro da União Europeia. E estes caracterizam-se pelos cidadãos que se movimentam livremente de país para país, protegidos pela livre circulação entre fronteiras sem necessitarem de passaporte, com exceção para aqueles que têm medidas cautelares, por serem identificados como criminosos ou foragidos à lei. Em Portugal, é exigido aos cidadãos da União Europeia (e aos cidadãos dos Estados parte do Espaço Económico Europeu) um registo efetuado na autarquia da área de residência, caso o cidadão pretenda permanecer em Portugal por um período superior a três meses, de forma a permitir o controlo das suas deslocações ou locais de fixação (Lei nº 37/2006, de 9 de agosto). Estes Registos de Cidadãos Europeus são igualmente úteis para os controlos policiais e organizações como a Interpol.

### *1.1 PORTUGAL ENQUANTO PAÍS DE ACOLHIMENTO DA EUROPA DE LESTE*

A partir dos anos oitenta a Europa do Sul tem vindo a reconfigurar-se no que concerne aos fluxos migratórios, transformando-se num destino de imigração atrativo para o leste da Europa, fruto das desigualdades económicas entre o sul e o leste. Portugal, assim como os restantes países da Europa do Sul, segundo Baganha e Góis (1999), caracterizava-se por ser uma área emissora de migrantes, aprovisionando os países economicamente mais desenvolvidos, deficitários de mão-de-obra. Com a alteração dos fluxos e a atração dos imigrantes focada em países como Portugal, Espanha, Itália e Grécia, no início dos anos 90 verificou-se que um milhão e quatrocentos mil imigrantes optaram por estes destinos de acolhimento. Os autores consideram ainda relevante o facto de existirem entre um milhão e trezentos mil ou um milhão e quinhentos mil de imigrantes ilegais, dificilmente contabilizados por não haver registos oficiais. (Baganha e Góis, 1999).

Estes números impõem-se politicamente, exigindo um olhar atento às questões sociais, jurídicas e económicas, de forma a poder compreender toda a amplitude desta situação. Os órgãos de decisão nesta matéria procuram explicações que, em grande parte, estão intrinsecamente ligadas à situação mundial, “o mundo dos anos oitenta e noventa é muito diverso [...] convulsões políticas, instabilidade social e graves conflitos étnicos a Leste; sangrentos conflitos religiosos, pobreza, e guerra em África são alguns dos fatores que mudaram recentemente o mundo” (Baganha e Góis, 1999:254).

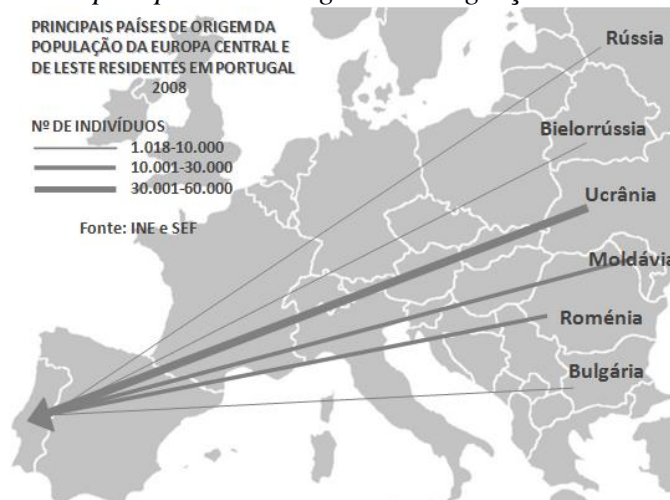
No caso Português registou-se, a partir do final do século XX, um aumento do número de entrada de imigrantes do leste da Europa, facilitado não só pelos motivos já referidos que acentuaram as diferenças geoeconómicas, mas também pela falta de controlo na emissão de vistos, pelo tráfico de pessoas e pela adesão de Portugal à comunidade europeia. Esta última facilita o acesso dos imigrantes de países terceiros ao espaço Schengen e a Portugal. Como referem Baganha e colaboradores (2010:13),

No contexto das migrações internacionais a Ucrânia tornou-se nos últimos anos um importante país de origem de migrantes. Tal fica a dever-se, por um lado, à situação frágil do país e, por outro, à necessidade de forças de trabalho por parte de vários países de destino. Num curto espaço de tempo os imigrantes ucranianos tornam-se um grupo importante de imigração em alguns países da União Europeia.

Estes fluxos migratórios do leste da Europa, segundo Baganha, Marques e Góis (2010), começam a ter expressão, principalmente para colmatar a necessidade de mão-de-obra dos setores em expansão da construção civil e obras públicas, trazendo ao panorama das migrações um novo fenómeno imprevisível de recrutamento no leste da Europa.

Esta procura súbita de destinos de imigração no sul da Europa, ocorreu com o auxílio de organizações de tráfico organizado de pessoas, muitas vezes dissimulado sob a forma de “agências de viagem”, que disponibilizavam pacotes de viagem e emprego no país de destino. Esta situação, juntamente com a falta de controlo na atribuição de vistos, veio engrossar os fluxos migratórios com destino a Portugal (Baganha, Marques e Góis, 2010).

Ilustração 1. *Principais países de origem das migrações de leste em Portugal*



Fonte: Pires e colaboradores (2010:57)

O acréscimo significativo destas redes de migração, deu origem a um número elevado de cidadãos estrangeiros em situação irregular, habitualmente designados por imigrantes ilegais. Esta situação tornou pertinente a aprovação de um regime excecional para regularizar os imigrantes que se encontravam em situação irregular no país, devendo os interessados apresentar uma manifestação de interesse, nos termos do nº 2 do artigo 88º ou artigo 89º da Lei 23/2007, de 4 de julho, facilitando desta forma a obtenção de autorizações de residência para trabalho subordinado ou em nome individual. Estes processos de carácter excecional, são propostos individualmente, ao diretor do centro de contactos do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, pelo cidadão estrangeiro que preencha, além das demais condições gerais previstas na lei, as seguintes condições: contrato de

trabalho ou relação laboral comprovada; entrada legalmente em território nacional; inscrição e situação regularizada na segurança social. Esta possibilidade de regularização da lei da imigração Portuguesa, veio aumentar exponencialmente o número de imigrantes legais, possibilitando a estes também regularizar os seus familiares, como poderemos aferir no ponto 1.2.

Os fluxos de entrada de imigrantes do Leste foram de tal modo significativos que, entre 1999 e 2002, o topo do ranking das migrações de países terceiros deixa de ser liderado por cabo-verdianos, passando a ser liderado por os imigrantes do leste europeu, em especial os de nacionalidade ucraniana. De salientar que no auge deste fluxo, em 2001, foram concedidas, ao abrigo do artigo 55 do decreto-Lei 4/2001 de 10 de janeiro, 126.901 autorizações de permanência a imigrantes ilegais, sendo que destes 56 % eram do leste da Europa e 36 % de indivíduos de nacionalidade Ucraniana. (Baganha, Marques e Góis, 2010:13)

Tabela 1. Residentes Nacionais de Países Terceiros em Portugal em 1999

Nacionais	Residentes
Cabo Verde	43797
Brasil	20887
Angola	17695
Guiné-Bissau	14140
EUA	7975
S. Tomé e Príncipe	4795
Moçambique	4503
Venezuela	3412
China	2733
Canadá	2012
Total de Países Terceiros	138467
Total da UE	52429
Total de Estrangeiros Residentes	190896

Fonte: SEF, Estatísticas 1999 cit. em Baganha e colaboradores (2005)

Tabela 2. Residentes Nacionais de Países Terceiros em Portugal em 2002

Nacionais	Residentes
Ucrânia	62041
Cabo Verde	60368
Brasil	59950
Angola	32182
Guiné-Bissau	23349
Moldávia	12155
Roménia	10938
S. Tomé e Príncipe	9208
China	8316
EUA	8083
Total de Países Terceiros	347302
Total da UE	66002
Total de Estrangeiros Residentes	238746
Nº. de Autorização de Permanência, 2001 – 126901	
Nº. de Autorizações de Permanência, 2002- 47657	
*nota: Inclui detentores de autorização de residência e de permanência para 2001 e 2002	

**Fonte:** SEF, Estatísticas 2001 e 2002 cit. em Baganha e colaboradores (2005)

Os imigrantes de leste, na década de 90 e início do Século XXI, segundo Valadas e outros (2014), vieram suprir a grande procura do mercado de trabalho Português. As oportunidades laborais emergentes inicialmente eram preenchidas por imigrantes dos PALP<sup>1</sup>, mas rapidamente começaram a ser recrutados imigrantes do leste da Europa, para as atividades que não obtinham resposta por parte dos trabalhadores nacionais, contribuindo, deste modo, para “substituir os trabalhadores nacionais” (Baganha, 1998: 374).

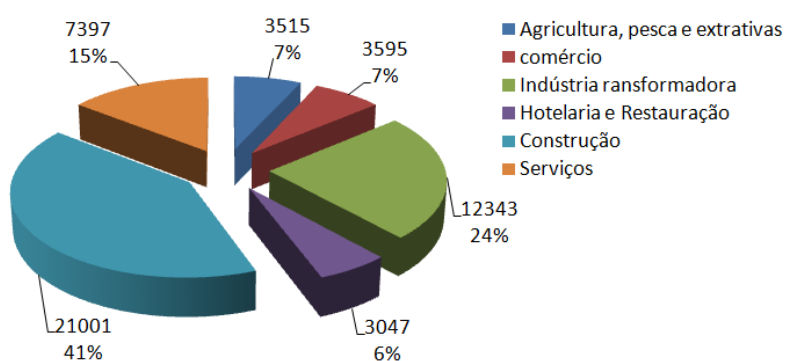
Os imigrantes de leste maioritariamente ucranianos, segundo Fonseca (2005), constituem uma fonte de recrutamento intensivo para os sectores da construção civil e obras públicas, no caso dos homens, e nas limpezas domésticas, no caso das mulheres, sendo ainda de referir a restauração e o comércio. Nestes setores a integração laboral é muitas vezes conseguida por redes de sociabilidade informais, constituídas por amigos e familiares já fixados no país de acolhimento, o que facilita a obtenção do primeiro emprego, perdendo significado as redes iniciais formadas pelas “agências de viagens” e ganhando relevância outras formas facilitadoras de integração, como referem Baganha, Marques e Gois, (2005:39)

<sup>1</sup> PALP – Países Africanos de Língua Portuguesa.

42 por cento obteve o seu primeiro emprego através da ajuda de familiares, amigos ou compatriotas já estabelecidos em Portugal, 22 por cento através de um angariador de mão-de-obra, 4 por cento através de uma «agência de viagens» sediada no país de origem e só 14 por cento encontrou o seu primeiro emprego por si próprios [...] 44 por cento dos inquiridos declarou ter pago a um intermediário para obter o seu primeiro emprego.

Esta população imigrante integra-se profissionalmente com auxílio dos intermediários referidos nos setores de mão-de-obra não qualificada, celebrando contratos que lhes permitam a aquisição e manutenção das autorizações de residência para exercício de atividade laboral (gráfico 1).

Gráfico 1. *População imigrante ucraniana com contratos registados para obtenção de autorização de permanência, por sector de atividade.*



Fonte: Inspeção Geral do Trabalho (2002) cit. em Sousa (2006:79)

De acordo com o gráfico é possível verificar que o setor predominante é o da construção civil registando cerca de 21001 (41,3%), reforçando a ideia da integração em profissões de mão-de-obra não qualificada. Seguido da indústria transformadora com 12343 (24,3%). Na terceira posição os serviços com 7397 (14,5%). As restantes atividades no comércio 3595, 7,1%; agricultura e pesca 3515 (6,9%) hotelaria 3047 (76,0%) dos contratos registados.

A inserção laboral da população imigrante tem vindo a evoluir, deixando de ser estereotipada com uma concentração sectorial (homens na construção civil e mulheres nos serviços domésticos) para uma dispersão em diferentes setores e profissões, associada aos grupos de nacionalidades (Valadas, Góis e Marques, 2014). Os Imigrantes de leste,

embora continuem a ocupar profissões similares aos PALP, têm características distintas no que concerne às qualificações académicas.

Esta população imigrante de leste evidencia características atrativas para as entidades patronais, nomeadamente a manifesta disponibilidade para trabalhar sem horários fixos, aos fins-de-semana e com remunerações baixas, verificando-se mais frequentemente nas mulheres a inexistência de contrato de trabalho. Segundo os resultados apresentados por Baganha, Marques e Góis (2005:41), “estamos perante uma população que trabalha longas horas, auferem salários relativamente baixos, tem vínculos laborais extremamente precários e exhibe elevados índices de informalidade económica”.

Os autores referem, ainda, que esta população imigrante do Leste encontra-se ativa em sectores menos qualificados comparativamente àqueles em que exerciam a sua profissão no país de origem, logo a estrutura ocupacional portuguesa perde uma oportunidade de se requalificar, desperdiçando o nível de formação e qualificações destes imigrantes.

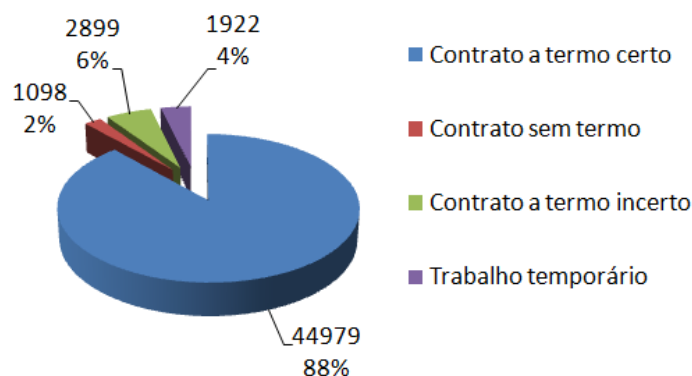
Apesar de frequentemente, não obterem equivalências académicas e profissionais, estes trabalhadores consideram ser vantajoso o salário que auferem em Portugal, uma vez que este é muito superior ao do país de origem que, em 2002, rondava os 100 euros/mês (Baganha, Marques e Góis, 2010). De salientar a importância para os imigrantes de estabelecer contratos de trabalho com a entidade empregadora, certificados pela ACT - Autoridade para as Condições do Trabalho, de modo a assegurarem os seus direitos enquanto trabalhadores como refere a Lei n.º 20/98, de 12 de maio, que legitima a igualdade de condições de trabalho com os nacionais.

A Lei n.º 20/98, de 12 de Maio, que estabeleceu a regulamentação do trabalho de estrangeiros em território português, consagrando para os cidadãos estrangeiros com residência ou permanência legal no território português a igualdade de condições de trabalho com os trabalhadores de nacionalidade portuguesa, sujeita a contratação de trabalhadores estrangeiros ao cumprimento de algumas formalidades, das quais isenta as situações em que forem parte no contrato trabalhadores nacionais de alguns países cujo estatuto impõe tal ressalva (Boletim do 17 Trabalho e Emprego 1.ª SÉRIE - Ministério do Trabalho e da Solidariedade).

Os imigrantes estabelecem contratos de trabalho com as entidades empregadoras, sendo que, 44979 (88, 4 %) dos imigrantes ucranianos têm contratos a termo certo com as

entidades empregadoras, à semelhança da restante população imigrante, seguindo-se os contratos a termo incerto 2899 (6%) o contrato de trabalho temporário 1922 (4%). Os contratos sem termo, são os menos significativos representando apenas 1098 (2%), o que demonstra a precariedade do vínculo laboral da população imigrante.

Gráfico 2. População imigrante ucraniana com contratos registados para obtenção de autorização de permanência e por tipo de contrato.



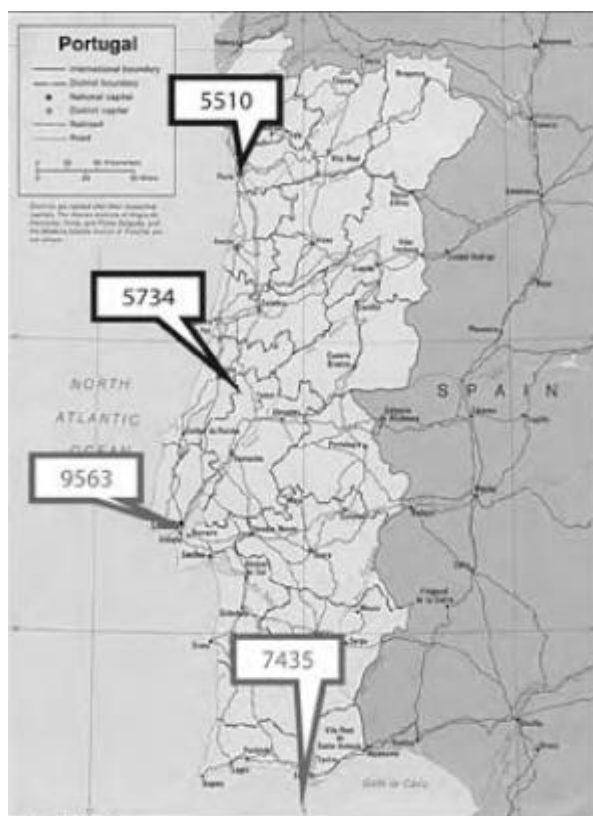
Fonte: Inspeção Geral do Trabalho (2002) cit. em Sousa (2006:80)

De referir, ainda, que, inicialmente, muita mão-de-obra imigrante para além de ilegal, era precária, uma vez que as entidades empregadoras exploravam os trabalhadores, por estes não serem portadores de títulos válidos para exercício de atividade profissional e consequentemente não poderem estabelecer contratos de trabalho. Segundo Valadas, Góis e Marques (2014), houve a necessidade de promover a legalização destes imigrantes que já residiam em Portugal, e trabalhavam maioritariamente nos setores da construção e obras públicas, através do Decreto-lei nº 4/2001 de 1 de janeiro. Este decreto-lei respondia às exigências colocadas pelos sectores mais deficitários em mão-de-obra, resultando

numa abertura sem precedentes a mão-de-obra imigrante que acabaria, quase toda, por ter origem numa migração irregular (entrada no país com visto de curta duração e inserção rápida no mercado de trabalho, seguida de uma posterior legalização extraordinária por via dessa mesma inserção laboral.) Valadas, Góis e Marques (2014:47).

A distribuição geográfica desta população imigrante em Portugal segue, na sua maioria, a tendência das outras comunidades imigrantes “mais de 50% da população imigrante ucraniana, 28242 indivíduos, encontram-se nas cidades (por ordem decrescente de número) de Lisboa, Faro, Leiria e Porto” (Sousa, 2006:79).

Ilustração 2. *Concentração da população imigrante ucraniana*



Fonte: Inspeção Geral do Trabalho (2002) in Sousa (2006:78)

Nota: locais onde existem números superiores a 5000 indivíduos.

É também importante referir algumas particularidades desta população imigrante de leste como, por exemplo, a ucraniana que optou por fixar-se em número significativo no distrito de Leiria, contrariamente às grandes comunidades de imigrantes que optaram pelo distrito de Lisboa e Setúbal.

Na decisão do local de fixação à chegada ao país, verificava-se uma influência relevante das estruturas intermédias de suporte a estes imigrantes que, passavam pelas redes familiares e de vizinhos. Uma das práticas difundidas era “o «alojamento em famílias», em que um conjunto de imigrantes com a mesma origem partilhava a mesma casa [...] deste modo ultrapassavam o obstáculo das altas rendas de habitação em Portugal” (Baganha, Marques e Góis, 2010:17). As famílias facilitavam igualmente o acesso ao mercado de trabalho dos recém-chegados, através das entidades patronais para as quais já trabalhavam os imigrantes fixados há mais tempo em Portugal.

A pertinência deste estudo incidir especificamente na população do leste da Europa que reside no distrito de Leiria, deve-se ao facto desta comunidade de imigrantes ter nesta região uma dimensão relevante quando analisada a sua distribuição global pelo país. Leiria é um distrito localizado no centro do país e junto à costa, gozando de alguns atrativos devido a esta localização geoestratégica, acrescido de uma boa rede viária com ampla oferta empresarial e turística, constituindo-se como zona atrativa para a fixação de pessoas capitais e investimentos. Destaca-se no contexto nacional pela estrutura produtiva, nomeadamente nas atividades económicas ligadas à área do comércio, da construção e da indústria transformadora (vidro, plástico, moldes, entre outros) (Oliveira, 2010). Segundo a mesma autora,

Em Dezembro de 2002, estavam sediadas e em actividade no distrito 15,878 empresas no concelho, 4892 (INE, 2002). Apesar de maioritariamente pequenas e médias, a aposta na inovação, na internacionalização e na competitividade, caracterizam o dinamismo do tecido empresarial, traduzido no maior número de empresas certificadas em Portugal (até ao ano de 2002 - INE, 2002). (Oliveira, 2010:123).

À semelhança de outras comunidades imigrantes, a comunidade de imigrantes de leste fixada em Leiria é composta maioritariamente por ucranianos, e apresenta características sociodemográficas típicas das migrações económicas, que procuram oportunidades de trabalho, ascensão económica e facilidade de regularização da situação que lhes permita trabalhar legalmente.

Esta comunidade quando comparada com as fixadas noutros pontos do país, aponta como maior *handicap* a língua portuguesa e a falta de equivalências académicas, no entanto, o reconhecimento de habilitações não é impeditivo da sua integração no mercado laboral, uma vez que ocupam, de forma preponderante, atividades que não requerem qualificação.

As redes intermediárias, formais e informais, facilitaram a fixação deste volume de imigrantes no distrito de Leiria, que, à semelhança de outras se fixaram em Portugal, encontraram um sistema de solidariedade e entreajuda, junto dos compatriotas já fixados. Segundo as conclusões de Oliveira (2010), esta comunidade tem níveis de satisfação elevados quanto à sua integração, afastando a possibilidade de retorno prematuro aos países de origem, muitos demonstram intenção de permanecer em Portugal a longo prazo, outros ainda definitivamente.

As características da comunidade imigrante, assim como, a reflexão sobre o papel da família no projeto migratório e posteriormente na dinâmica de integração sociocultural dos filhos dos imigrantes, tornam-se pertinentes neste estudo, uma vez que se pretende perceber de que forma os descendentes destes imigrantes se integram na sociedade portuguesa e até que ponto criam identidades e sentimentos de pertença que influenciem a sua vontade de permanecer em Portugal.

## 1.2. FAMÍLIAS MIGRANTES

A família é entendida como um grupo de indivíduos que mantém laços de parentesco, por afinidade, entre casal, ou por filiação, entre pais e filhos. A constituição de uma família é um direito consagrado no artigo 16º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que prevê que, “A partir da idade núbil, o homem e a mulher têm o direito de casar e de constituir família, sem restrição alguma de raça, nacionalidade ou religião. [...] A família é o elemento natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção desta e do Estado” (Diário da República, I Série A, n.º 57/78, de 9 de Março de 1978).

Roberto Carneiro, entende que todo o ser humano encontra na família o seu habitat natural, devendo o estado protegê-la de modo a proporcionar o bem-estar dos indivíduos na sociedade. A família é

a primeira de todas as comunidades onde nos tornamos humanos e cultivamos a humanidade como princípio de sustentabilidade. Mesmo quando nómadas, os seres humanos faziam-se acompanhar, na sua mobilidade, de todo o agregado familiar e do seu *corpus* mais próximo de pessoas que corporizavam a sua teia de afetos. (Carneiro, 2005:11).

No entanto, quando se pretende abordar o tema de famílias imigrantes, a tipificação torna-se um pouco mais complexa, uma vez que, segundo Fonseca (2005), estas são extremamente heterogêneas e conseqüentemente difíceis de caracterizar. Assim, a tendência é optar-se por um modelo de “família Nuclear”, que embora seja utilizado de forma indiferenciada é adotado quando as famílias se encontram no país de acolhimento.

Na realidade, esta situação verifica-se tendo em consideração que as famílias, quando assumem a opção de emigrar, terem de ponderar quem e como o vão fazer, tendo sempre

em conta os condicionantes e dificuldades por que irão passar, nomeadamente no que concerne à legalização, à integração no mercado de trabalho, ao alojamento, à saúde, à integração escolar, ao constrangimento da língua e da cultura da sociedade de acolhimento, entre outros fatores, barreiras que se forem encaradas por um indivíduo isolado, poderão ser mais facilmente ultrapassadas do que se este se fizer acompanhar por todo o seu agregado familiar.

As famílias imigrantes do leste da Europa são um exemplo disso, optavam frequentemente pela imigração de apenas um dos elementos, normalmente o homem, para se estabelecer e criar condições no país de acolhimento. Este facto devia-se essencialmente à falta de redes de suporte significativas à imigração para Portugal, o que levava a que só mais tarde se procedesse ao reagrupamento familiar. (Fonseca e colaboradores, 2005).

Nesse sentido percebeu-se que a propagação das comunidades de imigrantes viria a facilitar a integração das famílias recém-chegadas, proporcionando-lhes melhores condições de fixação, uma vez que já contavam com o apoio dos seus compatriotas. Estas redes, sociais, financeiras e emocionais, com suporte familiar, verificaram-se essenciais para a evolução dos fluxos migratórios ao longo dos anos, uma vez que

O elevado risco inicialmente envolvido diminui para cada indivíduo, à medida que mais familiares e amigos imigram. Isso sucede porque a maior densidade das redes migratórias proporciona aos potenciais migrantes informação cada vez mais fiável acerca das oportunidades e perigos associados ao local de destino e ao processo migratório. Os membros de uma mesma rede proporcionam auxílio em aspetos como a procura de emprego ou de local de residência. Isto favorece a opção de migrar, tornando-a cada vez mais provável. (Curran e Saguy, 1997:60).

Se analisarmos especificamente a composição do sexo desta vaga migratória proveniente do leste da Europa, verificamos que a população imigrante apresenta uma prevalência do sexo masculino, sendo

a relação de masculinidade é de 168 para imigrantes provenientes da Rússia, 437 para os da Ucrânia e 485 para os de origem Moldávia. [...] no entanto, é preciso assinalar que 90,1% dos homens ucranianos foram o primeiro membro

da família a chegar a Portugal, enquanto que para as mulheres esse valor se reduz para 54%. (Baganha e colaboradores, 2010:34).

O estudo efetuado por Baganha e colaboradores conclui ainda que a maioria dos imigrantes é casada, o que indica que a decisão de imigrar passou por uma estratégia familiar, em que o processo passa primeiro pela vinda do homem, seguindo-se a mulher e os filhos, denotando-se que a imigração masculina precedeu temporalmente a feminina.

O seguinte quadro de atividade profissional de homens e mulheres, nacionais e estrangeiros, na União Europeia, vem também confirmar que os processos migratórios, se caracterizam pelo estereótipo do imigrante individual do sexo masculino, que procurava no país de destino emprego para sustentar a família que permanecia no país de origem, facto que se tem vindo a desvanecer (Fonseca, 2005).

Tabela 3. *Taxa de Atividade e Desemprego da População Nacional e Estrangeira nos Países da UE, por Género (media dos valores para 2000 e 2001)*

País de origem	Taxa de atividade (%)				Taxa de desemprego (%)			
	Mulheres		Homens		Mulheres		Homens	
	Nacionais	Estrangeiros	Nacionais	Estrangeiros	Nacionais	Estrangeiros	Nacionais	Estrangeiros
Áustria	62,4	63,3	78,9	85,1	3,9	8,6	3,9	8,4
Bélgica	57	41	73,3	72,4	7	16,5	4,6	14,2
Dinamarca	76,2	53	84	71,2	4,9	7,2	3,6	12,2
Finlândia	74,6	60,2	79,4	83,1	11,2	29,9	10	24,2
França	63,3	48,6	75,1	76,6	10,7	23,9	7,1	17,1
Alemanha	64,7	50,7	78,9	77,6	7,8	11,7	7,2	13,4
Grécia	49	56	76,2	89,2	16,2	17,6	7,2	7,6
Irlanda	55,9	56,2	79,2	77	3,8	6,2	4,1	5,1
Itália	46,6	50,7	73,6	87,7	13,9	21,3	8	7,4
Luxemburgo	47,7	57,7	74	79,7	1,7	3,8	1,2	2,5
P. Baixos	67,7	49	84,9	69,5	2,9	7	1,9	4,7
Portugal	64	65,3	79	81,5	5,1	9,6	3,1	8,4
Espanha	50,9	59,1	77,3	85,4	19,8	17,2	9,3	12,9
Suécia	74,2	60,3	78	63,1	4,6	13	5,5	16,1
R. Unido	68,4	55,8	83,1	75,6	4,4	7,9	5,5	9,8

Fonte: SOPEMI (2002:61)

Creese e colaboradores (1999) referem que as mulheres têm vindo de forma gradual a criar redes de solidariedade, recorrendo a familiares e amigos no país de acolhimento,

colmatando desta forma as pressões das tarefas de responsabilidade parental, deixando espaço para a integrar no mercado de trabalho.

Estas mulheres têm sido as grandes motivadoras da reunificação familiar. Nesse sentido, Pedone (2004) relaciona as mudanças do mercado de trabalho com o aparecimento de nichos para o trabalho feminino, assim, “a existência dum mercado e dum nicho apropriado é fundamental para a inserção da mulher imigrante, e este nicho está geralmente vinculado ao trabalho doméstico e à assistência a doentes ou idosos” (Pedone, 2004, citado em Padilha, 2007:115).

Estas características vieram acentuar o número de mulheres que compõem os fluxos de imigração, que à medida que viabilizam a sua integração no mercado laboral e, consequentemente independência financeira, segundo Padilha (2007) as liberta de uma cultura sexista e conservadora, aumentando a tendência de imigrarem sozinhas ou em família, mas nem sempre liderada pelo marido.

Quebra-se a ideia generalizada de que as mulheres desempenhavam, até há pouco tempo, um papel invisível no panorama das migrações internacionais. Segundo Boyd e Grieco (2003), a imigração era considerada de forma homogénea, não dando relevância ao género, ao estrato social ou etnia. Numa outra perspetiva, Lee (1996 citado em Boyd e Grieco, 2003), considerava-se que as mulheres não eram significativas e tinham uma participação menor nas migrações, porque não tinham qualificações para o trabalho, cingindo-se ao papel de esposas e dependentes dos homens. Este facto era atribuído à subserviência das mulheres, não só relativamente ao homem mas também à forma como a sociedade e a cultura as viam, em que ficariam em casa com os filhos, não integravam o mercado de trabalho e, consequentemente, tinham mais dificuldade em regularizar a sua situação, nomeadamente na obtenção de títulos que lhes permitissem trabalhar, escapando aos recenseamentos de imigrantes. Como afirma Assis (2007:748),

Enquanto os homens são representados como aqueles que vinham em busca de trabalho, as mulheres não foram inicialmente representadas como trabalhadores imigrantes, e sim como aquelas que acompanhavam maridos e filhos. Dessa forma, nunca eram percebidas como sujeitos no processo migratório.

Os estudos de género vêm desta forma ganhar cada vez maior notoriedade, no sentido de que tornam pertinente clarificar as semelhanças e as diferenças na análise da imigração. A pioneira em estudos de imigração feminina Pierrette Hondagneu-Sotelo (1995) afirma “os estudos de género têm progredido muito desde o início, onde se enfatizava apenas a “mulher imigrante”, até à posterior consideração que examina o género, ou seja, estuda homens e mulheres com “gendered actors” na imigração”. (Pierrette Hondagneu-Sotelo citada em Padilla, 2007:113).

A autora alerta desta forma que não é viável realizar um estudo sobre imigração sem que as questões de género sejam esplanadas nas suas diversas vertentes, desde as políticas migratórias à integração profissional e cultural, tornando desta forma pertinente as questões étnicas e sexuais que condicionam a inserção desta população no mercado de trabalho.

Atualmente assiste-se a uma crescente feminização das migrações, provocando um decréscimo das famílias dependentes, “... e um aumento de mulheres que revelam autonomia de movimentos ou que estão à cabeça do agregado familiar.” (Castles, 2005:31).

Neste sentido, as migrações contemporâneas valorizam a família, sendo a migração uma decisão partilhada, o que levou a uma nova abordagem deste fenómeno: “A imigração é encarada conceptualmente como uma decisão coletiva que se enquadra numa estratégia que visa sustentar e melhorar a situação da família, através da simultânea maximização dos rendimentos e minimização do risco.” (Fonseca e colaboradores, 2005:29). Assiste-se assim atualmente a uma migração que integra uma perspetiva familiar, levando a esta nova abordagem, que passa pertinentemente pelas condições de integração dos descendentes destes imigrantes e pela perceção das suas vinculações à sociedade portuguesa.

Outro fator determinante, e que não deve ser minorado na decisão de imigrar das famílias, é a política nacional dos respetivos países de origem, as quais “podem influenciar a migração através da existência de regras de saída proibitivas, seletivas, permissivas, de encorajamento ou até de expulsão” (Boyd, e Grieco, 2003). Por outro lado, e não menos importante, tem de se considerar que as políticas no país de acolhimento também

influenciam a vinda e integração dos familiares, que só posteriormente têm intenção de se juntar ao elemento da família que liderou a decisão de imigrar.

No caso específico de Portugal, a lei da imigração (Lei nº 23/2007, de 4 de julho alterada pela Lei nº 29/2012, de 9 de agosto), aprova o regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional), prevê no nº. 2 do Artigo 98º e Artigo 100º do REPSAE<sup>2</sup>, conjugado com o artigo 67º do DR nº. 2/2013, a emissão de autorizações de residência para reagrupamento familiar, sendo esta uma via de entrada legal para os cidadãos estrangeiros em Portugal que preencham os seguintes requisitos:

#### Artigo 98º - Direito ao Reagrupamento Familiar

- 1 – O cidadão com autorização de residência válida tem direito ao reagrupamento familiar com os membros da família que se encontrem fora do território nacional, que com ele tenham vivido noutro país, que dele dependam ou com ele coabitem, independentemente de os laços familiares serem anteriores ou posteriores à entrada do residente.
- 2 – Nas circunstâncias referidas no número anterior é igualmente reconhecido o direito ao reagrupamento familiar com os membros da família que tenham entrado legalmente em território nacional e que dependam ou coabitem com o título de uma autorização de residência válida.
- 3 – O refugiado, reconhecido nos termos da lei que regula o asilo, tem direito ao reagrupamento familiar com os membros da sua família que se encontrem no território nacional ou fora dele, sem prejuízo das disposições legais que reconheçam o estatuto de refugiado aos familiares.

A legislação vigente facilita o processo de concessão de autorizações de residência para reagrupamento familiar, que em muito contribui para reagrupar as famílias imigrantes da Europa de Leste, já que estes fluxos são caracterizados por uma imigração masculina inicial e, só *a posteriori*, o reagrupamento familiar.

<sup>2</sup> REPSAE: Regime de Entrada, Permanência e Saída de Estrangeiros

A vontade de reagrupamento dos imigrantes é agora considerada um fator determinante, por a família constituir um suporte essencial à integração dos mesmos, como rede de entreajuda, facilitadora da reprodução social e cultural.

Neste sentido, o Alto Comissariado reconhece este direito às famílias imigrantes como fator de proteção e integração aos imigrantes no país, e disponibiliza através de uma rede de gabinetes no CNAI<sup>3</sup> de apoio ao imigrante para agilizar os pedidos de reagrupamento familiar.

Relativamente ao panorama das políticas europeias de reagrupamento das famílias, Marques, Góis e Castro (2014), identificam alguns limites e desafios na aplicação da lei do reagrupamento familiar pelos diferentes Estados Membros, dando origem a críticas ao sucesso das políticas migratórias europeias. O que se verifica é que embora o esforço dos países da União Europeia para assegurar os direitos mínimos às famílias imigrantes através duma política comum, foram introduzidas em alguns estados condições rígidas por forma a aumentar o controlo do exercício do reagrupamento e, conseqüentemente, regular as entradas e estadias dos imigrantes. Deste modo, podemos aferir que “os interesses do indivíduo e os do estado não coincidem necessariamente, pelo que os direitos fundamentais podem, por vezes, estar, na prática, impedidos de ser realizados (United Nations, 1998)” (Marques, Góis e Castro 2014:29), deste modo, os interesses nacionais sobrepõem-se aos interesses das políticas comuns da União Europeia.

Podemos assim verificar no estudo dos autores que a União Europeia não pratica, neste âmbito, uma política comum, embora todos reconheçam politicamente a importância da família na estabilidade e integração dos imigrantes, assumindo que o reagrupamento pode ser propício à entrada de imigração legal, uma vez que quem entra no país pelo reagrupamento familiar tem o direito à obtenção da autorização de residência pelo familiar que já está em situação regular, constituindo-se assim como uma forma de se assegurar os direitos de unidade familiar e livre circulação (Perruchaud, 1989 citado em Marques e colaboradores, 2014).

Marques e colaboradores (2014) reforçam, ainda, o conceito de “família migrante” que, vai muito para além dos fatores de suporte emocional, económico e social, já

<sup>3</sup> CNAI: Centro Nacional de Apoio ao Imigrante

mencionados, atingindo um papel preponderante nas políticas de imigração, uma vez que, “o nível de proteção e acolhimento aos imigrantes é diretamente proporcional à abertura que o Estado tiver para com a sua família que se concretiza no direito ao reagrupamento familiar” (Marques e colaboradores, 2014:95).

As famílias migrantes constituem-se, assim, como um suporte primordial na integração e bem-estar do imigrante no país de destino, assumindo o reagrupamento familiar um papel relevante na concretização deste objetivo. Estas políticas estabelecem-se como uma das principais vias de entrada legal no território nacional, sendo visto como uma mais-valia para os imigrantes e para a integração dos seus descendentes, como se pode apurar no ponto 1.3. A pertinência da consolidação destas políticas de imigração é de extrema importância para o país, que desta forma promove uma sociedade mais acolhedora, viabilizando a diversidade cultural e a coesão social.

### *1.3. INTEGRAÇÃO DOS DESCENDENTES*

Integrar significa, “tornar inteiro”. A integração é utilizada para designar um “conjunto de processos de constituição de uma sociedade a partir da combinação das suas componentes, sejam elas pessoas, organizações ou instituições.” (Pires, 2012:56). Nas sociedades contemporâneas a integração torna-se relevante devido aos processos de diferenciação e individualização que compõem a diversidade cultural das sociedades atuais. Estes processos de integração dos descendentes de imigrantes, segundo Durkheim citado por (Boudon, 1995) são dinâmicos, evoluindo de forma contínua e morosa.

Nesta perspetiva, a integração da segunda geração de jovens descendentes de imigrantes da Europa de leste, torna-se pertinente ao nível da perceção que estes fazem das suas vinculações à sociedade portuguesa, uma vez que nasceram no seu país mas vieram crianças ou jovens para Portugal. Este grupo de imigrantes é identificado por Rumbaut e Ima (1988) como geração 1.5. Esta é caracterizada como sendo composta pelos descendentes de imigrantes que nasceram no país de origem e imigraram com os pais em criança, realizando a sua socialização no país de destino.

Os critérios de definição de descendentes de imigrantes estão em constante evolução, sendo explanados pelos autores Fernando Machado e Ana Matias (2006) da seguinte forma:

Os imigrantes jovens chegam à procura de melhores condições de vida e, até pela sua idade, não podem ter senão um tempo de residência relativamente curto. Nasceram e cresceram noutros países e estão a viver os primeiros anos de adaptação a um quadro sociocultural diferente, encontrando-se numa fase do ciclo migratório em que, como imigrantes laborais que são, o trabalho ocupa o centro das suas vidas. Os jovens filhos de imigrantes não são imigrantes, nem se pensam como tal. Nasceram ou chegaram em crianças ao país de acolhimento dos seus pais, cresceram aí, frequentaram ou frequentam as suas escolas, têm ao alcance um mercado de trabalho mais amplo e diversificado do que aquele que se oferece aos imigrantes, interiorizam referências culturais que são as das suas famílias, mas também as da sociedade de acolhimento, e têm estilos de vida que, em muitos, e para condição social idêntica, são os mesmos que observamos na juventude nativa. (Machado e Matias, 2006:4).

A integração desejável destes jovens em transição para a vida adulta, exige uma plena cidadania que permita a igualdade, de forma a que os descendentes de imigrantes possam sentir-se integrados, mantendo o orgulho nas suas origens sem terem que as ocultar junto da sociedade de acolhimento. Deste modo será minorando o efeito de fatores de exclusão que, inevitavelmente, poderão afetar o seu sentimento de pertença e identidade.

Perante a necessidade da integração na sociedade de acolhimento, a população de segunda geração de imigrantes depara-se por vezes com diferentes exigências consoante os diferentes setores da sociedade, educacional, cultural e económica. Segundo Viktoria Mirotshnik (2008), estes imigrantes do leste da Europa têm vindo a ser afetados pelas diferentes dimensões do meio, condicionando os seus valores e normas, induzindo-os de alguma forma a adaptar-se quanto às suas atitudes, comportamentos e práticas, exigindo-lhes uma reflexão sobre a diversidade social e cultural em que se inserem.

Esta integração tem implícita a “ideia de uma total transposição das problemáticas relativas aos imigrantes para os seus descendentes, assim como o princípio de uma concepção essencialista das identidades sociais” (Machado, 1994:120). Esta visão de

transposição de filhos para pais é redutora e simplista, uma vez que reflete valores e preconceitos pré-estabelecidos, desvalorizando a influência social e cultural da sociedade de acolhimento na identidade da segunda geração. É por esta razão que se torna pertinente abordar os modelos de gestão da diversidade cultural.

Tabela 4. *Modelos de gestão da diversidade cultural*

		Manutenção da identidade cultural de origem	
		Sim	Não
Adopção da identidade cultural dominante	Sim	Integração	Assimilação
	Não	Segregação	Exclusão

Fonte: Bourhis e colaboradores (1997:377)

Verifica-se através deste quadro que a questão da manutenção da identidade cultural de origem ou adoção da identidade cultural dominante está intrinsecamente relacionada com os processos de segregação e assimilação, e, conseqüentemente, com a integração ou exclusão dos imigrantes e dos seus filhos. As divergências inerentes à integração vão para além das características físicas, da cor, da etnia ou da cultura, apresentando diferenças consoante o país de acolhimento em questão. Se nos contextualizarmos na sociedade norte americana, Portes (1997) afirma que os imigrantes não são pobres independentemente da sua condição económica, simplesmente porque são avaliados enquanto imigrantes. Já os seus descendentes podem ser avaliados pela sociedade de acolhimento da mesma forma que são os filhos dos autóctones.

Em Portugal, segundo Possidónio (2006), os imigrantes embora sejam considerados estrangeiros, é-lhes assegurado um estatuto “provisório”, diferenciando-os dos portugueses com carências económicas. Já a segunda geração é frequentemente apelidada de “imigrantes”, apesar de muitas vezes já terem padrões mais próximos dos autóctones, perpetuando um sentimento estigmatizante que acompanha as diferentes gerações.

Segundo a mesma autora, o processo de integração ou exclusão dos descendentes dos imigrantes é complexo e diversificado, podendo passar por uma assimilação cultural da sociedade dominante, dissolvendo-os culturalmente na sociedade de acolhimento ou passar por uma auto segregação facilitadora do aparecimento de enclaves étnicos. Estes

enclaves étnicos são espaços geográficos onde se concentram grupos de imigrantes que partilham a mesma cultura, criando uma zona residencial que funciona como uma rede de suporte e integração e interajuda (Possidónio, 2006). No seu estudo, sobre “identidade e manutenção da cultura étnica”, Scott (2010b) concluiu que as comunidades imigrantes fomentam uma força moral e normativa como forma de defesa à assimilação. Refere ainda o exemplo dos descendentes de imigrantes portugueses que nas cidades americanas são criados em comunidades restritas de imigrantes, nas quais os pais transmitem aos filhos os valores familiares, culturais e étnicos, valorizando desta forma a cultura ancestral. Esta perspetiva pode ser positiva sob o ponto de vista da integração dos descendentes, porque lhes proporciona um suporte emocional, económico e cultural, sem que haja necessariamente submissão da segunda geração de imigrantes na sociedade de acolhimento, sob pena de desvanecer a cultura de origem.

Relativamente ao fator de assimilação cultural, segundo Scott (2010b) este é um processo sequencial de etapas irreversíveis, no qual os imigrantes se acomodam e adotam os valores culturais, tradições e atitudes da sociedade dominante. No seu estudo sobre a integração dos descendentes de imigrantes Portugueses na América, refere que a assimilação cultural era vista pelos imigrantes como uma forma de integração facilitadora da ascensão dos filhos das classes trabalhadoras na sociedade de acolhimento. Já os sociólogos Portes e Rumbaut (2006), entendem o processo intergeracional segundo um conceito de aculturação dissonante e consonante. Na aculturação dissonante, os descendentes adotam o modo de vida da cultura dominante, quebrando os laços com o país e a cultura de origem. No caso de pais monolíngues, verifica-se, ainda, uma quebra de comunicação, uma vez que, os filhos optam pela língua dominante, criando um distanciamento afetivo, social e cultural, que os coloca numa situação de maior fragilidade no processo de integração, por não terem o acompanhamento dos pais.

Na aculturação consonante, os descendentes imigrantes fazem a sua integração na cultura sem abdicar das características da cultura de origem que lhes é transmitida pelos pais, deste modo, os pais assumem algum controlo na educação dos seus filhos e transmitem-lhes o conhecimento da língua e dos valores ancestrais, de modo a criar laços de afinidade. Os descendentes dos imigrantes, optam, assim, por uma aculturação seletiva em que os indivíduos “podem adotar aspetos da cultura dominante que lhes permitem funcionar com sucesso dentro dos meios socioeconómicos da sociedade acolhedora, mantendo, no

entanto, aspetos da cultura ancestral, assim como uma participação ativa na vida social e organizacional das suas comunidades.” (Portes e Rumbaut, 2006:267).

Os estudos no âmbito da sociologia urbana, Scott (2010a) dão enfoque a estes processos de assimilação e aculturação dos imigrantes, bem como dos seus descendentes e da formação de *melting pot*<sup>4</sup>, retratando as comunidades dos imigrantes na América como se fossem um caldeirão, no qual se misturava toda a diversidade cultural dos imigrantes, fundindo-a com a cultura autóctone.

Dulce Scott (2010a) refere resumidamente as diferentes formas de integração ou exclusão do seguinte modo: quando os imigrantes transportam para a comunidade e mantêm referências e identidades vincadas, ficam mais expostos à exclusão, quando são grupos permeáveis ficam mais suscetíveis à segregação. As situações em que se verifica que os indivíduos ou comunidade adotam a identidade cultural de acolhimento pela assimilação verifica-se um fortalecimento da cultura de acolhimento.

Nas migrações contemporâneas, as comunidades de imigrantes não se encontram limitadas às redes de suporte anteriormente referidas, que passam muitas vezes pela criação de comunidades restritas a imigrantes que facilmente se transformavam em *ghetos*, aos quais os grupos de imigrantes ficam confinados. Na atualidade os imigrantes dispõem de novas formas de comunicação que contribuem para os manter conectados à família, amigos, sociedade e cultura de pertença. Massey (1990) afirmam que os laços sociais, assim como as novas formas de comunicação, aproximam os imigrantes e promovem “pontes” entre as comunidades de origem e as comunidades recetoras, que assim mantêm os papéis sociais e relacionamentos interpessoais de um modo informal.

Hoje, os imigrantes e os seus descendentes, em particular na União Europeia, vivem uma realidade social globalizada e transnacional, “percepcionando o fenómeno migratório como um processo multidimensional e multilateral, onde os actores sociais e sociedade interagem e onde diferentes sistemas jurídico-políticos ditam diferentes formas de integração.” (Oliveira, 2010:122).

<sup>4</sup> Melting pot: Diferenças étnicas existentes num território comum, dando origem a uma diversidade cultural que tende a esbater-se e a criar uma fusão de padrões de comportamento, dando origem a uma nova sociedade (Scott, 2010a).

No que concerne especificamente à integração dos imigrantes e seus descendentes em Portugal, tendo em conta as alterações sociográficas e a intensificação dos fluxos que marcaram os padrões imigratórios nos últimos anos, Oliveira (2010), refere ainda a multiplicidade de nacionalidades de origem e a diversidade de grupos étnicos, assim como os níveis superiores de qualificação e um número crescente de imigração feminina, fatores que a par de outros igualmente significativos, como o aparecimento de redes de apoio à imigração e de combate ao tráfico, vêm contribuir para uma integração bem-sucedida, transformando Portugal num país multicultural.

#### *1.4. IDENTIDADE E PERTENÇA*

O desafio da integração dos descendentes dos imigrantes passa por um conflito constante entre a aceitação social, a identidade cultural e o sentimento de pertença à sociedade Portuguesa.

A construção de identidades em jovens descendentes imigrantes, segundo Padilla e Ortiz (2014), é mais marcante do que na idade adulta, uma vez que, estes estão mais suscetíveis às pressões dos seus pares, onde é mais valorizada a opinião de amigos e colegas, prevalecendo a identidade coletiva à identidade individual, envolvendo características de etnicidade, origem e religião, ficando os jovens imigrantes mais propensos a situações de discriminação e exclusão. A identidade é um “ser percebido que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros” (Bourdieu, 1989:117).

A identidade dos descendentes de imigrantes está muitas vezes marcada pela terminologia de “filho de imigrante”, o que acarreta uma conotação negativa e estigmatizadora. Esta categorização,

introduz concomitantemente também uma marca social e étnica. Isto, porque não se aplica a todos os filhos dos estrangeiros, e sim só aos nascidos de trabalhadores manuais que ocupam posições sociais subordinadas nas sociedades de acolhimento [...] Sobre-entendendo que os imigrantes endógenos estão destinados a reproduzir o status ocupado pelos seus pais nas sociedades de acolhimento. (Bolzman, Fibbi e Vial, 2003:20).

A identidade não é inata à condição humana, mas sim construída através de processos identitários do indivíduo em interação com a sociedade em que se insere. Como refere Hall (2001:11) “A identidade é formada da interação entre o eu e a sociedade”, ou seja, a identidade individual interage com a identidade coletiva, passando de um ato isolado a um processo dinâmico, de individualização para a interação. A identidade coletiva é, assim,

um processo dinâmico de construção de práticas coletivas que criam um conjunto de significações interpretativas da estrutura e da hierarquia social, além de nesse processo dinâmico, serem estruturadas relações que criam e dão forma ao sentimento de pertenças grupais entre elementos que compartilham crenças e valores sociais responsáveis pela criação de uma unidade grupal que se sustenta sobre a dinâmica da negociação, da comparação entre grupos e categorias sociais, através das relações de reciprocidade e de reconhecimento. (Prado, 2006:200).

A identidade e o sentimento de pertença fazem parte de um processo de identificação que, segundo Vieira (2007), ocorre internamente no sujeito em situação de diáspora, como uma metamorfose em que o sujeito se constrói e reconstrói, entre as diferentes culturas vivenciadas ao longo dos seus trajetos de vida. O imigrante é um “terceiro instruído” (Serres, citado em Vieira, 2007), que ao longo da sua viagem vai acrescentando conhecimento, transformando-se num ser mestiço que não abandona a identidade cultural de origem, apenas a vai completando com novas aprendizagens. “A identidade de uma pessoa não é um patchwork, é um desenho sobre uma pele esticada; se se tocar numa só das pertenças, é toda a pessoa que vibra. [...] a identidade não se reparte em metades, nem em terços, nem se delimita em margens fechadas” (Maalouf, 1999, citado em Vieira, 2007). Como refere Ricardo Vieira e colaboradores (2016), o imigrante transforma-se num ser idiossincrático tornando pertinente a interação entre diferentes, numa sociedade intercultural. Estes choques culturais emergentes nas sociedades contemporâneas exigem uma intervenção mediativa, “Falar de mediação intercultural é admitir que terá que haver transformações das partes envolvidas, em termos de atitudes, comportamentos, representações e ações, por forma a se encontrar uma plataforma de entendimento.” (Vieira e colaboradores, 2016:38). No caso dos imigrantes, estes podem gerir os diferentes contextos de forma a adotar os que mais lhe convém, não ficando suscetíveis a crises na formação da sua identidade ao longo do processo migratório e da diversidade

cultural que lhe está subjacente. As opções na construção da identidade dos imigrantes são muitas vezes condicionadas pelo

sucesso na sociedade de acolhimento que leva ao quebrar de algumas fronteiras estreitas do lugar de partida e à integração numa nova cultura que convida a metamorfoses ou leva, mesmo, às vezes, a uma espécie de transfusão cultural (...) nos seus modos e ser e nos seus projetos de vida. (Vieira e Vieira, 2016:41).

Na diversidade das sociedades contemporâneas globalizadas, segundo Ortiz (2013), emergem “identidades híbridas”. Esta terminologia tem a particularidade de desvalorizar conceitos obsoletos de raça, e esbater as diferenças de classe e género que são potenciadoras de desigualdades. Estas identidades mistas, apelidadas de "identidades do futuro" concentram-se em questões culturais e desvalorizam as sociais, uma vez que as últimas são conducentes à desigualdade e exclusão (Ortiz, 2013). Na construção identitária dos indivíduos,

não pretendemos sobrevalorizar as diferenças de classe e género em detrimento das diferenças étnicas/raciais, mas sim chamar a atenção sobre a importância de todas elas na conformação das desigualdades e na construção da identidade. (Ortiz, 2013:162).

Este conceito de hibridismo tem sido amplamente utilizado nos discursos políticos como sinónimo de uma sociedade multirracial e intercultural, camuflando a realidade da cultura dominante com características hierárquicas raciais e de poder. «Estamos frente ao que Canclini (1995) chamou “hibridização tranquilizadora” onde as diferenças culturais prevalecem, encobrendo as desigualdades sociais” (Canclini citado em Ortiz, 2013:162). Este conceito permite um discurso político centrado em conceitos pluralistas e de diversidade cultural, desviando o problema incómodo das desigualdades entre os autóctones e os alóctones.

No entanto, segundo Vieira (2007), o sujeito híbrido pode ser entendido em situação de diáspora como um mestiço cultural, um sujeito que durante a construção da sua identidade não abandona aquilo que foi, mas sim vai acrescentando algo, formando uma identidade compósita. Estes indivíduos são designados como trânsfugas interculturais, capazes de adotar uma nova cultura sem renegarem as anteriores ou a de origem, dando-lhe uma terceira dimensão, designada por Serres (1993) por “terceiro instruído”. Estes constroem

pontes entre as diversas culturas por que passam, formando um eu intercultural. O trãnsfuga “Reúne múltiplos elementos endógenos e exógenos, alinhando-os, misturando-os, inter-lança-os e não renega nenhum deles” (Vieira, 2007). Estes indivíduos mostram a sua capacidade de hibridez tirando proveito dela consoante as situações que vivenciam no seu dia-a-dia, pelo que “é necessário sublinhar que o hibridismo é essencialmente um recurso estratégico dos egos na construção dos seus sentidos” (Magalhães, 2001:315). Contrariamente aos trãnsfugas, mas igualmente híbridos, são os oblatos, indivíduos que renegam a cultura de origem optando pela cultura da sociedade de acolhimento, “adquirem uma nova roupagem educacional, cultural quando acedem a um grupo social e deixam outro, cujos valores passam a rejeitar” (Vieira, 1999a:89).

O autor defende o conceito de mestiços culturais, em detrimento de híbridos, uma vez que a mestiçagem se define como uma “mistura” dos traços de origem com os adotados, já no caso do hibridismo “remete para uma classificação muito cartesiana em que a normalidade cultural se situa num dos polos sendo que tudo o que não é nem um nem outro surge como impuro, híbrido” (Vieira e colaboradores, 2016:38). Deste modo, o hibridismo é multicultural, assumindo simplesmente que diferentes culturas coexistem, já no caso da mestiçagem, podemos falar de interculturalidade, porque mais do que assumir diferentes culturas, assume a sua interação e o diálogo intercultural mostrando que as culturas não são estáticas, mas sim “dinâmicas, compósitas e mestiças” (Vieira e colaboradores, 2016:39).

O imigrante no seu percurso de vida vê-se obrigado a gerir a diversidade cultural inerente à sua condição de diáspora, “este procura construir o seu novo eu, situado entre a cultura de origem e a cultura de chegada, separando estes dois mundos, conciliando-os ou construindo uma terceira dimensão identitária, procurando a via mais segura do ponto de vista ontológico” (Camilleri, 1993 e Serres, 1993, citado em Vieira e colaboradores, 2016:41).

Os imigrantes, assim como os seus descendentes, vão desta forma criando estratégias para a formação da sua identidade e do seu sentimento de pertença, numa tentativa de evitar o conflito interno e de forma a gerirem as subjetividades e idiosincrasias. Podemos assim concluir, como referem Ana Vieira e Ricardo Vieira, que

Quem experimenta contextos migratórios mediante múltiplas referências culturais e situações complexas, tende para o hibridismo identitário, de acordo com Hall (2003a, 2003b) ou para a mestiçagem (...). Conforme destaca Stuart Hall, «[...] na situação de diáspora, as identidades se tornam múltiplas» (Hall, 2003a:27). Neste sentido, a busca dos sentidos e pertenças identitárias torna-se complexa, requerendo dos sujeitos um trabalho de reflexividade e (re)construção constante de si, apelando a mecanismos próprios que lhe permitam gerir as suas subjetividades e idiosincrasias com «um pé em cada local» (Sarup, 1996:7). (Vieira e colaboradores, 2016:41).

Nos novos contextos sociais, podemos afirmar que não há uma identidade com base numa pertença exclusiva, em que o sujeito se cinge á identidade cultural de origem. Segundo Vieira, Margarido e Marques (2013), os migrantes criam conceções dinâmicas e reflexivas, formando “identidades em trânsito”. Os indivíduos têm uma aprendizagem ininterrupta, estão em constante transformação, criando “identidades em gerúndio” (Vieira, 2009).

Deixam, assim, de fazer sentido os estudos que associam patologias sociais aos descendentes de imigrantes, pelo facto de serem desenraizados das suas culturas de origem na sequência dos deslocamentos migratórios. Como refere Devereux, “O comportamento patológico apresenta-se como consequência da interiorização de uma identidade estigmatizada, devendo ser afastada a ideia de desenraizamento cultural como sua causa.” (Devereux, 1972, citado em Vieira, Margarido e Marques, 2013:40).

Os filhos dos imigrantes que vêm do país de origem em criança ou já nasceram no país de acolhimento, para o qual os pais imigraram, vivenciam um crescimento identitário entre culturas. Este processo pode fazer-se pelo assimilacionismo da cultura dominante, ou por aculturação, ou simplesmente pela criação das suas pertenças numa ou noutra cultura, utilizando-as como mais lhes convém consoante as situações do seu dia-a-dia, formando uma identidade mestiça.

Os autores referem, ainda, que os imigrantes têm a capacidade, perante a diversidade cultural das sociedades contemporâneas, de desenvolver o seu eu multicultural, gerindo múltiplas pertenças identitárias em alteridade. Estas características vão sendo progressivamente indutoras de uma metamorfose identitária que torna os sujeitos seres interculturais. Este processo dinâmico e ecológico reforça

a complexidade do processo identitário, no sentido em que quem vive entre «dois mundos» (Marques e Gois, 2008), numa constante interação com a alteridade e num permanente confronto consigo próprio, ainda que inconsciente, procura (re)encontrar o seu novo eu entre a cultura de origem e a cultura de chegada, descobrindo-se numa verdadeira encruzilhada reflexiva. (Vieira, Margarido e Marques, 2013:41).

Considerando esta capacidade dinâmica que o sujeito tem de gerir as suas pertenças culturais, étnicas, religiosas, entre outras, e o impacto das mesmas na construção e transformação da sua identidade, potencia a sua capacidade de relacionamento intercultural que irá facilitar a sua integração nas diferentes sociedades ao longo do seu trajeto migratório.

A estabilidade identitária dos imigrantes, conciliadora das diferenças culturais, facilita a sua integração na sociedade de acolhimento e capacita-os para gerirem a aceitação social, a identidade cultural e o sentimento de pertença dos seus descendentes à sociedade Portuguesa, sem que estes tenham que apagar a sua “pegada” identitária para se sentirem parte integrante da nova cultura.

Neste sentido torna-se fulcral, na integração dos descendentes dos imigrantes nas sociedades de acolhimento, o papel do mediador como facilitador da coexistência de diversidade cultural.

### *1.5. MEDIAÇÃO INTERCULTURAL*

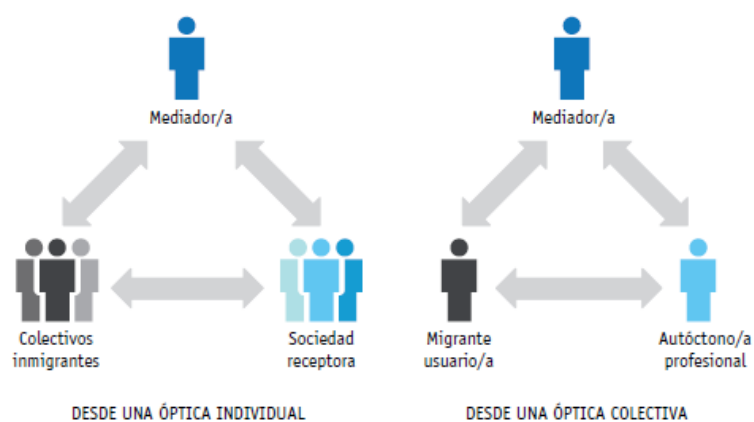
As sociedades contemporâneas são caracterizadas pela coexistência da diversidade cultural, o que nos traz uma nova realidade, repleta de múltiplas pertenças sociais, políticas e religiosas. Consequentemente, surgem diferentes formas de exclusão e xenofobia, novas tensões e conflitos culturais, levando a novos desafios comunicacionais que tornam cada vez mais pertinente a intervenção de profissionais de mediação que sejam capazes de gerir toda esta diversidade de identidades individuais e coletivas, com uma perspetiva sistémica que, “radica nos princípios da compressividade, pluralidade e participação democrática” (Torremorell, 2008:8). O seu intuito deverá ser a promoção da igualdade e a coesão social, e, desta forma, contribuir para transformar comunidades minoritárias e fragmentadas numa comunidade global.

O mediador intercultural surge então como um elemento estruturante, estabelecendo pontes entre pessoas e grupos com identidades distintas, onde, com uma atitude transformativa nas comunidades, pretende atingir a equidade social. Este, através do diálogo, da multiparcialidade e da descentralização do “eu”, deve promover a aproximação ao outro, privilegiando a capacidade de negociação entre as comunidades minoritárias e a cultura hegemónica (Giménez, 2010). Assim, poderá romper as distâncias e criar interações, construindo identidades interculturais. Surge desta forma a mediação que tem como objetivo promover a mudança,

La mediación intercultural es un recurso al alcance de personas de culturas diversas, que actúa como puente, con el fin de promover un cambio constructivo en las relaciones entre ellas. La mediación en las relaciones entre personas culturalmente diversas actúa preferentemente para la prevención de conflictos culturales, favoreciendo el reconocimiento del otro diferente, el acercamiento entre las partes, la comunicación y la comprensión mutua, el aprendizaje y desarrollo de la convivencia, la búsqueda de estrategias alternativas para la resolución de conflictos culturales y la participación comunitaria. (Bermudes, Prats, Uribe, 2000).

Nos contextos de interculturalidade, o mediador promove um trabalho com os atores etnoculturalmente diferentes, criando sinergias entre o imigrante e o autóctone, entre as comunidades imigrantes e a sociedade recetora, com o intuito de gerir as diferenças culturais, valorizando a cidadania, o respeito e tolerância pela diversidade.

*Ilustração 3. Lugar que ocupa o mediador*



Fonte: Equipo de mediación intercultural de desenvolvament comunitari  
Bermudez, Prats e Uribe, (2000:19)

Segundo Ana Vieira e Ricardo Vieira, o mediador intercultural representado na figura anterior, surge como “o terceiro” elemento facilitador da coexistência e de interação dos diferentes grupos étnicos e culturais. Deste modo, a mediação torna pertinente uma hermenêutica multitópica, que assegura os direitos e interesses das partes, “é assim, uma estratégia de construção de pontes e trânsitos entre pessoas, diferentes pontos de vista e fronteiras culturais”. (Vieira e colaboradores, 2016:27).

O terceiro na mediação é o elemento catalisador, e não um marcador de separação entre duas partes como refere o autor Galtung, ao afirmar «a expressão “terceira parte” não devia ser utilizada [...] no momento em que dizemos “terceiro”, vemo-nos quase forçados a conceber o conflito em termos de duas partes» (Galtung citado em Torremorell, 2008:22). Esta posição põe em causa o empenho do mediador, como se este assumisse uma posição como estando “de fora”. Torremorell (2008), por seu lado, considera uma visão mais reconceptualizadora, capaz de superar esta dualidade, apresentando o mediador como um elemento participante capaz de triangular a comunicação entre os participantes. A intervenção de um terceiro, como refere Cobb “pode modificar as posições discursivas das pessoas e, no processo, originar uma nova pauta de interação, uma nova interdependência” (Cobb citado em Torremorell, 2008:23), reconhecendo o terceiro como sendo comum às partes. Assim a estrutura ternária funciona como uma equipa de trabalho, capaz de converter “uma luta bidimensional numa exploração tridimensional que procura delinear uma saída” (De Bono, citado em Torremorell, 2008:23).

Os estudos explanados por Carlos Giménez, realçam no papel do mediador intercultural uma perspectiva relacional, que valoriza as “relações inter-étnicas positivas entre autóctones e estrangeiros” (Giménez, 2010:19). O profissional da mediação promove assim, a interculturalidade enquanto vínculo à convivência e à interação que, privilegia o reconhecimento do Outro. A mediação intercultural põe em prática

uma modalidade de intervenção de partes terceiras, em e sobre situações de multiculturalidade significativa, orientada para a consecução do reconhecimento do Outro e a aproximação das partes, a comunicação e compreensão mútuas, a aprendizagem e o desenvolvimento da convivência, a regulação do conflito e a adequação institucional, entre actores sociais ou institucionais etnoculturalmente diferenciados. (Giménez, 2010, 23).

Giménez (1997) entende a mediação intercultural ou mediação social em contextos de diversidade multicultural étnica, como uma modalidade de intervenção orientada para o reconhecimento do *Outro*, esta prática só é exequível através da comunicação e a compreensão mútua, podendo desta forma ser utilizada na regulação dos conflitos que recorrentemente tem origem nos processos relacionais entre diferentes indivíduos, grupos ou comunidades.

Na génese da intervenção, o autor considera relevante ter subjacente a valorização do contexto social e a vinculação da população imigrante; o reconhecimento dos autores e agentes, nomeadamente as entidades promotoras da mediação intercultural; a valorização da conexão entre a teoria e a prática, tornando pertinente a fundamentação teórica da prática da mediação e consequentemente o reconhecimento da necessidade de formação superior para os profissionais da mediação. Só com uma perspetiva sistémica, em que todos os intervenientes se sintam incluídos no processo, se torna atingível o objetivo primordial da mediação. Bush e Folger (1996 citado em Torremorell, 2008:8) veem “a mediação como uma estrutura de reconhecimento e valorização das pessoas, contribui para o fortalecimento de quem nela participa”. Assim, esta dinâmica das relações humanas pressupõe uma valorização da comunicação e da compreensão mútua, promovendo o reforço dos laços sociais destas sociedades heterogéneas.

Como refere Rosário Farmhouse, a mediação sociocultural é um processo sistémico de regulação e transformação social, que na prática surge como uma negociação. “É através da mediação sociocultural que se procura obter, de forma activa, as melhores soluções e a melhor compreensão dos problemas que afectam partes de culturas diferentes, problemas esses que tão profundamente podem abalar a estabilidade de um país”. (Farmhouse, in Oliveira e Freire, 2009: 9).

Farmhouse entende que para haver uma coesão social sustentável tem que haver diálogo intercultural, só assim se torna viável a mediação intercultural nos diferentes setores da sociedade, nomeadamente em hospitais, centros de saúde, em contexto escolar, entre outras instituições públicas e privadas, que são dirigidas não só às populações com diferenças étnicas e culturais como a outras situações de interação com a sociedade.

A mediação é assim entendida como uma estratégia de intervenção promotora da proximidade e confiança, na qual os imigrantes se sentem parte ativa da sociedade em

que se integram, investindo mais neles próprios e no seu novo país de residência, criando processos de proximidade e empatia que serão facilitadores da sua integração (Malheiros, 2010). Como refere Dimitri Papademetriou e Sarah Spencer, “se as políticas de imigração são decisivas ao nível macro (país), os desafios de integração ganham-se e perdem-se ao nível local” (citado em Malheiros, 2010: 28), porque é no âmbito local que se manifestam as tensões e os conflitos, logo é aqui que se privilegia a intervenção do mediador intercultural. Neste sentido, houve um grande investimento do Alto Comissariado para as Migrações (ACM), nomeadamente através de processos formativos e de acompanhamento sistemático, junto de instituições e autarquias, com a criação da rede nacional de Centros Locais de Apoio e Integração de Imigrantes (CLAII), formando mediadores interculturais para o atendimento/acompanhamento de imigrantes, facilitando a sua integração e a otimização da gestão da diversidade cultural.

Esta estrutura reticular dos CLAI, como refere Malheiros (2010), destaca-se nas políticas de integração de imigrantes, pela mais-valia que apresentam na proximidade dos serviços à população imigrante, valorizando uma relação de confiança que outras rede e serviços não disponibilizam, como por exemplo o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras ou a Segurança Social, uma vez que estes têm a função de controlar/ fiscalizar, não permitindo um apoio à integração daqueles que se encontram em situação irregular no país. De referir ainda, a celebração de protocolos que viabilizam a articulação entre a administração central e a administração local, permitindo aos mediadores otimizar as parcerias de acordo com as necessidades de encaminhamento e acompanhamento da população imigrante. É importante ainda salientar na rede CLAI a motivação e competência dos técnicos,

As ações de formação frequentadas, a forte interação que se estabelece entre técnicos da Rede e a dedicação e energia que colocam no seu trabalho, possíveis de constatar nos diversos encontros CLAI e no resumo das actividades que desempenham, fazem deste conjunto de profissionais o elemento crucial da estratégia de resposta de proximidade no domínio da integração de imigrantes. (Malheiros, 2010:19).

Na perspetiva da intervenção de proximidade, o mediador promove a interculturalidade, tendo como princípio a inclusão dos indivíduos sem que este processo seja necessariamente conseguido através de uma integração por assimilação ou por

multiculturalismo, processos extremos em que os imigrantes para conseguirem a sua integração na sociedade de acolhimento têm que assimilar as suas características sociais, económicas e culturais, em detrimento das suas e dos seus antepassados. Neste sentido pretende-se não uma sociedade multicultural mas sim uma intercultural, que promova cada indivíduo independentemente das suas diferenças culturais ou étnicas (Malheiros, 2011).

Neste sentido, o mediador deve funcionar como um catalisador que, segundo os autores Oliveira e Galego (2005) promove um estímulo às capacidades individuais e participativas de cada um, enaltecendo o que há de melhor em cada pessoa. “Ajudando as pessoas a conhecerem-se melhor, permite aos mediadores perceberem a sua capacidade de encontrar seu próprio caminho na vida. A mediação abre a porta, mas cabe a cada indivíduo continuar o longo do caminho” (Mourineau 1997 citado em Oliveira e Galego, 2005:24)<sup>5</sup>.

No contexto atual de interculturalidade, fruto da intensificação de fluxos migratórios, como por exemplo os provenientes do leste da Europa, assiste-se a um fenómeno de “recomposição do tecido sociocultural desses países, que cada vez mais são multiculturais, onde a existência de códigos culturais distintos dificulta o acesso ao diálogo e fazem desencadear um conjunto de conflitos” (Oliveira e Galego, 2005:24). Esta multiculturalidade é muitas vezes potenciadora da exclusão social, exigindo ao mediador um trabalho com os atores etnoculturalmente diferentes, que levantam questões relativamente aos padrões comportamentais, de identidade étnica ou nacionalidade, língua ou religião, colocando-nos outros desafios quanto à forma de abordar ou gerir a diversidade sociocultural.

A mediação deve potenciar uma abordagem intercultural que valorize o conceito de igualdade de oportunidades para todos, promovendo a educação para a cidadania, o respeito e tolerância pela diversidade, a prevenção e sensibilização nas escolas e na comunidade, privilegiando encontros interculturais com a população autóctone. Torna-se pertinente a capacitação dos líderes para a necessidade de uma sociedade com igualdade de oportunidades sociais e cívicas.

<sup>5</sup> Tradução da autora.

Como referem Vieira e Vieira (2013), urge nas sociedades contemporâneas uma educação para a interculturalidade, dinamizando uma pedagogia social que eduque para a cidadania permitindo a imigrantes e descendentes e aos autóctones uma convivência plena na sua diversidade. Viver em sociedade pressupõe viver entre diferentes, neste sentido os autores Vieira e Vieira (2013) referem a facilidade que seria vivermos juntos se fossemos todos iguais, ainda assim as tensões seriam inevitáveis “pois o excesso de semelhança leva à busca da diferença, à reinvenção de si (J. Kaufman, A Invenção de Si) e à distinção (Pierre Bourdieu)”. (Vieira e Vieira, 2013).

## CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

A temática da 2ª geração de imigrantes de Leste em Portugal, assume hoje uma pertinência particular, uma vez que a comunidade de imigrantes ucraniana é, em 2016, a terceira maior no país, justificando uma análise às condições de integração desta população. Neste sentido, torna-se consensual a necessidade de criar oportunidades de igualdade e equidade para os filhos dos imigrantes, seja no acesso à educação, no acesso ao mercado de trabalho ou no que concerne à inclusão social. Apesar das políticas atuais de imigração assegurarem os direitos dos imigrantes, socialmente persistem condicionantes à igualdade de oportunidades, sobretudo aos descendentes de imigrantes. Assim, pretende-se levar a cabo nesta dissertação o estudo das condições de sucesso ou insucesso na integração da 2ª geração de imigrantes, de modo a contribuir para a construção de uma sociedade intercultural, modelada pela igualdade de oportunidades e equidade social.

Nesta perspetiva utiliza-se uma metodologia que permite obter resultados fiáveis e pertinentes para a investigação. Considerando que se trata de um estudo a um fenómeno social, sentiu-se a necessidade de fazer uma abordagem ao objeto de estudo no seu ambiente natural, passando necessariamente por promover o contacto direto do investigador com os imigrantes.

Nesse sentido, os procedimentos metodológicos adotados na planificação da investigação, explanada nesta dissertação, passam por um paradigma interpretativo de abordagem qualitativa, com recurso à entrevista semiestruturada. A seleção deste método passa pelas características de adaptabilidade, que permitem ao investigador explorar e flexibilizar a condução da entrevista, adaptando-a ao entrevistado e ao guião pré-estabelecido. Assim,

Com a realização das entrevistas semiestruturadas conseguimos ir um pouco além da formulação do discurso oficial e imediato dos atores, aprofundando o nosso conhecimento sobre os processos de interação a analisar, sobre o sentido atribuído a estes processos e sobre as representações que, com base neles, os atores constroem sobre si e sobre os outros. (Marques, Faria, Silva, Vieira e Lopes, 2016:145)

Esta é uma técnica de excelência na recolha direta de informação, uma vez que viabiliza a obtenção de respostas “frente a frente” com o entrevistado, permitindo captar as suas emoções, os seus valores e interpretações das situações vivenciadas, facilitando ao investigador

a análise do sentido que os atores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se veem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações das situações conflituosas, ou não, as leituras que fazem das suas próprias experiências, etc. (Quivy e Campenhoudt, 1998:193)

Mirian Goldenberg (2004) refere, ainda, que, a entrevista apresenta-se como uma técnica de observação direta adequada à pesquisa social, uma vez que possibilita além da compreensão do entrevistado, a compreensão dos seus próprios termos, devido às vantagens que apresenta, tais como:

- Recolha de dados junto dos que não sabem escrever;
- As pessoas têm mais apetência para falar do que para escrever;
- Maior flexibilidade para obter a resposta ao que se pretende;
- Verificar possíveis contradições através da observação direta;
- Instrumento facilitador da recolha de emoções e sentimentos;
- Maior profundidade dos assuntos abordados;
- Favorece uma relação de empatia e confiança que propícia a abordagem de outros dados (Goldenberg, 2004).

Apesar de todas estas vantagens, não podemos deixar de ter presente que estas técnicas são aplicadas a indivíduos, e que estes, consoante as situações vivenciadas, podem expressar reações e factos que não são inteiramente verídicos, mas sim, aqueles que eles entendem ser os mais corretos ou mais vantajosos para a sua situação de imigrante, especialmente quanto à sua integração no país de acolhimento, que é o país do investigador. Temos que ter em conta o que “o indivíduo deseja revelar, o que deseja ocultar e a imagem que quer projetar de si mesmo e dos outros” (Goldenberg, 2004: 85).

Para que estes fatores não sejam condicionantes na recolha dos dados, as entrevistas devem ser aplicadas pelo próprio investigador, de modo a conduzir a entrevista de acordo com a informação que este pretende obter no estudo. Esta técnica de investigação, embora

não obedeça a um conjunto de questões pré-definidas, não se improvisa, exigindo ao investigador um trabalho prévio de preparação. Quanto mais conhecermos o que pretendemos estudar, mais fácil será formular as questões e, conseqüentemente, mais fácil será entender as respostas dos entrevistados.

Outro aspeto a ter em conta na preparação da entrevista, segundo Amado (2013), prende-se com a seleção das pessoas a entrevistar. Deve optar-se por indivíduos que, pela sua experiência de vida, pelas suas responsabilidades ou pelo seu envolvimento com o fenómeno que se pretende estudar, tragam mais-valias enriquecendo as entrevistas. Deve-se ainda ter em conta uma certa diversidade quanto a fatores de localização, faixas etárias, níveis de escolaridade, entre outras características que proporcionem um leque mais abrangente de respostas e, desta forma, uma visão mais holística da temática.

Os critérios de seleção das pessoas a entrevistar no âmbito do presente estudo têm em conta o facto de serem filhos de imigrantes da Europa de Leste (Geração 1,5) com idades compreendidas entre os 16 anos e os 26 anos. A escolha desta faixa etária prende-se, não só com a necessidade de satisfazer a condição dos entrevistados terem nascido no país de origem e posteriormente terem imigrado, com os pais, para o país de acolhimento, mas também a possibilitar de abranger um grupo de indivíduos que se encontrem integrados no sistema de ensino ou no mercado de trabalho português.

A área de investigação cinge-se ao distrito de Leiria, não só por uma questão de proximidade da investigadora, mas também porque este distrito foi, desde o início deste fenómeno de imigração proveniente da Europa de Leste, um dos destinos mais escolhidos por estes imigrantes de leste para se fixarem, tal como foi explanado no ponto 1.1. Este facto foi determinante para que hoje, o distrito de Leiria tenha um número significativo de jovens filhos de imigrantes.

Neste sentido a realização de entrevistas semiestruturadas obedece a um guião previamente elaborado no qual constam as questões fundamentais e os objetivos que se pretendem clarificar, auxiliando, assim, o investigador no decorrer da entrevista. O guião “resulta de uma preparação profunda para a entrevista, além de ser um instrumento que, na hora da realização da entrevista, ajuda a gerir questões e relações.” (Amado, 2013: 214).

Este instrumento de planificação guia as entrevistas de modo a explorar a informação que está explanada nos objetivos, avançando nas questões de forma fluída e sistemática, como se de uma conversa se tratasse, proporcionando um ambiente menos formal e de maior proximidade com o entrevistado, obtendo o máximo de informação com um menor número de perguntas.

No que concerne à redação das perguntas, estas devem ser previamente trabalhadas e, se necessário, devem ser criadas perguntas de recurso, uma vez que a “resposta depende das condições da interrogação, isto é, natureza, ordem, contexto, reformulação, clareza, etc” (Kvale,1996; Gillham, 2000; Gray, 2004; Rubin e Rubin, 2005 citado em Amado, 2013:217). Quanto ao tipo de perguntas da entrevista semiestruturada, estas devem ser compostas por uma combinação na qual se vão alternando “questões mais fechadas e directivas com questões mais abertas e flexíveis.” (Kvale, 1996; Gillham, 2000; Merriam, 2002 citado em Amado, 2013:217). Neste sentido, as perguntas não devem ser demasiado limitativas, o que empobrece a informação das respostas, nem demasiado neutras o que originará respostas muito evasivas, não devendo desviar-se dos objetivos e das questões orientadoras.

De salientar que a flexibilidade que caracteriza estas entrevistas, exige ao entrevistador que mantenha alguma ordem e sequência, sendo expectável perguntas e respostas mais generalistas no início e, no decorrer da entrevista, perguntas mais direcionadas aos temas. Torna-se igualmente pertinente o entrevistador estar atento à linguagem não-verbal, às pausas e aos comportamentos corporais, características do entrevistado que também produzem conhecimento e informação acerca da forma como vivenciou o fenómeno em causa.

De referir que as informações recolhidas por entrevista, obtidas através do método qualitativo, não produzem dados tratados, mas sim descrições de situações reais que permitem ao investigador não só recolher dados, mas também produzi-los, através da sua capacidade de interpretação, criatividade e intuição.

Estas entrevistas foram aplicadas a nove imigrantes de segunda geração do leste da Europa, residentes no distrito de Leiria, possibilitando a recolha de dados, segundo um paradigma indutivo e compreensivo que facilite a interpretação e análise dos conteúdos.

Para otimizar a preservação de dados, a entrevista deverá ser gravada e posteriormente transcrita, de preferência pelo pesquisador, podendo as respostas serem enriquecidas por registos que mencionem atitudes, expressões e sentimentos não captados pela gravação.

Seguindo a perspetiva dos métodos qualitativos, o estudo foi complementado com pesquisa bibliográfica, documental e análise de conteúdos, privilegiando uma leitura indutiva que permitiu uma interpretação holística dos dados reais recolhidos, e a definição de categorias que contribuíram para a análise, do fenómeno em estudo.

Para a aplicação das nove entrevistas semiestruturadas, cinco imigrantes do sexo feminino e quatro do sexo masculino, da segunda geração de imigrantes residentes no distrito de Leiria, obteve-se o apoio dos seguintes mediadores:

- Rede CLAIM (Centros Locais de Apoio à Integração de migrantes);
- GAEI (Gabinete de Apoio Especializado aos Imigrantes);
- GIP Imigrante (Gabinete de Inserção Profissional de Imigrantes);
- Associações de Imigrantes do distrito de Leiria.

### CAPÍTULO 3 – A SEGUNDA GERAÇÃO DO LESTE DA EUROPA EM LEIRIA

Portugal assumiu, no início do século XXI, juntamente com outros países do sul da Europa, um papel preponderante no acolhimento dos imigrantes originários da Europa de leste, como tivemos oportunidade de explicar nos capítulos anteriores. Estes imigrantes, contrariamente a outras comunidades imigrantes com significado em Portugal e que se fixaram, sobretudo, na região da grande Lisboa, apresentam um padrão geográfico de fixação disperso pelo território nacional, com especial incidência em algumas zonas do interior, como retrata a ilustração 2 (capítulo 1.1:p.13).

Este padrão de fixação geográfica deve-se à importância das redes informais familiares e de amizade, assim como ao recrutamento empresarial de trabalhadores. Marques (2008) caracteriza esta angariação de trabalhadores, não pelo facto de serem imigrantes, mas pela captação de mão-de-obra feita através de uma “mediação direta ou indireta” onde uns trabalhadores referenciam outros, levando as entidades empregadoras a recrutar imigrantes com relações de amizade ou familiaridade, colmatando, deste modo, a falta de mão-de-obra em alguns setores.

O emprego de mão e obra imigrante é conseguido, sobretudo, de forma informal (através do recurso a redes de sociabilidade de outros imigrantes), podendo mesmo afirmar-se que se trata de uma estratégia de recrutamento mais reativa do que activa, uma vez que o empregador não procura os trabalhadores que pretende recrutar, mas se limita a aceitar aqueles de que precisa e que se oferecem para trabalhar nos estaleiros da construção civil e obras públicas (Marques, 2008:239).

Não menos importante que as ofertas do mercado de trabalho, é a família. Como noutros fluxos migratórios, as mulheres, são nalguns casos seguidoras passivas da migração dos maridos (são elementos passivos no processo migratório), sendo frequente que o elemento da família que inicia a imigração é o homem, e só posteriormente a mulher. Neste âmbito, e no que respeita ao aspeto legal, como se afirmou no capítulo 1.2, Portugal adotou uma política comum europeia, facilitadora do reagrupamento familiar, possibilitando aos imigrantes, após a sua fixação e regularização, chamarem a restante família nuclear para residir no país de acolhimento, como referiram diversos dos nossos entrevistados:

O meu pai queria uma vida melhor e decidiu ir para o estrangeiro e foi para Portugal, com amigos lá da cidade onde vivíamos [Ucrânia] que já cá trabalhavam. O meu pai teve de ir trabalhar e depois viu que era melhor e chamou a minha mãe que depois veio. Eu fiquei lá com a minha avó cerca de ano e meio. [...] Eu então vim cá para Portugal e sempre vivi cá. (in entrevista nº 4, Christian).

Não, veio o meu pai, depois passado um ano ele foi lá e depois passado 5 anos veio a minha mãe ter com ele e depois foram lá e eu vim com eles.

Sim, porque eles não tinham visto. Quando conseguiram ter visto é que vieram logo. (in entrevista nº 3, Alina).

Sim, exatamente, ela [a mãe] já cá estava há 4 anos e já estava legal, e então quando viu que tinha possibilidades de me trazer para Portugal então foi lá e vimos juntas para Portugal. (in entrevista nº 7, Olga).

Verifica-se que o reagrupamento familiar e a posterior vinculação dos filhos dos imigrantes são condicionantes determinantes para a fixação a longo prazo, ou até mesmo definitivo, das famílias, intenção esta que se pode aferir através das entrevistas efetuadas. Muitos jovens mencionaram o facto de os pais terem emigrado para Portugal tendo em vista proporcionar uma vida melhor aos filhos, não só na educação e no acesso ao mercado de trabalho, mas principalmente para melhorar a sua qualidade de vida numa perspetiva social e cultural, a longo prazo.

Cheguei em 2004, em agosto de 2004. A minha mãe já estava cá há 4 anos e ela sabia que seria uma melhor opção para a minha vida mudar para cá do que ficar na Ucrânia e eu concordo plenamente. (in entrevista nº 7, Olga).

As motivações que levaram à fixação no distrito de Leiria destes imigrantes do Leste da Europa e suas famílias, com especial destaque para os provenientes da Ucrânia, permitiram, de acordo com o mencionado no capítulo precedente, formar um grupo de entrevistados de cinco imigrantes do sexo feminino e quatro do sexo masculino, entre os 16 e os 26 anos de idade, com residência em diferentes áreas geográficas do distrito de Leiria, já aludidos anteriormente.

As entrevistas foram realizadas entre janeiro e maio de 2017, recorrendo ao método de gravação e posterior transcrição, facilitando, desta forma, a análise das narrativas que foram complementadas com dados recolhidos por observação direta dos entrevistados. Este facto possibilitou também a recolha de dados qualitativos e a elaboração de uma tabela de dados, composta por excertos de respostas que nos proporcionam a análise de vários aspetos vivenciados pelos jovens imigrantes de 2ª geração, permitindo deste modo uma ligação entre os tópicos, que iremos desenvolver nos subtítulos deste capítulo através das respostas dos entrevistados.

### *3.1. INTEGRAÇÃO SOCIAL EM PORTUGAL DOS FILHOS DOS IMIGRANTES*

Em Portugal, a integração social dos descendentes de imigrantes tem merecido uma especial atenção por parte da sociedade atual, que procura integrar estes jovens na diversidade, promovendo o diálogo intercultural e o combate à discriminação e ao racismo.

Neste sentido, urge a necessidade de um debate alargado das políticas de imigração que, segundo Ana Paula Horta (in Fonseca, e colaboradores, 2013), têm evoluído no sentido de realçar cada vez mais a questão da integração, dando ênfase à incorporação intercultural como forma dissuasora das tendências “pro-assimilacionistas” e aos discursos “anti-imigração”, que têm vindo a ganhar expressão nas sociedades europeias.

Pretende-se assim entender com este estudo, se a sociedade portuguesa dispõe de condições para a integração dos jovens imigrantes de segunda geração, fazendo prevalecer o exercício da cidadania e da justiça social segundo a perspetiva dos mesmos.

A maioria dos entrevistados referiu que, numa fase inicial, a maior dificuldade na sua integração decorreu do insuficiente domínio da língua portuguesa. Foi mencionado frequentemente que esta limitação trouxe alguns constrangimentos na sua integração. Alguns dos entrevistados apresentavam no momento da entrevista ainda muitas dificuldades com o idioma, evidente, por exemplo, na dificuldade em construir frase completas em português e no recurso a respostas do tipo sim /não e/ou frases muito curtas,

Não sabia falar a língua. (in entrevista nº 8, Vadim).

Também na entrevista nº 9, a Adriana, refere que além de não falar português também não domina outras línguas universais que podiam facilitar a tradução.

Sim, e [os portugueses] ajudam. É bom para quem vem de fora e por exemplo não percebe português. As pessoas tentam falar outras línguas, como o inglês e ajudam, mas eu não falo inglês, só falo ucraniano e russo.

A língua é o mais difícil para comunicar, as pessoas tentam falar comigo e eu não percebo nada e fico muito confusa por isso (in entrevista nº 9, Adriana).

No entanto, estes jovens imigrantes referem recorrentemente ter tido o auxílio dos pais na aprendizagem da língua portuguesa.

Nas entrevistas realizadas, a maioria dos jovens referem que quando imigraram os seus pais já se encontravam em Portugal e integrados profissionalmente, dominando já a língua portuguesa. Este facto veio permitir que, numa fase inicial, estes os auxiliassem na aprendizagem da língua do país de acolhimento, aprendizagem essa que seria consolidada posteriormente através da sua integração escolar ou integração no mercado de trabalho.

A minha mãe escrevia textos enormes, do que eu devia falar, para eu decorar. O que eu fazia depois da escola e nos tempos livres era decorar aquilo tudo. [...] as primeiras palavras foi a mãe, foi o que me ajudou muito. A contar até 100, dias da semana, meses do ano. Aprendi isso tudo em poucos meses e ajudou-me imenso (in entrevista nº 1, Anton).

No entanto, em contexto doméstico, falam frequentemente ucraniano e russo. A maioria das famílias mencionou inclusive que tem televisão com canais ucranianos e russos, assistindo principalmente à televisão desses países, como relatado no seguinte extrato de entrevista:

Sim, porque vejo televisão russa. [...] Não, nunca vejo a portuguesa, só as [notícias] russas [...]. Sim, é mais fácil para ver filmes, vou à internet e procuro. É mais fácil ver filmes em russo porque é um país grande, os filmes saem primeiro e já estão traduzidos e dublados e eu prefiro dublado do que com legendas em português (in entrevista nº 4, Christian).

O Christian, imigrante de segunda geração, veio para Portugal com apenas um ano e meio, e como foi explanado neste extrato de entrevista, fala fluentemente ucraniano e russo. Ele explicou que aprendeu ucraniano com imigrantes amigos do pai, e russo com a mãe.

Quando nós viemos para cá eramos muito unidos, não costumávamos ir jantar fora, como os portugueses, porque não conhecíamos e não conseguíamos falar e quando era para jantar ou almoçar ou fazer uma festa qualquer era sempre ucranianos, russos, tudo o que vinha de lá. E eu ouvia e aprendi (in entrevista nº 4, Christian).

Constata-se também que os pais do Christian, à semelhança de outros pais imigrantes com filhos que vieram muito novos e que se fixaram no distrito de Leiria, o inscreveram numa associação de imigrantes para que aprendesse a falar e a escrever o alfabeto russo.

Sim, eu andei numa escola de ucraniano e russo e de artes tradicionais ucranianas [...]. Sim, a minha mãe antes de eu entrar na escola, eu com ela aprendi o abecedário Russo, mas eu escrevia mal e lia mal, mas sabia o básico, então quando entrei para a escola [russa], entrei logo para o 3º ano, fizeram um diagnóstico e meteram-me no 3º ano e depois havia mais pequenos que iam para o 1º (in entrevista nº 4, Christian).

Neste tipo de associações, os imigrantes também aprendiam artes tradicionais, como canções populares, elaboração de trajés típicos e danças tradicionais, festejando ainda datas comemorativas da Ucrânia e da Rússia. Desta forma, os pais asseguravam a transmissão aos filhos dos valores ancestrais e do conhecimento da língua materna, bem como a afinidade com alguns hábitos e costumes, tal como foi referido no ponto 1.3. Atualmente, estas associações dinamizadas pelos imigrantes de leste, que chegaram no auge deste fluxo migratório, já quase não existem, as que se mantêm, cingem-se a pequenos grupos de voluntários que apoiam os imigrantes com mais idade e com menos autonomia para tratar de questões legais e burocráticas.

Hoje, estes imigrantes consideram-se integrados na sociedade portuguesa, afirmando não sentir a necessidade de conviver com outros imigrantes. Por sua vez, os seus filhos, alguns já nascidos em Portugal, não demonstram interesse nas tradições populares dos países de origem.

Eu sei que quando nós eramos crianças, quando eu era criança, eu lembro-me de um par de encontros, mas agora já não temos encontrado ninguém (in entrevista nº 2, Anastasya).

Sim, mas agora perdeu-se [hábito de ir à associação].

Os meus pais é que iam lá, os jovens não iam lá, era mais as pessoas com mais idade, eu nunca fui muito (in entrevista nº 3, Alina).

Verifica-se também que a segunda geração de imigrantes manifesta interesse em integrar-se na sociedade de acolhimento, sendo mais notório quanto maior for o grau académico dos jovens, havendo uma tendência para aqueles que são mais bem-sucedidos no seu percurso escolar para desvalorizarem a influência da cultural de origem, afirmando-se completamente integrados social e culturalmente na sociedade portuguesa. Muitos referem como exemplo dessa integração o facto de terem namoradas ou namorados portugueses.

Não sei antes eu pensava isso, mas agora já não porque tenho namorada portuguesa. [...]. [os amigos] são mais portugueses, eu dou-me melhor com os portugueses (in entrevista nº 1, Anton).

A integração na diversidade social e cultural destes jovens imigrantes de segunda geração, nem sempre é tão positiva quanto eles fazem transparecer no discurso planeado e organizado. Quando analisamos os extratos das entrevistas, facilmente percebemos que são frequentes as situações de “rotulagem” estigmatizadora inata ao contexto de imigração. A identificação dos jovens como condição de “filho de imigrante” deixa-os mais propensos à discriminação e à exclusão, como testemunham os seguintes excertos:

Tenho a alcunha, entre os meus amigos de “Ucra”, mas levo isso na boa. (in entrevista nº 4, Christian).

Não sei, acontece [situações de racismo] muitas vezes. Há pessoas mais racistas e menos racistas. Eu acho que há muitos racistas, mas que eles tentam não mostrar isso (in entrevista nº 1, Anton).

Era tratado de forma diferente por ser de outro país, as pessoas tinham medo das pessoas que vinham de outros países e faziam coisas que não se fazem a ninguém e maltratavam (in entrevista nº 6, Yevheniy).

As situações de racismo e xenofobia relatadas pelos entrevistados, conduzem a situações de exclusão social, que estes jovens tentam “compensar” com o sucesso do seu desempenho escolar, como ilustra a entrevista da Olga

O racismo veio depois, passado uns anos, já não foi bem racismo foi xenofobia, como eu era boa aluna, as pessoas não compreendiam como é que era possível, eu, uma ucraniana tirar notas melhores que eles e nesse sentido, eles sentiam-se discriminados, mas eu acho que possivelmente eram frustrações deles e não minhas (in entrevista nº 7, Olga).

As jovens do sexo feminino, referiram, ainda, existência de situações em que são vítimas de um estereótipo racista que generaliza as mulheres imigrantes, como sendo provenientes de redes de prostituição organizadas, operacionalizadas pela máfia do leste da Europa. Como refere Anastasya,

Em criança nem tanto, mas agora na adolescência os rapazes têm um bocado aquela ideia que viemos da Ucrânia, um país mais de Leste e têm uma má ideia das raparigas, para eles as raparigas são todas umas vadias (in entrevista nº 2, Anastasya).

Estes comportamentos xenófobos, em situações extremadas, resultam, por vezes, em casos de Bullying nas escolas, criando obstáculos à integração destas jovens,

Sinto, eles mandam boquinhas “anda com todos, é porque é russa” ou “é porque é ucraniana e as ucranianas que vêm para cá só têm um caminho que é a reta”.

Pronto, uma pessoa quando passa os 14, a adolescência com os rapazes, já começa a sentir isso um bocado. Eu dantes chorava por causa disso e sentia-me mal, mas agora não me importo tanto. (in entrevista nº 2, Anastasya).

As experiências relatadas são semelhantes às já relatadas em outros grupos de imigrantes, em outras situações, nas quais são evidentes comportamentos discriminatórios como estes relatados pelos entrevistados.

A integração destes jovens exige uma plena cidadania que permita a igualdade de oportunidades, de forma a que os imigrantes de segunda geração possam usufruir de justiça social, viabilizando assim a construção de sentimentos de pertença e identidade

com a sociedade de acolhimento, o que lhes possibilitará a criação de trajetórias sociais e profissionais, importantes na sua fixação, retorno ou no desenvolvimento de novos projetos de imigração.

Relativamente aos projetos migratórios futuros é possível constatar que os entrevistados manifestam a intenção de permanecer em Portugal. Apenas 3 referem que, caso não tenham boas condições de trabalho em Portugal, ponderam imigrar para outro país, mas nenhum destes demonstra vontade de retorno ao país de origem, como é evidente nos extratos de entrevista transcritos:

Só se for para passar férias [Ucrânia], porque tenho basicamente a minha vida aqui feita (in entrevista nº 1, Anton).

Sim, e também não quero voltar para lá [Ucrânia] porque em termos de trabalho é mais difícil [...] a qualidade de vida de lá é pior. (in entrevista nº 4, Christian).

Não, nem pensar [...] será apenas o que irei fazer se não tiver perspetivas de empregabilidade boas cá em Portugal e eu sei que as coisas podem tornar-se difíceis, mas se eu tiver oportunidade de trabalhar cá em Portugal, com todo o gosto que ficarei cá (in entrevista nº 7, Olga).

### *3.2. INTEGRAÇÃO ESCOLAR E NO MERCADO DE TRABALHO*

#### *3.2.1. INTEGRAÇÃO ESCOLAR*

A escola contemporânea, que se pretende uma “escola para todos”, defende os direitos de igualdade de oportunidades, adotando uma educação inclusiva sem exceções. Esta perspetiva traz à dinâmica escolar o reflexo da sociedade atual em toda a sua diversidade social, económica e cultural.

Esta nova visão da educação exige às escolas uma constante mudança de comportamentos e atitudes, transformando o sistema tradicional num sistema educativo democrático e holístico, onde todos têm lugar, independentemente da etnia, religião, nacionalidade ou estrato social.

Inevitavelmente, as diferenças suscitam a segregação daqueles que são desiguais pela sua natureza ou pela diferenciação social, económica, política ou espiritual, gerando por vezes situações de exclusão.

A escola inclusiva, defendida por Ana Vieira (2013), tem de privilegiar a “aprendizagem da convivência”, encarando as divergências, não como patologias, mas sim como vivências que nos fazem crescer e que são inerentes à convivência social. Neste sentido, para se poder assegurar uma plena igualdade de oportunidades torna-se pertinente a colocação de profissionais de mediação nas escolas. Nas entrevistas realizadas é notória a falta de técnicos que sirvam de mediadores nos contextos escolares em que se inserem os alunos imigrantes, conforme os exemplos nos excertos das entrevistas que se seguem:

Tinha a ajuda de outros dois ucranianos da minha turma. Mas eu não lhes dava muita confiança porque tinha medo deles, porque eles gozavam comigo e quando eu apresentava os trabalhos eles faziam "bullying" por causa disso (in entrevista nº 9, Adriana).

Não [teve mediação], foi os meus pais, a ama e alguns professores que depois ajudaram (in entrevista nº 6, Yevheniy).

As redes informais são manifestamente o maior apoio na integração dos imigrantes, sendo importantes na criação de estratégias na inclusão escolar, no domínio da língua e nos conteúdos programáticos. Nestas redes o papel dos irmãos mais velhos ou de outros imigrantes já fixados há mais tempo, torna-se relevante para a integração dos jovens descendentes de imigrantes. O entrevistado Yevheniy, referiu que só planeia o seu futuro depois do seu irmão mais novo terminar a escola, justificando ser ele quem lhe dá explicações, uma vez que os pais não têm muitos estudos e, para além disso, trabalham muitas horas, não sendo possível apoiar-lo no seu desempenho escolar.

Por enquanto, até acabar a escola, e a escola do meu irmão ficar bem encaminhada, ficar por cá e depois se tiver alguma oportunidade ir para o estrangeiro trabalhar (in entrevista nº 6, Yevheniy).

O facto de não dominarem a língua Portuguesa, foi claramente identificado como principal barreira à integração dos alunos imigrantes nas escolas do distrito de Leiria. Foi referido que as escolas das cidades mais populosas e mais multiculturais, frequentadas por familiares ou amigos que residem na zona de Lisboa, dispõem de programas de apoio

aos imigrantes, disponibilizando profissionais de mediação que fomentam a criação de respostas que visam a integração dos jovens imigrantes em contexto escolar. Nesta escola, a mediação surge como um elemento estruturante na integração dos jovens imigrantes.

O constrangimento linguístico é ultrapassado, na maioria das situações relatadas, com a aprendizagem efetuada na convivência social. Embora os entrevistados tenham referido que há professores nas escolas que se disponibilizaram para dar aulas de apoio a português, estes professores não dominam a língua de origem destes jovens, concedendo, assim, um apoio deficitário. Uma vez que o canal de comunicação não é claro e consequentemente a mensagem não é recebida com clareza, e atendendo à importância reconhecida ao conhecimento do idioma, os jovens tendem a fazer um investimento maior no domínio da língua.

Eles [professores de apoio] também não falavam, no entanto, quando tinha dúvidas eles tiravam, porque eu não dizia nada e eles não falavam ucraniano, mas tentavam falar inglês, eu até respondia porque tive inglês (in entrevista nº 5, Cristina).

Sim, houve uma professora, que ajudou mais, estava sempre a dar-me aulas, ela dizia: "agora não tenho aula queeres que te dê uma aula, posso ajudar-te" e ajudou muito (in entrevista nº 9, Adriana).

Muitos jovens referem que, inicialmente, o apoio na aprendizagem da língua foi feito em casa pelos pais, que transmitiam os conhecimentos de português que adquiriram. No entanto, o seu domínio era rudimentar, cingindo-se, assim, a um vocabulário muito básico.

Verificou-se que os imigrantes que têm pais com graus académicos superiores têm mais sucesso na aprendizagem da língua, bem como no seu desempenho escolar, mesmo quando os pais não exerçam a profissão do país de origem, como o caso da entrevistada Alina, em que o pai na Ucrânia era médico e em Portugal trabalhou na construção civil e como operário fabril. Estas situações foram sendo referidas ao longo das entrevistas, sendo notório que os pais mais letrados exercem uma motivação para o investimento e valorização da escola, que no futuro se reflete no empenho e sucesso escolar dos filhos.

A matemática tinha o meu pai que me ajudava [...]. Sim, o meu é médico [...]. Todos os dias fazíamos os trabalhos de casa juntos (in entrevista nº 3, Alina).

Resumindo, através dos excertos das entrevistas, foi evidente que o desconhecimento da língua portuguesa é sentido pelos entrevistados como o principal condicionante nos primeiros tempos em Portugal, dificultando a integração quer a nível social e escolar, quer ainda no acesso ao mercado de trabalho, como teremos oportunidade de desenvolver no ponto seguinte.

### 3.2.2. INTEGRAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

A realidade dos imigrantes de segunda geração, no acesso ao mercado de trabalho, difere da realidade dos seus pais quando chegaram a Portugal. Tal como refere Rui Marques (2007), os pais imigrantes, que vieram em busca de uma vida melhor, sujeitando-se muitas vezes a condições hostis, aceitaram empregos pouco qualificados por não conseguirem ver as suas qualificações reconhecidas, restando-lhes a integração no mercado de trabalho precário, como tivemos oportunidade de desenvolver no ponto 1.1. Hoje, os descendentes destes imigrantes, já fizeram o seu percurso escolar em Portugal, muitos frequentam o ensino técnico ou superior, colocando-se em vantagem relativamente aos seus pais no que concerne às oportunidades de emprego

Fui integrado igualmente como os portugueses (in entrevista nº 6, Yevheniy).

Sim, tem que ser igual [...] É igual, faço tudo o que os Portugueses fazem e faço o que os ucranianos fazem. (in entrevista nº 9, Adriana).

A integração da segunda geração de imigrantes no mercado de trabalho tem sido um desafio para estes jovens que, com o objetivo de poderem prosseguir os estudos, procuram ofertas de trabalho em horários de *part-time*, complementando desta forma o orçamento familiar. Não podemos esquecer o “handicap” de serem filhos de imigrantes, apresentando as suas famílias níveis socioeconómicos mais baixos do que as famílias portuguesas.

Dos 9 entrevistados, só 1 não frequentou escola em Portugal, 3 estudam *full-time* e os restantes 5 estudam e trabalham em *part-time*.

Ao analisar as entrevistas, verificou-se existir divergência nas respostas referentes à facilidade de integração no mercado de trabalho por parte destes imigrantes de 2ª geração, mesmo que em *part-time*.

Foi fácil, já trabalho há dois anos no shopping, em part-time, ao fim de semana. Sempre quis arranjar um part-time (in entrevista nº 3, Aline).

Os jovens com menos escolaridade têm tendência a procurar ocupação nas empresas em que os pais trabalham, sentem também que são tratados de forma diferente dos autóctones, chegando a mencionar situações de discriminação e racismo, como refere Yevheniy:

Não era trabalharem mais horas, era a questão de como eram imigrantes recebiam menos e havia, por assim dizer, racismo também (in entrevista nº 6, Yevheniy).

Os jovens com mais escolaridade, procuram melhores oportunidades de emprego, não recorrendo tanto às entidades empregadoras dos pais, pois sentem ter a mesma facilidade de integrar o mercado de trabalho que os autóctones, não sentindo discriminação como referem os jovens com menor escolaridade.

Não achei que ao nível do trabalho houvesse algum tipo de discriminação, mas principalmente por causa do meu português, eu sei que se não falasse tão bem português... (in entrevista nº 7, Olga).

Outros entrevistados manifestaram ainda que não existe qualquer discriminação entre os trabalhadores portugueses e imigrantes, uma vez que consideram ter iguais capacidades no desempenho das suas funções.

Claro que a patroa vê que se esforçam muito, por isso ela gosta mais de trabalhar com ucranianas. Ela é a própria a dizer que gosta mais de trabalhar connosco, porque nós não chateamos tanto, e sabemos o que temos a fazer e pronto, é o nosso trabalho. Estou aqui, estou a trabalhar, só quando sair posso fazer o que quiser, enquanto os portugueses estão sempre a reclamar, há aquele hábito de dizer é mau emprego, pagam-nos pouco e nós esforçamo-nos tanto

enquanto os ucranianos estão á para fazerem trabalho, nem sequer pensam nisso (in entrevista nº 5, Cristina).

Não foi possível aprofundar o tema da integração dos descendentes no mercado de trabalho, uma vez que os jovens entrevistados se encontram maioritariamente a estudar, e poucos são os que estão integrados no mercado de trabalho.

### 3.3. *CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E PERTENÇA*

A identidade e o sentimento de pertença fazem parte de um processo de identificação no qual os jovens conciliam a cultura de origem com a cultura da sociedade de acolhimento e, assim, vão criando identidades compósitas e dinâmicas facilitadoras da sua integração na diversidade que caracteriza as sociedades contemporâneas. Vieira (2007) caracteriza este processo de identificação como uma metamorfose em que os jovens, em situação de diáspora, estão em constante construção e reconstrução, entre as diferentes culturas vivenciadas ao longo dos seus trajetos de vida.

A mediação intercultural surge neste contexto como forma de gestão desta diversidade de identidades individuais e coletivas, em que a mediação promove a interculturalidade, tendo como princípio a inclusão dos jovens. Este processo não é necessariamente conseguido por assimilação ou segregação, processos extremos, em que os jovens, para conseguirem a sua integração na sociedade de acolhimento, assimilam as características sociais e culturais, em detrimento da sua cultura de origem.

Segundo Vieira (1999c) estes jovens processam a construção da sua identidade tendo subjacentes conceitos dissemelhantes, uns oblatos e outros trânsfugas. O jovem imigrante oblato esconde a sua cultura, enquanto, o trânsfuga constrói ligações interculturais, no entanto, ambos são “híbridos, mestiços culturalmente” (Vieira, 1999c:28). Efetivamente, tanto o oblato que esconde a sua cultura de origem como o trânsfuga que constrói pontes entre as diferentes culturas, são segundo Michel Serres (1993) o terceiro instruído, sendo que constroem a sua identidade numa “fusão entre o background já possuído e as alternativas culturais atravessadas” (Vieira, 1999c:32). As respostas seguintes demonstram a vontade de continuarem ligados à cultura de origem, embora estejam

integrados na cultura de acolhimento, são também esclarecedoras da forma como perpetuam as “pontes” entre culturas.

Já absorvemos as [práticas culturais] portuguesas, tanto fazemos portuguesas como ucranianas (in entrevista nº6, Yevheniy).

É igual [hábitos quotidianos], faço tudo o que os Portugueses fazem e faço o que os ucranianos fazem. [...]. Faço as duas, comemoro as datas ucranianas e as portuguesas (in entrevista nº 9, Adriana).

As entrevistas corroboram a ideia de que não existe um corte entre a cultura de origem em detrimento da cultura de acolhimento. Esta dinâmica entre culturas é facilitada, uma vez que as migrações contemporâneas dispõem de novas formas de comunicação, que permitem aos jovens imigrantes criar “pontes” que aproximam a comunidade de origem à comunidade de acolhimento, criando uma continuidade intercultural. A maioria dos entrevistados refere que mantém o contacto com familiares e amigos, através das novas tecnologias, como por exemplo o *Skype*, o *Messenger* e referem ainda a utilização de plataformas *on-line* de conversação com utilizadores maioritariamente russos e ucranianos. Estas tecnologias de comunicação permitem aos jovens uma interação sinérgica entre a cultura de origem e a segunda cultura, facilitando assim uma metamorfose da sua identidade, como é mencionado nas seguintes entrevistas:

Sim, falamos pelo Skype, eles têm internet e computador, é muito mais fácil (in entrevista nº 1, Anton).

Tenho lá a família toda, vou de férias, falo com eles [...] pelo Skype, pelo Messenger [...]. Sim, mantemo-nos informados (in entrevista nº 3, Alina).

Sim, eu participo numa rede social, parecida com o Facebook, mas de russos e ucranianos (in entrevista nº 4, Christian).

À semelhança das tecnologias de comunicação, também os meios de transporte são mais acessíveis, possibilitando aos jovens irem passar férias aos seus países de origem, e desta forma manterem relações de proximidade com familiares e amigos, assim como, a cultura da sociedade de origem.

Sim, tenho ido todos os anos [...] no verão. Visitar a família, tenho lá os meus avós. Tenho os meus amigos porque fiz lá o 9º ano, por isso tenho grandes amizades (in entrevista nº5, Cristina)

Sim, a minha prima o ano passado veio de férias para cá. Foi muito diferente para ela, aprendeu um bocadinho de português. [ela] adorou (in entrevista nº6, Yevheniy).

As novas tecnologias e a acessibilidade dos meios de transporte atuais permitem aos jovens imigrantes criar uma “metamorfose cultural, uma nova dimensão, auto e hétero-construída entre o contexto de partida e o de chegada, num dado momento” (Vieira, 2009:10).

As identidades destes jovens estão em constante construção, possibilitando-lhes um desenvolvimento identitário pessoal e social. Cabe a cada um, consoante as suas expectativas, ações e representações, traçar o seu processo identitário (Vieira, 1999a). A resposta de Cristina ilustra como as interações com o grupo de imigrantes ou com os autóctones podem interferir na aprendizagem da língua e conseqüentemente no sucesso ou insucesso da sua integração.

Sim, se eu chegasse a Portugal e me integrasse só no grupo de ucranianos isso limitava-me a aprender a língua portuguesa. Quando cheguei arranjei só amigos ucranianos. Era bom mas também era mau. Era bom porque tinha apoio. Por exemplo, o professor fazia pergunta e ele traduzia. Era bom mas também era uma limitação. Habitava-me de tal maneira que pedia para traduzir e não dizia nada... (in entrevista nº5, Cristina).

Cristina refere que tomou consciência de que se convivesse só com o grupo de ucranianos teria mais dificuldade de aprender a língua, mas, por outro lado, sentia-se contextualizada culturalmente, optando assim por assimilar partes da identidade do grupo de ucranianos e partes do grupo dos portugueses. Vieira (2009) refere a este propósito que, “a identidade e a alteridade constroem-se, então, neste processo de interação onde o indivíduo percorre o caminho entre o nós e o outro que vai descobrindo no dia-a-dia” (Vieira, 2009:15).

No que concerne à mediação intercultural, foi notória nos relatos dos entrevistados, a falta de profissionais a mediar as questões de imigração na integração direta dos jovens imigrantes no distrito de Leiria, apesar da existência de respostas pontuais de associações

ou de gabinetes de apoio ao imigrante, estes prendem-se mais com as questões legais e burocráticas, negligenciando a integração escolar, profissional, social e cultural. No entanto, foram referidas redes de apoio informais, como retrata a resposta da Anastasya

E também porque fui acolhida por dois idosos [portugueses] que se tornaram os meus avós “emprestados”, eu para eles sou como uma neta [...] porque eu passava a maioria do tempo com eles, porque tinha a minha mãe a trabalhar e o meu pai a trabalhar e eu ainda não tinha entrado para a creche e ficava com eles e precisava de falar e eles é que me ensinaram a falar. (in entrevista nº 2, Anastasya)

Depois vim a descobrir que uma colega que era minha vizinha e a mãe dela era professora lá na escola. Elas nunca me deixaram sozinha. (in entrevista nº 3, Alina).

Concluimos facilmente, nos excertos de entrevistas apresentados que a construção da identidade pessoal e social dos jovens imigrantes, processa-se numa alteridade sociocultural em que “o jovem adolescente vai então arrumando a diversidade, aprendendo a identificar e a clarificar as diferenças. Começa a fazer a aprendizagem da diversidade cultural. [...] Torna-se num novo todo metamorfoseado – a nova identidade” (Vieira, 1999c:39).

A mediação intercultural no processo de construção e reconstrução da identidade, torna-se pertinente, uma vez que simplifica a integração na diversidade, funcionando como um elemento facilitador da coexistência e de interação dos diferentes grupos étnico e culturais, tornando pertinente uma diversidade de identidades e sentimentos de pertença, que assegurem os direitos de cidadania dos jovens imigrantes, e desta forma valoriza as vantagens da interculturalidade na sociedade de acolhimento, contribuindo para o fortalecimento da coesão e justiça social.

## CONCLUSÕES

Portugal tem sido palco de dinâmicos fluxos migratórios, com grande impacto para a sociedade que acolhe e integra a população imigrante. Nas últimas décadas tornou-se particularmente relevante a entrada de imigrantes provenientes da Europa de leste, com maior expressão para a Ucrânia, facto que ficou a dever-se, em grande parte, à fragilidade económica do país (Baganha e colaboradores, 2010), entre outros condicionantes referenciados na revisão da literatura, que determinam esta comunidade como tendo características sociodemográficas típicas das migrações económicas, que procuram oportunidades de trabalho, ascensão económica e facilidade de regularização do estatuto legal em território nacional.

Esta vaga de imigrantes da Europa de leste tem características que a diferenciam das tradicionais comunidades de imigrantes já instaladas no país, apresentando uma significativa dispersão geográfica (Marques, 2008), que deu origem a uma fixação considerável de indivíduos no distrito de Leiria, quando analisada comparativamente com a distribuição global do país. Este fator foi decisivo para o estudo desenvolvido nesta dissertação, uma vez que a investigadora desempenha funções de animadora no âmbito do gabinete CLAI e do gabinete GIP, sediados no norte do distrito de Leiria, podendo o seu *background* constituir uma mais-valia (Faria e Vieira, 2016) no domínio da realidade e na proximidade à população alvo do estudo.

Esta comunidade imigrante proveniente do leste da Europa integra uma perspetiva familiar, embora o processo migratório seja caracterizado pelo estereótipo do homem que imigra primeiro, sendo sucedido temporalmente pela mulher, “seguidoras passivas” da imigração dos homens (Marques, 2008) e pelos filhos, tornando pertinente a reflexão sobre o papel da família na dinâmica de integração sociocultural. Neste sentido, o reagrupamento familiar apresenta um papel relevante para esta comunidade, facilitando a entrada legal no país dos cônjuges e descendentes, que desta forma vêm enriquecer a diversidade cultural, com a coexistência de diferentes gerações, tornando assim pertinente o estudo das condições de integração dos descendentes destes imigrantes e a perceção das suas vinculações à sociedade portuguesa. O desafio da integração da segunda geração de imigrantes traz-nos uma nova realidade, repleta de identidades e sentimentos de pertença.

Neste sentido, foi desenvolvido este estudo interventivo, que pretende compreender as condições de integração da segunda geração do leste da Europa em Portugal e de que forma a construção do processo identitário destes jovens contribuiu para o sucesso ou insucesso da sua integração na sociedade de acolhimento.

A estrutura deste estudo apresenta-se dividida em três capítulos, tendo o primeiro um cariz teórico, no qual se desenvolve o “estado da arte”, uma vez que esta técnica nos permite recorrer a autores que problematizam teoricamente, com conceitos e paradigmas, a fundamentação desta temática. Este capítulo permite a compreensão do objeto de estudo que procura contextualizar o fenómeno migratório português, com especial enfoque para as dinâmicas dos fluxos migratórios provenientes da Europa de leste e, em particular, desenvolver uma abordagem à integração da segunda geração ao nível das estruturas educativas, profissionais e sociais.

O segundo capítulo remete para a componente empírica, de abordagem qualitativa com aplicação de entrevistas semiestruturadas, que viabilizaram a recolha de informação e a interpretação de dados, recorrendo à observação direta no terreno. Nesta fase surgiram algumas dificuldades, nomeadamente no que concerne ao domínio da língua portuguesa. Os jovens entrevistados, com idades compreendidas entre os 16 e os 26 anos, que nasceram no país de origem e posteriormente imigraram, apresentam, uns mais que outros, dependendo da idade que tinham à chegada a Portugal, dificuldade em expressar alguns contextos ou sentimentos em português, tendo em conta que é transversal à maioria dos entrevistados falarem ucraniano ou russo no contexto familiar. Os que ingressaram nos estabelecimentos de ensino mais cedo e prolongaram os percursos académicos, apresentam um domínio da língua maior do que aqueles que ingressaram no mercado de trabalho.

Neste sentido, algumas entrevistas apresentam respostas simplistas tipo sim/não ou simplesmente “não entendo”. Verificaram-se ainda situações de recusa em participar no estudo por receio de que o que possam dizer não seja coincidente com o que o entrevistador quer ouvir na sua resposta, ou simplesmente, por que estão em situação irregular no país, ficando com receio que a sua condição deixe de ser incógnita e possam sofrer sanções. Para se conseguir colmatar esta dificuldade de comunicação e ganhar alguma confiança com os entrevistados, procurou-se criar um ambiente informal de

interação verbal, facilitador da realização das entrevistas, indispensável à investigação indutiva (Marques, e colaboradores, 2016).

No terceiro e último capítulo, cruzam-se os dados obtidos nas entrevistas, privilegiando uma interpretação holística das respostas dos imigrantes de segunda geração, com a pesquisa bibliográfica e documental, explanadas ao longo dos capítulos precedentes, de modo a possibilitar uma correlação entre os conceitos e dados reais. Os resultados obtidos foram sistematizados numa tabela de tratamento de dados, constituída por três tópicos.

No primeiro tópico foi abordada a integração social em Portugal dos filhos dos imigrantes, com o intuito de entender se a sociedade portuguesa dispõe de condições de integração desta população, segundo a perspetiva dos mesmos. Rapidamente se concluiu que existe uma barreira à integração que é transversal à generalidade dos entrevistados, referindo, que numa fase inicial, o domínio da língua constituiu-se como o principal constrangimento. A aprendizagem é feita em casa com os pais, cingindo-se ao vocabulário básico, uma vez que os pais também não dominam a língua. Posteriormente, através da integração escolar e no mercado de trabalho, conseguem uma aprendizagem mais célere. Foi ainda referido o recurso a associações de imigrantes que disponibilizavam aulas, não só de português como de ucraniano e russo, para os jovens que chegaram muito novos e não dominavam a língua materna. Estas associações tinham, ainda, fins recreativos, proporcionando aos imigrantes convívios. Nos extratos das entrevistas foi evidente que a segunda geração já não recorre a estas instituições, privilegiando o convívio informal com os colegas da escola ou do trabalho, integrando-se mais facilmente em grupos mistos, de imigrantes e autóctones, e conseqüentemente integrando-se com maior facilidade na sociedade de acolhimento.

A maioria dos jovens mencionou já ter sido vítima de racismo ou xenofobia, sendo frequentes situações de “rotulagem” estigmatizadora associada ao facto de serem imigrantes, o que os deixou mais propensos à discriminação e exclusão social. Na generalidade das situações foi referido que se tratou de uma fase que foi ultrapassada, viabilizando a construção de sentimentos de pertença com a sociedade de acolhimento, permitindo-lhes alcançar a igualdade de oportunidades em plena cidadania. O sucesso da integração destes jovens revê-se na vontade de permanecerem em Portugal, afastando a possibilidade de retorno ao país de origem.

No segundo tópico, propõem-se uma análise à integração na escola e no mercado de trabalho. Em ambas as situações foram mencionadas diferenças apontadas pelo facto de serem imigrantes, suscitando situações de segregação subjacentes às diferenças culturais, económicas, entre outras, que geraram situações de exclusão. Foi referido, principalmente no contexto escolar, a falta de mediadores que promovam a inclusão, apenas foi referido que as escolas disponibilizam um professor para explicações de português. A integração escolar, à semelhança do mercado de trabalho, fica a cargo de redes informais, apontadas como a principal forma de mediação, levada a cabo pelos irmãos mais velhos, pelos colegas e por amigos que já residem há mais tempo no país.

A integração no mercado de trabalho destes jovens é feita precocemente, uma vez que a maioria começa a trabalhar em *part-time*, como forma de complemento ao orçamento familiar, referindo que não sentem qualquer forma de discriminação. No entanto, aqueles que vão trabalhar nas empresas onde os pais trabalham, mencionam algumas diferenças nas horas de trabalho, referindo que os patrões exigem mais deles do que dos portugueses.

Nos resultados obtidos é notório que quanto maior for o grau académico dos jovens imigrantes maior é a probabilidade de serem bem-sucedidos, no entanto, os que atingem graus de formação superior, tendem a desvalorizar a influência da cultura de origem, afirmando que estão completamente integrados na sociedade de acolhimento.

No tópico três, aborda-se a influência do contexto migratório na construção de identidades e sentimentos de pertença, enquanto fatores facilitadores da integração dos imigrantes de segunda geração. Neste âmbito, os entrevistados corroboram a ideia de que não existe um corte entre a cultura de origem e a cultura de acolhimento, existe sim um processo dinâmico, no qual os sujeitos vão reconstruindo a sua identidade, criando “pontes” entre culturas.

A integração da segunda geração de imigrantes implica uma dinâmica intercultural nas suas variadas dimensões, nomeadamente no que concerne ao carácter cultural, social, económico, entre outros, que segundo Ortiz (2013), contribuem para a construção do processo identitário dos descendentes de imigrantes, que assim se posicionam social e culturalmente, construindo sentimentos de pertença com as diferentes culturas.

A diversidade cultural em que se inserem estes jovens migrantes, segundo Vieira (2009) é propensa à construção de identidades compósitas que se vão reconstruindo na interação entre a cultura de origem e a cultura de chegada.

Neste processo complexo e dinâmico, os jovens embora vivenciem o mesmo fenómeno migratório, combinam os elementos de forma particular, construindo identidades em constante remodelação e, deste modo, criando diferentes entre iguais, uma “construção reestruturação – constante metamorfose – para um novo todo” Vieira (1999b:40).

Estes jovens não são simples acumuladores de culturas, cada um processa a sua construção identitária de forma única, originando uma diversidade de sentimentos de pertença que tornam cada sujeito único nesta heterogeneidade cultural.

Os resultados recolhidos junto dos entrevistados demonstraram que estes jovens adquirem uma nova cultura sem renunciarem a anterior, numa atitude construtiva, que segundo Vieira (2009), viabiliza a construção de uma terceira dimensão identitária, conjugando múltiplos contextos culturais, evitando assim crises identitárias, especialmente a estes jovens que se viram envolvidos num processo migratório que não dependeu da sua vontade mas sim da dos seus pais.

A maioria afirma que se sente integrado na cultura de acolhimento, embora demonstrem vontade de manter ligações com a cultura de origem, a título de exemplo descreveram uma série de hábitos que mantêm, como a utilização das redes sociais mais populares na Rússia e na Ucrânia, verem canais de televisão por cabo da Europa de leste e irem frequentemente de férias ao país de origem. No entanto, quando confrontados com a possibilidade de retorno, são assertivos nas respostas, não pretendem regressar ao seu país, só de férias ou para visitar familiares.

Conclui-se que a construção da identidade e o sentimento de pertença destes jovens se processa de forma complexa e dialética, integrando em alteridade aspetos multiculturais, cujo resultado são identidades compósitas (Vieira, 2009), contribuindo para uma sociedade mais igualitária e respeitadora da diferença de cada um, só assim é possível salvaguardar a coesão social e o exercício da plena cidadania.

## BIBLIOGRAFIA

Abranches, M. e Alves, T. (2008). *Avaliação dos Serviços Nacionais de Apoio ao Imigrante*. Lisboa: Organização Internacional para as Migrações.

ACIDI (2013). *Diagnóstico da População Imigrante em Portugal- Desafios e Potencialidades*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

ACIDI. *Mais Diversidade Melhor Humanidade*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

ACIME (2004). *I Congresso Imigração em Portugal: Diversidade- Cidadania- Integração*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

António, J. (2012). Atitudes face à imigração e aos imigrantes em Portugal. In João H.C. António e Verónica Policarpus (coord.), *Os imigrantes e a Imigração aos Olhos dos Portugueses. Manifestações de preconceito e perspectivas sobre a inserção de imigrantes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 39-71

Assis, G. (2007). Mulheres Migrantes no passado e no presente: género, redes sociais e migrações internacionais. In *Revista Estudos Feministas*, nº 3, pp. 745 – 772.

Baganha, M. (1998). Immigrant involvement in the informal economy: the Portuguese Case. In *Journal of Ethnic and Migration Studies*, XXIV (2), pp. 367-385.

Baganha, M. (2005). Política de imigração: a regulação dos fluxos. In *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 73, pp. 29-44.

Baganha, M. e Fonseca, M. (Eds.). (2004). *New waves: migration from Eastern to Southern Europe*. Lisboa: Fundação Luso-Americana.

Baganha, M. e Gois, P. (1999). Migrações Internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos?. In *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 52/53.

Baganha, M. e Marques, J. (2001). *Imigração e Política. O caso Português*. Lisboa: Fundação Luso-Americana.

Baganha, M.; Marques, J. e Góis, P. (2004). Novas migrações, novos desafios: A imigração do Leste Europeu. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº69, pp. 95-115.

Baganha, M.; Marques, J. e Gois, P. (2005) Imigração de Leste em Portugal. *Revista de Estudos Demográficos*, nº 38, pp. 33 – 45

Baganha, M., Marques, J. e Gois, P. (2010). *Imigração Ucrâniana em Portugal e no Sul da Europa: A emergência de uma ou várias comunidades?*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Bell, J. (2010). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.

Bermúdez K, Prats G y Uribe E. (2000) La mediación intercultural: un puente para el diálogo. *Desenvolupament Comunitari*. Barcelona: Ed.propia.

Bolzman, C.; Fibbi, R. e Vial, M. (2003). *Secondas - Secondos. Le processus d'integration de jeunes adultes issus de l'immigration Espagnole et Italienne en Suisse*. Seismo, Zurich.

Boudon, R. (1995). *Tratado de Sociologia*. Lisboa: Edições Asa.

Bourdieu, P. (1989). *A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região*. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Bourhis, Y.; Moise, L.; Perreault, S. e Senécal, S. (1997). Towards an interactive acculturation model: A social psychological approach. *International Journal of Psychology* 32 (6), pp. 369-386.

Boyd, M. e Grieco, E. (2003). *Women and Migration: Incorporating Gender into International Migration Theory*. (Disponível em <http://www.migrationpolicy.org/>)

Carneiro, R. (2005). Nota do Coordenador in Fonseca, M.; Ormond, M.; Malheiros, J.; Patrício, M. e Martins, F. (2005). *Reunificação Familiar e Imigração em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, pp. 11 - 13

Carvalhais, I. (2006). Condição pós-nacional da cidadania política: pensar a integração de residentes não-nacionais em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 50, pp. 109-130.

Carvalho, L. (2004). *Impacto e Reflexo do Trabalho Imigrante Nas Empresas Portuguesas- Uma visão qualitativa*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Castles, S. (2000). Internacional Migration at the Beginning of the Twenty-First Century: Global Trends and Issues. *Internacional Social Sciences Journal*. UNESCO, nº165, pp. 269-281.

Castles, S. (2005). *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios*. Lisboa: Fim de Século.

Faria, S. e Vieira, R. (2016). Epistemologia e metodologia em mediação e ciências Sociais. In Vieira, R.; Marques, J.; Silva, P.; Vieira, A.; Margarido, C. (org.). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto. Edições Afrontamento.

Ferreira, L. (2008). *O direito ao sucesso: jovens cabo-verdianos no contexto educativo português*. In Pedro Góis (org.), *Cunidade(s) Cabo-Verdiana(s): as múltiplas faces da Imigração Cabo-Verdiana*. Lisboa: ACIDI, pp.137-154.

Fibbi, R.; Wanner, P.; Topgul, C. e Ugrina, D. (2005). *The New Second Generation in Switzerland*. Amsterdam: IMISCOE Research.

Foddy, W. (1996). *Como perguntar - Teoria e Prática de Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*. Oeiras: Celta. (Disponível em <http://www.unfpa.org/fr>).

Fonseca, M. (2005). Migrações Transatlânticas e Transeuropeias. ISCTE, 18 de março de 2005 (Disponível em [home.iscte-iul.pt/~ansmd/BP-Fonseca.pt](http://home.iscte-iul.pt/~ansmd/BP-Fonseca.pt))

Fonseca, M.; Ormond, M.; Malheiros, J.; Patrício, M. e Martins, F. (2005). *Reunificação Familiar e Imigração em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Fonseca, M.; Góis, P., Marques, J. & Peixoto, J. (orgs.). (2013). *Migrações na Europa e em Portugal: Ensaio de homenagem a Maria Ioannis Baganha*. Coimbra: Almedina.

Giménez, R. (2010). *Mediação Intercultural*. Lisboa: ACIDI.

Góis, P.; Padilla, B.; Marques, J. e Peixoto, J. (2009). Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. *Revista Migrações*, nº 5, pp. 111-133.

Goldenberg, M. (2004). *A Arte de Pesquisar: como fazer uma pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record.

Guba, E.; Lincoln, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In Denzin, Norman; Lincoln, Yvonna (Ed) (1994) *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, pp. 105-117

Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Estoril: Principia Editora.

Hall, S. (2001). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, pp.11-12.

Horta, A. (2011). As Políticas de imigração em Portugal. Contextos e protagonistas. *Revista Internacional em Língua Portuguesa – Migrações* (24), pp. 233-253.

Kasinitz, P.; Mollenkopf, J.; Waters, M. (2004). Worlds of the second generation. In Kasinitz, P.; Mollenkopf, J.; Waters, M. (org.). *Becoming New Yorkers: ethnographies of the new second generation*. New York: Russell Sage Foundation.

Machado, F. (2008). Filhos de imigrantes africanos no mercado de trabalho: acessos, perfis e trajectos. *Migrações*, 2 (número temático "Imigração e Mercado de Trabalho"), pp. 121-158.

Machado, F. e Matias, A. (2006). Jovens descendentes de imigrantes nas sociedades de acolhimento: linhas de identificação sociológica. In *CIES e-Working Papers*, nº 13/2006

Magalhães, A. (2001). O Síndrome de Cassandra: Reflexividade, a Construção de Identidades Pessoais e a Escola. In Santos, Boaventura de Sousa (Org.) *Transnacionalização da Educação*. Porto: Afrontamento.

Malheiros, J. (1996). *Imigrantes na Região de Lisboa. Os anos da mudança*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 26-31.

Malheiros, J. (2007). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa, ACM, IP

Malheiros, J. (2010). *Promoção da Interculturalidade e da Integração de Proximidade*. Manual para Técnicos, Lisboa, ACIDI.

Malheiros, J. (2011). *Promoção da Interculturalidade e da Integração de Proximidade*. Lisboa: ACIDI.

Malheiros, J.; Mendes, M.; Barbosa, C.; Silva, S.; Schiltz, A. e Vala, F. (2007). *Espaços e Expressões de Conflito e Tensão entre Autóctones, Minorias Migrantes e Não Migrantes na Área Metropolitana de Lisboa*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Marques, J. (2008). *Os portugueses na Suíça- Migrantes Europeus*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Marques, J. (2012). Percepções sobre a imigração e mercado de trabalho. In João H.C. António e Verónica Policarpas (coord.), *Os imigrantes e a Imigração aos Olhos dos Portugueses. Manifestações de preconceito e perspectivas sobre a inserção de imigrantes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 73-91.

Marques, J. e Góis, P. (2011). A evolução do sistema migratório lusófono. Uma análise a partir da imigração e emigração portuguesa. *Revista Internacional em Língua Portuguesa – Migrações* (24), pp. 213-232.

Marques, J.; Gois, P. e Castro, J. (2014). *Impacto das Políticas de Reagrupamento familiar em Portugal*. Lisboa: ACM, IP.

Marques, J.; Faria, S.; Silva, P.; Vieira, R.; Lopes, S. (2016). A Prática da Investigação no estudo da interculturalidade. In Vieira, R.; Marques, J.; Silva, P.; Vieira, A.; Margarido, C. (org.). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 125 – 155.

Marques, J; Gois, P.; Castro, J. (2014). *Impacto das políticas de reagrupamento familiar em Portugal*. Lisboa: ACM, IP.

Marques, R. (2007). Nota de abertura. In Gois, P. e Marques, J. (2007). *Estudo Prospectivo sobre imigrantes qualificados em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, pp.13-14.

Marques, R. (2005). Identidade e nacionalidade nas crianças e jovens descendentes de imigrantes. *Homo Migratius* (Disponível em <http://homomigratius.blogspot.pt/2005/11/identidade-e-nacionalidade-nas-criancas.html>).

Martins, A. (2008). *A Escola e a Escolarização em Portugal – Representações dos Imigrantes da Europa de Leste*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Massey, D. (1990). Social Structure, Household Strategies, and the Cumulative Causation of Migration. *Population Index*, v. 56, n. 1, pp. 3-26.

Ministério do Trabalho e da Solidariedade. *Boletim do 17 Trabalho e Emprego 1.A SÉRIE - Ministério do Trabalho e da Solidariedade*. Lisboa. MTS. (Disponível em: [www.act.gov.pt](http://www.act.gov.pt)).

Mirotshnik, V. (2008). *Integração e Escola em Populações Imigrantes da Ex-URSS*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Montenegro, M. (2008). *O Projecto Nómada e a Mediação*. In atas do XVI Colóquio AFIRSE/AIPELF.

Moreira, A., (1996). *Teoria das relações internacionais*. Coimbra: Livraria Almedina.

Niessen, J.; Huddleston, T.; Citron, L. In cooperation with Andrew Geddes and Dirk Jacobs. (2007). *Migrant Integration Policy Index*. Mipex.

Ocampo, J. (2002). *Globalização e Desenvolvimento*. Brasília: Nações Unidas, Cepal.

OIM (2007). *Mapa de Boas Práticas Acolhimento e Integração de Imigrantes em Portugal*. Lisboa: Organização Internacional para as Migrações.

Oliveira, A e Freire, I. (2009). *Sobre a mediação Sócio-Cultural*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Oliveira, A. e Galego, C. (2005). *A Mediação Socio-Cultural: Um puzzle em construção*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Oliveira, M. (2010). Os ucranianos no concelho de Leiria. In Maria Baganha, José Marques e Pedro Gois (2010). *Imigração Ucraniana em Portugal e no Sul da Europa: A emergência de uma ou várias comunidades?*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, pp. 121- 122.

Ortiz, A. (2013). Identidades, pertenças e afinidades dos jovens descendentes de migrantes africanos na área Metropolitana de Lisboa. In *Revista Migrações*, setembro 2013, nº 11. Lisboa: ACIDI, pp. 157 - 184.

Padilla (2007). A Imigração Brasileira em Portugal: Considerando o género na análise. In Malheiros, J. (2007). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACM, IP

Padilla, M. e Ortiz, A. (2014). *REMHU - Rev. Interdiscipl.Mobil. Hum.* Brasília: Ano XXII, nº 42, pp.133-158.

Padone, C. (2004). *Relaciones de género en las cedenas familiares ecuatorianas en un contexto migratório internacional*, apresentado no Convegno Internazionale: I Latinos Alla Scoperta Dell'Europa, Nuove Migrazioni e Spazi della Cittadinanza, Genova.

Peixoto J. (2007). Dinâmicas e regimes migratórios: o caso das migrações internacionais em Portugal. *Análise Social*, Vol. 42, pp. 445-469.

Peixoto, J. (2008). Imigração e mercado de trabalho em Portugal: investigação e tendências recentes. *Migrações*, 2 (número temático "Imigração e Mercado de Trabalho"), pp. 19-46.

Peixoto, J.; Marçalo, C. e Tolentino, N. (2011). *Imigrantes e Segurança Social em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Pires, R. (coord.), Machado, F.; Peixoto, J. e Vaz, M. (2010). *Portugal: Atlas das Migrações Internacionais*. Lisboa: Editora Tinta da China, pp.120.

Portes, A. e Min Zhon (1993). The New Generation: segmented assimilation and it's variants among post - 1965 immigrant youth. *Annals of the American Academy of Political and Social Sciences*, vol 530, pp. 74-96.

Portes, A. e Rumbaut, R. (2005). The Second Generation in Early Adulthood. *Ethnic and Racial Studies*, vol. 28, nº 6, pp. 983 – 999.

Portes, A. e Rumbaut, R. (2006). *Immigrant America: A Portrait*. Berkely: University of Califórnia Press.

Prado, M. (2006). *Movimentos sociais e Massas: Identidades coletivas no espaço público contemporâneo*. Seleção de documentos apresentados no Colóquio Internacional: Mídia, Espaço Público e Identidades Coletivas (set/2003). Editora da UFMG: Belo Horizonte.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ramos, N. (2002). Educação, Saúde e Culturas – Novas perspectivas de investigação e intervenção na infância. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Ano 36; nº1, 2 e 3, pp. 463-487.

Rosa, M.; Seabra, H. e Santos, T. (2004). *Contributos dos imigrantes na demografia portuguesa*. Lisboa: ACIME.

Rosales, M.; Jesus, V. e Parra, S. (2009). *Crescer Fora de Água? Expressividades, Posicionamentos, e Negociação Identitárias de Jovens de Origem Africana na Região Metropolitana de Lisboa*. Lisboa: ACIDI.

Rosário, E. e Santos, T. (2008). *Quanto custa ser Imigrante?*. Lisboa: ACIDI.

Rumbaut, R. (2004). *Ages, Life Stages and Generation Cohort: Decomposing the immigrant First and Second Generation in the United States*. IMR Volume 38, nº 3 (fall 2004), pp. 1160 - 1205.

Rumbaut, R. (1994). The Crucible Within: Ethnic Identity, SelfEsteem and Segmented Assimilation among Children of Immigrants. *International Migration Review*, 18 (4), pp.748 - 794.

Santos, V. (2004). *O Discurso Oficial do Estado Sobre a Emigração dos anos 60 a 80 e Imigração dos anos 90 à Atualidade*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Scott, D. (2010a). Estudo sobre a integração dos descendentes de imigrantes portugueses na América. *Identidade e manutenção da cultura étnica*. Lisboa: Observatório da Emigração.

Scott, D. (2010b). A Integração dos Luso-Americanos nos Estados Unidos: Uma Análise Comparativa. *Boletim do núcleo cultural da Horta*, nº19, pp. 327-353.

Seabra, T. e colaboradores (2011). *Trajetos e Projetos de Jovens Descendentes de Imigrantes à saída da Escolaridade Básica*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Sousa, J. (2006). *Os Ucrânianos em Portugal e os Cuidados de Saúde*. Lisboa: ACIME

Sousa, L. e Alarcão, M. (2007). *Quem apoia os imigrantes de Leste em Portugal?: um estudo exploratório das suas redes sociais pessoais*. *Psychologica*, nº45, pp. 171-193.

Tapinos e Delaunay, citado em “A imigração internacional e a globalização” (2001: 243). (Disponível em <http://www.un.org/esa/desa/ousg/books/pdf/GlobalizacionPortuguesCap8.pdf>)

Tilly, C. (1990). *Transplanted networks, in Yans-Mc Laughlin*. (ed), Virginia, immigration reconsidered. NY: Oxford, Oxford University Press, pp. 79 - 95.

Torremorell, M. (2008). *Cultura de mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora, Lda.

Unión Europea (2012). *Glosario 2.0 sobre migracion y asilo. Red Europea de Migraciones*. Unión Europea: EMN.

Vieira, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociopedagógica*. Porto: Profedições.

Vieira, A. e Vieira, R. (2013). *Pedagogia Social, Comunicação e Mediação intercultural*. A página da educação. Edição nº 201, série II outubro 2013.

Vieira, R. (1999a). *Histórias de Vida e Identidades: professores e interculturalidade*. Porto: Afrontamento.

Vieira, R. (1999b). *Ser Igual, Ser Diferente: Encruzilhadas da Identidade*. Porto: Profedições.

Vieira, R. (1999c). A construção do homem: Identidades e metamorfoses. In R Vieira - *Educação & Comunicação*, pp. 26 -52.

Vieira, R. (2007). Identidades, Histórias de Vida e Culturas Escolares: contribuições e desafios para a formação de Professores. *III Seminário de Educação* “Memórias, História e Formação de Professores. Rio de Janeiro, Brasil.

Vieira, R. (2009). *Identidades Pessoais. Interações, Campos de Possibilidades e Metamorfoses Culturais*. Leiria: Edições Colibri.

Vieira, R. (2011). Encruzilhadas de identidade. In Vieira, R. (2011). *Ser Igual, Ser Diferente: encruzilhadas da identidade*. Porto: Profedições, pp. 61- 67.

Vieira, R. (2014). Life Stories, Cultural Métissage and Personal Identities. In *SAGE Open*, Jan 2014, 4(1), DOI: 10.1177/2158244013517241. Online ISSN: 2158-2440, pp. 1-13. (Disponível em: <http://sgo.sagepub.com/content/4/1/2158244013517241>).

Vieira, R.; Marques, J.; Silva, P.; Vieira, A.; Margarido, C. (2016). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento.

Vieira, R.; Margarido, C. e Marques, J. (2013). *Partir Chegar Voltar... Reconfigurações Identitárias de Brasileiros em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.

Vilaça, H. (2008). *Imigração, Etnicidade e Religião - O Papel das Comunidades Religiosas na Integração dos Imigrantes da Europa de Leste*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Wodak, R.; Krzyzanowski, M. (2007). *Multiple Identities, Migration and Belonging: 'Voices of Migrants*. Identity Troubles. ed. / Carmen Caldas-Coulthard; Rick Iedema. Basingstoke : Palgrave Macmillan, pp. 95-119.

#### **WebGrafia:**

<http://homomigratius.blogspot.pt/2005/11/identidade-e-nacionalidade-nas-crianas.html>  
Consultado em 18 de out. de 2016.

Observatório da Emigração, consultado em 09.06.2016. Disponível em <http://observatorioemigracao.pt/>

Observatório da Imigração, consultado em 09.06.2016. Disponível em <http://www.oi.acidi.gov.pt/>

Observatório da Imigração, consultado em 09.06.2016. Disponível em <http://www.oi.acidi.gov.pt/>

Revista Crítica de Ciências Sociais consultado em 10/06/2016, disponível em <https://rccs.revues.org/1340?lang=en#tocto2n2>

<Http://www.mipex.eu/portugal>, consultado em 10.11.2016.

<Http://www.mipex.eu/portugal>, consultado em 10.11.2016.

Funds de Nations Unis Pour la Population. Consultada em 15.12.2016. disponível em: <http://www.unfpa.org/fr>

Fonds de Nations Unies Pour la Population. Consultada em 15.12.2016. disponível em: <http://www.unfpa.org/fr>

Declaração Universal dos Direitos Humanos, consultada em 16.12.2015. Disponível em <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/cidh-dudh.html>.

# **Anexos**

## Anexo 1 - Guião de Entrevista a aplicar aos imigrantes de 2ª geração do leste da Europa

<b>Tema</b>	“Identidade e Pertença: uma geração do leste da Europa”
<b>Objetivo Geral</b>	Pretende-se compreender as condições de integração da geração 1.5 dos descendentes do leste da Europa em Portugal e, de que forma o processo identitário e o sentimento de pertença contribuem para o sucesso ou insucesso da sua integração.
<b>Objetivo Específico</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>· Identificar quais os fatores que interferem na integração social dos imigrantes de segunda geração.</li><li>· Perceber de que forma a inclusão em meio escolar contribui para a sua integração.</li><li>· Avaliar como o acesso ao mercado de trabalho dos imigrantes de 2ª geração condiciona a sua fixação.</li><li>· Analisar o processo de transição dos imigrantes de 2ª geração para o mercado de trabalho.</li><li>· Perceber de que forma o contexto migratório influencia a construção de identidade e sentimentos de pertença dos descendentes de imigrantes do leste da Europa.</li></ul>

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Nacionalidade:** \_\_\_\_\_ **Naturalidade** \_\_\_\_\_

**Residência:** \_\_\_\_\_

**Ocupação (trabalhador ou estudante)** \_\_\_\_\_

1. Quando é que chegou a Portugal?
2. Desde que começou a ter consciência que estava em Portugal, quais os obstáculos com que se deparou?
3. Houve fatores de mediação determinantes para o sucesso ou insucesso da sua integração?
4. Vivenciou situações de racismo e como condicionaram a sua integração?
5. Recorreu a Instituições de apoio aos imigrantes, serviço de mediação comunitário ou associações?

6. Mantém relações com o país de origem (informação sobre a política, economia, condições de vida, etc)?
7. Fala a língua do país de origem? onde aprendeu?
8. Qual foi o seu percurso escolar?
9. As equivalências e o grau académico foram significativos para a sua integração escolar?
10. Conhece alguns programas de mediação intercultural nas escolas que frequentou (considera importante este tipo de programas)?
11. Principais dificuldades no acesso ao mercado de trabalho?
12. No seu trabalho tem colegas Portugueses?
13. Acha que os imigrantes têm as mesmas oportunidades de trabalho que os Portugueses?
14. Têm o mesmo vencimento que os trabalhadores imigrantes?
15. Trabalham mais ou menos que os Portugueses? Acha que isso é um sinal de discriminação no trabalho?
16. O facto de ter um emprego influencia a decisão de ficar em Portugal?
17. Que hábitos quotidianos e as práticas culturais portuguesas faz no dia-a-dia? Quais as do país de origem? Quais é que considera usar mais?
18. Quem são os seus amigos? São maioritariamente de Portugueses ou de imigrantes?
19. Que diferenças é que identifica sobre a cultura de origem e a portuguesa?
20. Quais as perspectivas de futuro (regressar ao país de origem; imigrar para outro país; fixar-se em Portugal)?

## **Anexo 2 – Entrevistas**

### **Entrevista nº 1 - Anton**

**Olá Anton, Bom Dia,**

**Qual é a sua nacionalidade?**

Sou ucraniano.

**Você tem nacionalidade**

Sim, quase um ano de nacionalidade Portuguesa

**Há quantos anos está cá?**

Eu penso que dia 25 de abril vai fazer 13 anos

**Veio com que idade?**

8

**Quando chegou a Portugal com 8 anos como foi?**

Foi tudo muito diferente em comparação com o que eu estava habituado, as pessoas, a maneira como a sociedade era organizada, a escola era muito diferente. Lá na escola estava habituado a um certo rigor aqui estava mais à vontade.

**Mais regras? Mais rígido?**

Sim, lá mais regras.

**O que é que acha que é melhor?**

Não sei, aqui as pessoas têm demasiada liberdade e não aproveitam como deve ser. Por exemplo, eu fui educado daquela maneira e era sempre caladinho e portava-me bem, mas havia pessoas que não deixam aprender nada.

**Porque a falta de regras os prejudicavam?**

Sim, a eles próprios.

Mas de resto há pessoas boas e pessoas más em todo o lado.

Mas quando cheguei aqui foi muito diferente, as pessoas eram simpáticas, conheci o meu melhor amigo, já foi no segundo ano, quando cheguei aqui continuei no 2º, 3 meses, para acabar.

A minha mãe decidiu que ficava no 2º ano, eu podia ir para o terceiro mas a minha mãe não deixou.

**Mas não falava Português?**

Não, zero, só sabia dizer umas poucas palavras "posso ir à casa de banho?"

**Quem o ensinou?**

Foi a mãe.

**Já estava em Portugal, a mãe?**

Sim, já estava.

**Primeiro veio o pai?**

Sim, já cá estava há três anos, depois apareceu a mãe. A mãe tinha muitas saudades minhas, por isso trouxe-me para aqui.

**É o único filho?**

Não, o meu irmão nasceu cá, tem onze anos agora.

**Ficou na Ucrânia com quem?**

Com os meus avós.

**Então primeiro veio o pai depois a mãe?**

Sim, primeiro o pai, depois a mãe, depois fui eu e depois o meu irmão já nasceu cá.

**Quando tinha 8 anos era muito pequenino, qual foi a lembrança de ter chegado a Portugal? O que o marcou mais?**

Fiquei muito feliz de ver a minha mãe, já não a via há muito tempo.

**E na escola? Começou a fazer amigos?**

Sim, logo no primeiro dia que cheguei, na escola havia lá pessoas que chegaram ao pé de mim, eles diziam "ah, este é novo" e eles foram ter comigo, mas eu não percebia nada do que eles estavam a dizer.

**Eles eram todos portugueses?**

Sim, a minha mãe tentava traduzir tudo. Mas aquelas pessoas que foram ter comigo eram da minha turma e um deles ficou até a ser o meu melhor amigo, já há treze anos.

**Então e quem é que o ajudou a ultrapassar estes obstáculos quando chegou à escola, por exemplo, quando não falava?**

A minha mãe escrevia textos enormes, do que eu devia falar, para eu decorar. O que eu fazia depois da escola e nos tempos livres era decorar aquilo tudo.

**Foi a mãe que ensinou Português?**

Mais ou menos, sem contar com a escola, mas as primeiras palavras foi a mãe, foi o que me ajudou muito. A contar até 100, dias da semana, meses do ano. Aprendi isso tudo em poucos meses e ajudou-me imenso.

**Com a mãe, saía da escola, chegava a casa e ia trabalhar?**

Sim, e normalmente na Ucrânia, começávamos inglês no 2º ano e isso ajudou com as letras, as letras são parecidas.

**Já tinha Inglês na Ucrânia no segundo ano?**

Sim, com 8 anos já tinha inglês.

**Também foi bom para conseguir comunicar cá? Com os professores?**

Ajudou muito, não sabia muitas coisas mas ajudou.

**Quem fez a mediação entre a cultura Portuguesa e a Ucraniana, Foi a sua mãe que já cá estava?**

Sim, basicamente.

**E depois teve alguém que o ajudasse?**

Eu trabalhei sempre sozinho.

**Nunca teve programas na escola de mediação?**

Sim, no 3º e 4º ano havia um gabinete com um professor que ajudava no português. A explicar as coisas básicas, não era gramática era coisas mais básicas.

**Mas só ensinava língua portuguesa?**

Sim.

**Não fazia mais nada, por exemplo ao nível da alimentação, era pequenino, tinha 8 anos, adaptou-se bem quando ia à cantina?**

Nós na primária não tínhamos cantina, era por turnos, havia pessoas que entravam às 8 e saíam às 1, e outras entravam às 1 e saíam às 5.

**E o Anton vinha para casa?**

Não, eu entrava às 1.15, comia em casa o almoço e depois ia para a escola.

**Então não tinha esse problema, era só o Português?**

Sim.

**Acha que alguma vez sofreu situações de racismo?**

Não sei, acontece muitas vezes. Há pessoas mais racistas e menos racistas. Eu acho que há muitos racistas mas que eles tentam não mostrar isso.

**Acha que há racismo mas eles esforçam-se por não mostrar?**

Sim.

**Mas no fundo fazem diferença pelo facto de ser imigrante?**

Por exemplo eu não sou racista, sou estrangeiro e vivo em Portugal, mas há pessoas que são...

**São preconceituosas? Têm preconceitos?**

Não sei antes eu pensava isso, mas agora já não porque tenho namorada portuguesa.

**Mantem relações com o seu país de origem?**

Amigos não, falo com avós, tios e primos.

**Estão lá?**

Sim, falamos pelo Skype, eles têm internet e computador, é muito mais fácil.

**Vai lá de férias?**

Já lá não vou há uns 4 ou 5 anos, porque está a haver este problema da guerra e eu estou no tempo de ir à tropa, é até aos 25 anos.

**Você têm que idade agora?**

21 e a partir dos 18 até aos 25 é idade da tropa, é obrigatório.

**Por isso você até fazer 25 anos não quer arriscar ir lá?**

Não sei, eu tenho nacionalidade aqui, eles não podem...

Aqui conta nacionalidade portuguesa, lá conta a ucraniana, por isso para eles não conta ser Português para nada, por isso não sei.

**Eles iam obrigar a fazer tropa?**

Eu não sei, mas era o meu dever, é um ano e meio.

**E você não quer fazer?**

Não é não querer fazer, eu até gostava de fazer, mas isso ia tirar muito tempo da minha vida, inútil...gostava de fazer, ia ser uma experiência única, mas tenho outras coisas em mente, fazer o curso e fazer mestrado e dedicar-me ao trabalho.

**Qual é o seu curso?**

É biologia.

**E está a correr bem? É bom aluno?**

Sim, sou.

**Já está a planear o mestrado?**

Sim, eu queria fazer mestrado em microbiologia e dedicar-me ao estudo de microrganismos e criar vacinas.

**Acha que Portugal lhe vai dar essas oportunidades?**

Portugal tem muitas oportunidades por isso vou aproveitar ao máximo.

**No seu país não tinha?**

Não, no meu país até podia ter mais, porque eu quando me dedico sou bom aluno, mas também me "baldo"... Mas eu tenho capacidades e com é o meu pais de origem, até era capaz de ter boas oportunidades lá.

**Você continua a manter o contato com o seu país, a querer saber sobre a política e a economia?**

Sim, claro, eu tento sempre ver isso, mas a política lá não é grande coisa.

**Os políticos não estão a conseguir?**

Eles pensam só neles e não nas outras pessoas, e eu... tipo, gosto mais de tecnologia e ciência, não ligo à política.

**E não faz tensões de voltar à Ucrânia? Para viver um dia?**

Não sei o futuro, mas penso ficar aqui

**Por agora está cá?**

Sim.

**Sente-se bem cá?**

Sim.

**Fala a língua de origem?**

Sim, falo bem.

**Mas veio pequenino?**

Sim, mas continuo sempre a falar ucraniano, russo, inglês, português e espanhol.

**É um poliglota?**

Sim.

**E no seu percurso escolar isso foi positivo?**

Eu dou-me muito bem com línguas.

**Isso contribuiu para o sucesso académico do seu percurso académico?**

Isso é uma desculpa, quem quer estudar tem bons resultados.

**Independentemente da nacionalidade que tem?**

As pessoas dizem que tem dificuldades mas não querem é estudar... Porque não conhecem a língua, isso é desculpa.

**Nunca trabalhou cá em Portugal?**

Não.

**Dedica-se aos estudos?**

Sim.

**E quais são os hábitos quotidianos, do seu dia-a-dia que mantém da Ucrânia e que adotou dos Portugueses?**

Por exemplo... Que adotei dos portugueses?

**Sim, culturalmente tem hábitos que já são da cultura Portuguesa?**

Não sei, acho que uma pessoa não se apercebe, não sei explicar.

**Por exemplo, em casa há hábitos que se mantêm da cultura ucraniana?**

Sim.

**E quando convive com os portugueses ou com a namorada que é portuguesa, já adquiriu os hábitos portugueses?**

Sim.

**Por exemplo o Natal?**

Comemoramos os dois.

**Comemoram o dia 25 de dezembro e o dia 6 de Janeiro? Com a família?**

Sim, mas nós aqui não temos família, às vezes vamos á minha madrinha que vive nas Caldas da Rainha.

**Também é da Ucrânia e fazem muitas visitas?**

Sim.

**Às vezes juntam-se?**

Sim.

**Mas comemoram os dois natais?**

Sim, já há muito tempo.

**Os seus amigos são mais ucranianos ou portugueses?**

São mais portugueses, eu dou-me melhor com os portugueses.

**Porque, explique-me?**

Não sei, sempre gostei muito de conhecer e sempre fiz amigos portugueses em vez de estrangeiros e por isso dou-me melhor com amigos portugueses. Também não há muitos estrangeiros.

**Mas não há aquela tendência de, por serem imigrantes, se juntarem em grupos com as pessoas da mesma nacionalidade?**

Sim, mas normalmente eles fazem mais grupos da mesma idade e da minha idade não há tantas pessoas. As pessoas são mais velhas ou mais novas.

**Como o seu irmão que já nasceu cá e tem 11 anos?**

Sim... Mas mesmo assim às vezes juntamo-nos, mas eu vou para Lisboa.

**Lisboa durante a semana? E aos fins-de-semana esta com os pais?**

Sim, venho fim-de-semana sim fim-de-semana não.

**Vê o seu futuro em Portugal?**

Sim.

**Não quer voltar à Ucrânia?**

Só se for para passar férias, porque tenho basicamente a minha vida aqui feita.

**E quer ficar cá?**

Sim

Obrigada

## **Entrevista nº 2 - Anastasya**

**Olá, Boa tarde,**

**Como te chamas?**

Anastasya.

**Que idade é que tu tens?**

17.

**Vieste para Portugal com que idade?**

Com 2 anos.

**Qual é a tua nacionalidade?**

Ucraniana.

**E vives onde?**

Em Ansião.

**Quando chegaste a Portugal a tua recordação de chegada não deve ser muita, mas explica-me como foi, porque é que vieste para Portugal aos 2 anos?**

Eu vi para Portugal com a minha mãe, porque o meu pai já cá estava a trabalhar anteriormente e convidou-nos para vir para cá, porque a família estava separada e o meu pai não me estava a ver crescer.

Eu sei pelos contos da minha mãe que nós viemos de comboio, passamos por 7 países, mas sozinha não me lembro.

**A mãe é que te vai contando o percurso que fizeste até cá?**

Sim.

**E quando é que te comesças a lembrar, as tuas primeiras recordações de estares em Portugal? De te aperceberes que estavas num país que não era o teu?**

Se calhar as recordações do Natal e de como fomos acolhidos, porque eramos uma família nova. Eu tive bastantes prendas e numa data que eu não estava habituada.

E também porque fui acolhida por dois idosos que se tornaram os meus avós “emprestados”, eu para eles sou como uma neta.

**São portugueses?**

São, são portugueses.

**Eram amigos dos teus pais?**

Eram amigos do meu pai e depois acolheram-nos.

**Vocês chegaram e eles receberam-vos como se fossem da família?**

É.

**Eles é que te ensinaram a falar Português?**

Sim, porque eu passava a maioria do tempo com eles, porque tinha a minha mãe a trabalhar e o meu pai a trabalhar e eu ainda não tinha entrado para a creche e ficava com eles e precisava de falar e eles é que me ensinaram a falar.

**Isso foi bom para ti, porque assim aprendeste a língua portuguesa. E depois quando entraste para a pré-escola?**

Para a pré também era a minha avó emprestada, ela levava-me e trazia-me e lá já falava português, já comunicava com facilidade. Porque entrei mais tarde que os meus amigos, mas apanhei bem.

**Os teus amigos eram maioritariamente Portugueses?**

Era tudo portugueses.

**Eras a única de nacionalidade ucraniana que estava na escola?**

Sim.

**Então essa senhora é que fez a mediação entre a cultura que tu tinhas dos teus pais e em casa e a cultura portuguesa? Ela é que acabava por te ir integrando?**

Sim.

Tu lembraste na escola ou quando brincavas com os teus amigos ou durante o teu percurso escolar sentiste alguma forma de racismo pelo facto de seres estrangeira?

Em criança nem tanto mas agora na adolescência os rapazes têm um bocado aquela ideia que viemos da Ucrânia, um país mais de leste e têm uma má ideia das raparigas, para eles as raparigas são todas umas vadias.

**Ah é? Sentes isso?**

Sinto, eles mandam boquinhas “anda com todos, é porque é russa” ou “é porque é ucraniana e as ucranianas que vêm para cá só têm um caminho que é a reta”.

Pronto, uma pessoa quando passa os 14, a adolescência com os rapazes, já começa a sentir isso um bocado. Eu dantes chorava por causa disso e sentia-me mal, mas agora não me importo tanto.

**No fundo sentiste isso como uma forma de *bullying*?**

Sim.

A escola é difícil nessas idades, e eles usavam isso para te chatear, se calhar porque tu és uma mulher bonita, vocês são mulheres vistosas, são bonitas, têm olho azul e pele clarinha... e tu és muito bonita.

**É mais por causa disso. E eles usam isso como forma de *bullying*, achas Anastasya?**

Sim, porque houve um momento que eu parei de usar vestidos, de usar calções e decotes... era uma coisa proibida, porque qualquer coisa eles pegavam. “Olha anda com o peito à mostra” olha vem com uma saia curtinha, é lá dos hábitos delas, a seguir vai para o trabalho”. Uma criança nos seus 14, aquilo magoa bastante. Quando passa a linha dos 16, já comecei a lixar-me e comecei a vestir outra vez vestidos.

**Tu, a mãe e o pai e os amigos, costumam encontrar-se em associações ou fazem convívios de ucranianos e juntam-se?**

Eu sei que quando nós eramos crianças, quando eu era criança, eu lembro-me de um par de encontros, mas agora já não temos encontrado ninguém.

**Vocês agora já estão integradas, que quando vão para festejar ou quando saem, saem aqui na comunidade e vão às festas Portuguesas?**

Sim, podemos até ir em grupo, mas não em associações é grupo de amigos.

**Continuas a ter amigos ucranianos, dás-te mais com amigos ucranianos ou portugueses?**

Eu dou-me bem com as duas partes, mas também na minha zona não há muitos. O único ucraniano que há cá é o meu melhor amigo, eu dou-me bem com ele, agora o resto é portugueses.

**Da tua idade não há mais?**

Da minha idade não.

**E na escola?**

Em Ansião não.

**Foi por isso que sentiste a diferença e te sentiste sozinha?**

Sim.

**Na escola eras a única não é, e ele é rapaz é diferente.**

**Tu manténs relações com a Rússia ou com a Ucrânia, o que quero dizer é se tens família, se falas com eles ou se tens contactos? Porque a mãe é Russa. E o pai é Ucraniano.**

É mais co a parte da Ucrânia, porque a mãe da minha mãe, a minha avó está na Ucrânia, na parte onde está agora a guerra.

**Está na Crimeia?**

Não, está em Luhansk, é aquela parte também que apanham. Está lá, mas agora já nem sabemos se é Rússia se é Ucrânia. Mas temos Skype e falamos todos os dias ou todas as semanas.

Com o meu avô também falamos.

Agora com a parte do meu pai, já não temos tanto contacto, por o pai e a mãe morreram, e com a minha tia não temos contacto, eles não se dão lá muito bem.

**Eles ficaram lá, vocês já estão cá há muitos anos, há laços que se acabam por perder com a morte dos teus avós.**

É, eles perderam os laços e também está um conflito, mas quando os meus avós estavam vivos contactávamo-nos muitas vezes por telemóvel, ainda não havia muito a "cena" do Skype.

**E eles também não tinham, os avós tinham mais idade.**

**Mas tu interessaste por saber sobre a política, sobre as condições de vida das pessoas da Ucrânia**

Eu com a política fico doida, ninguém pode falar comigo porque eu entro em conflito.

**Mas gostas de saber o que se passa lá? De te manter informada?**

Sim, até porque tenho lá a minha família, preciso de saber como é que eles estão.

**E saber o que se está a passar neste momento controverso**

Sim.

**Ao nível da economia e das condições de vida, gostas de saber se está melhor, se pior, se estão em perigo?**

Sim, claro, como disse tenho lá a família e quero saber se estão mal, se estão bem, se for preciso ajuda, nós ajudamos, daqui para lá.

Se está tudo bem, nós apoiamos, precisamos saber, porque se for preciso ajuda, estamos aqui disponíveis e é mais fácil aqui que lá.

**E costumas ir nas férias?**

Já não vou lá há muito tempo, mas sim costumo. Agora é difícil por causa da guerra, porque tenho nacionalidade ucraniana, mas também tenho portuguesa, e para a zona que queremos é preciso muitos papéis, precisamos de ir por Moscovo e depois para a Ucrânia.

**A tua mãe tem nacionalidade russa e portuguesa?**

Tem sim.

**O pai também tem dupla?**

Não, só ucraniana.

**Tu chegaste aqui, vieste com 2 anos, como aprendeste a falar ucraniano?**

O ucraniano não cheguei a aprender, porque foi uma língua que nós não adotamos, os meus pais preferiram que eu soubesse russo e falávamos em casa.

**E os teus avós também, os que estão na Ucrânia falam russo?**

Falam russo, todos falamos russo.

Em casa falava com os meus pais em russo depois quando ia para a escola com a minha avó emprestada falava português, então eu apanhei bem as duas línguas.

**Em simultâneo? Isso foi bom para o teu percurso escolar, quando entraste para a escola já não notaste diferença. Agora estas em que ano?**

11º.

**Desde a escola primária ou pré-escola, até agora no teu percurso escolar, qual foi a maior dificuldade que sentiste?**

Se calhar foi mais ao nível da caligrafia, porque falar eu falava bem, tento falar sem

sotaque, mas na parte da ortografia sempre há alguma dificuldade, porque há "baralhação" de como se escreve lá e como se escreve cá.

**Mas fazes um esforço para falar sem sotaque?**

Sim.

**Porque, não queres que se note que tu és ucraniana?**

Não é porque dá gosto quando chegas e dizem, "Ah! falas tão bem português".

**Pois falas, não se nota praticamente a tua pronúncia**

É, dá gosto isso.

**A nível das equivalências, nunca tiveste problemas porque começaste logo de início, acabaste por ter uma vida escolar facilitada, porque quando entraste na escola já estavas habituada.**

**E a nível da Cultura, dos hábitos do dia-a-dia, quais são as práticas que tu tens no dia-a-dia portuguesas e quais é que tens da Ucrânia? Quais é que sentes que vieram com a mãe e com o pai e quais são aquelas que tu absorveste dos teus avós emprestados, que são portugueses e dos teus amigos e da escola**

Os hábitos, o acordar é igual, tomamos o pequeno-almoço...

**A comida é igual?**

A comida ao pequeno-almoço sim, porque é cereais, o leite, as bolachas, chás... É o que costuma ser.

Agora as comidas ao almoço ou ao jantar já se tornam diferentes e ao lanche já são diferentes.

**A comida é russa?**

Conforme, há dias em que fazemos português e há dias em que fazemos russo. Mas se calhar é mais russo que a minha mãe faz cá em casa.

**Pois, como a mãe é russa opta por fazer mais russa, quando estás fora de casa comes mais comida portuguesa**

Mas gosto das duas aprecio as duas também por causa da avó emprestada.

**No teu dia-a-dia o que é que tu usas mais, quando estás com os teus pais usas mais a cultura ucraniana e na escola é mais a portuguesa, é assim?**

Não isso agora já é mais a portuguesa, facilita mais eu explicar uma coisa à minha mãe em português do que em russo. Em russo às vezes faltam-me palavras.

**E as datas comemorativas, como por exemplo o Natal, a pascoa, como é que vocês fazem, comemoram nos dias que os portugueses comemoram ou nos dias em que normalmente comemoram na Ucrânia e na Rússia?**

Comemoramos as duas, na pascoa e no natal, e o ano novo é o mesmo dia. Depois festejamos as de lá e eu explico aos meus amigos.

**Como por exemplo o natal que comemoram a dia 6 de janeiro?**

Sim, o dia de reis cá em Portugal e comemoramos uns com o0s outros.

**Quais são as tuas perspetivas de futuro, tu pensas ficar em Portugal ou tu pensas em voltar para a Rússia ou para a Ucrânia ou imigrar para outro país?**

Eu agora gostava de ficar em Portugal, mas se houver alguma perspetiva de trabalho que eu quero na parte da medicina, passar para outro país onde haja melhores condições, podia passar para outro país.

**Mas da Europa de leste ou da Europa Ocidental?**

Sim, da nossa Europa.

**Para a Ucrânia não queres voltar?**

Não.

**Agora lá também está complicado, não é? Se pudesses ficar em Portugal ficava?**

Sim, é isso.

### **Entrevista nº 3 - Alina**

**Olá Alina**

**Gostava de lhe fazer algumas perguntas do seu percurso desde que chegou a Portugal.**

**Que idade tem?**

22

**Chegou a Portugal com?**

12

**Qual é a sua nacionalidade?**

Ucraniana.

**Veio residir para que zona?**

Para Leiria

**Então conte-me como é que chegou a Portugal?**

Vim com os meus pais em agosto e depois em setembro fui logo para a escola.

**Mas os seus pais vieram logo os dois?**

Não, veio o meu pai, depois passado um ano ele foi lá e depois passado 5 anos veio a minha mãe ter com ele e depois foram lá e eu vim com eles.

**Então primeiro ele, 5 anos, depois ela mais 5 anos e só depois é que veio a Alina?**

Sim, porque eles não tinham visto. Quando conseguiram ter visto é que vieram logo.

**Primeiro veio ele, conseguiu o visto, depois consegui trazer a sua mãe e só depois é que trouxe a Alina.**

Sim

**A Alina ficou com quem?**

Fiquei com os meus avós.

**Lá na Ucrânia?**

Sim.

**Ia à escola?**

Sim.

**Tem irmãos?**

Não.

**E depois quando chegou, como foi, não sabia falar português ou os pais já tinham ensinado?**

Não sabia falar, tentei aprender umas coisas em casa com o dicionário, mas sabia de manhã e à noite não me lembrava.

**Quando começou a ter consciência, quando cá chegou, já tinha 12 anos, já tinha noção das coisas, qual foi o maior obstáculo?**

Eu tive um bocadinho em casa no verão e depois fui logo para a escola, mas até tive bons colegas, e depois vim a descobrir que uma colega que era minha vizinha e a mãe dela era professora lá na escola. Elas nunca me deixaram sozinha.

**Elas eram ucranianas ou portuguesas?**

Portuguesas.

**E não tinha mais pessoas da Europa de leste?**

Tinha na escola, mas na turma não.

**Era a única?**

Sim.

**E como fazia para comunicar nas aulas e com os colegas?**

Eles nunca me deixavam sozinha e só em dezembro é que conseguia perceber bem as coisas e conseguia dizer algumas ideias minhas.

**Já em português?**

Sim.

**E escrever?**

Foi mais tempo e mais complicado.

**Tinha professores que a ajudaram?**

Sim, a minha diretora de curso que me ajudou bastante.

**Tinha aulas de compensação?**

Sim, tinha uma professora que me dava português.

**Não tinha projetos de mediação ou um gabinete para integração dos alunos imigrantes?**

Não.

**Tinha colegas imigrantes, de outros países?**

Não, eram só portugueses.

**Teve que se adaptar com os portugueses que fizeram a mediação entre professores e os programas?**

Sim

**Acha que alguma vez vivenciou algumas situações de racismo ou discriminação, pelo facto de ser imigrante?**

Não, nunca senti isso.

Há situações em que sentimos que não é bem o nosso país, mas depois com o tempo...

**Mas só quando chegou ou continua a notar?**

Continua a haver algumas alturas que há diferenças.

**A Alina não se nota muita diferença, fala bem português.**

Sim, porque estive sempre bem a português.

**Não se nota que tem pronúncia da Europa de leste, já cá está há 10 anos, não é?**

Sim.

**Não se costuma juntar, em instituições com outros ucranianos?**

Não, temos amigos.

**Mas não em associações?**

Havia uma em leiria, mas com o tempo foi-se perdendo.

**Costumavam encontrar-se na "Amigrante", não era?**

Sim, mas agora perdeu-se.

**Então acha que já estão mais integrados e vão necessitando menos dessas coisas?**

Os meus pais é que iam lá, os jovens não iam lá, era mais as pessoas com mais idade, eu

nunca fui muito.

**Os seus pais como foram eles que imigram, eles é que tinham necessidade de estar com os outros, de se juntarem?**

Eu não, tinha o meu grupo e as pessoas da turma. Eu era mais grupos de portugueses.

**Já não sente necessidade de procurara outras pessoas da Ucrânia?**

Não.

**Mas mantém relações com o país de origem?**

Sim, claro.

**Que tipo de relações é que mantém?**

Tenho lá a família toda, vou de férias, falo com eles.

**Fala como? Pelo Skype?**

Pelo Skype, pelo Messenger.

**Fala com quem, com os avós?**

Sim, com avós, com os primos.

**Sempre em ucraniano?**

Sim.

**E vai lá de férias?**

Sim, gosto muito.

**Tem interesse em saber o que se passa lá na política, na economia...**

Sim, mantemo-nos sempre informados.

**Para saber como estão as coisas, se o nível de vida é melhor?**

Sim, nós nunca se sabe se vamos para lá ou não.

**Fala fluentemente ucraniano?**

Sim.

**Quando cá chegou teve logo equivalências ou teve dificuldade, ou teve que perder anos?**

Não, eu não perdi ano, eu acabei lá o 5º e vim para o 6º.

**E passou de ano?**

Sim, passei.

**Conseguiu progredir sem ter perdido nenhum ano?**

Sim

**Sem nunca ter medição, só com ajuda de colegas?**

Sim, e uma professora que me ia acompanhando, dava-me uma aulas extras e explicava algumas coisas.

**A matemática, ciências...**

A matemática tinha o meu pai que me ajudava.

**Os teus pais eram licenciados?**

Sim, o meu é médico.

**E a mãe?**

A mãe não é licenciada mas sempre me acompanhou no meu percurso escolar e estudava comigo.

**Como também tinham estudos valorizavam mais**

Sim, todos os dias fazíamos os trabalhos de casa juntos.

**O seu pai conseguiu equivalência cá?**

Não, nunca tentou porque não tinha tempo.

**E hoje, ao fim de tantos anos não tenta?**

Não ele nunca tentou porque é muito dinheiro.

**Era muito dinheiro e ele precisava de tempo disponível?**

Exato, precisava de tempo e a minha mãe não conseguia sustentar a casa sozinha.

**Ele queria ganhar dinheiro para trazer a sua mãe e a trazer a si e nunca teve oportunidade de pedir as equivalências?**

Sim.

**Aline trabalha cá?**

Sim.

**Como foi a sua integração no trabalho?**

Foi fácil, já trabalho há dois anos no *shopping*, em part-time, ao fim de semana. Sempre quis arranjar um *part-time*.

**Não nota diferença nenhuma entre si e as suas colegas portuguesas?**

Não.

**Não tem diferença ao nível das remunerações?**

Não, nada mesmo.

**Nunca sentiu que o facto de ser estrangeira lhe trouxesse condicionantes?**

Não mesmo.

**Então vai trabalhando e conciliando com os estudos?**

Sim.

**E relativamente aos hábitos, veio com 12 anos, tinha já muitos hábitos da Ucrânia?**

Sim.

**Por exemplo, a alimentação, as festas?**

A alimentação e as festas, continuamos a manter a tradição.

**Em casa a comida continua a ser ucraniana?**

Sim, é um bocadinho de tudo.

**Já misturam a comida Portuguesa?**

Exato.

**E as festas?**

Também mantemos, mas algumas de lá não podemos, depende do tempo, porque cá estamos a trabalhar, é diferente.

**O 25 de dezembro, nós temos as férias de natal...**

Sim e nós juntamo-nos com os amigos.

**E a família?**

Só tenho cá os meus pais, é mais com amigos.

**Da Ucrânia e que vivem aqui perto?**

Sim.

**Nessas festas quando comemoram a pascoa, o natal é só com ucranianos, não têm portugueses?**

Não, não juntamos, ou estamos com uns ou com os outros, porque é complicado com a língua, estamos a falar com uns os outros ficam de parte.

**Então quando se juntam para comemorar é sempre com ucranianos?**

Sim.

**E as festas populares, essas vocês não têm, essas são portuguesas...**

Sim, nós não temos.

**Algumas são religiosas, nas aldeias, a Alina costuma participar?**

Sim, sim.

**Alina diga-nos o que pretende do seu futuro, ou seja, o que idealiza no futuro, ficar em Portugal, voltar para a Ucrânia ou imigrar para outro país?**

Ficar aqui ou imigrar para outro país, depois de acabar a licenciatura é que vejo, agora não sei dizer.

**A licenciatura é em quê?**

Marketing.

**Mas não pensa voltar para a Ucrânia?**

Não, isso não

**Se for é para um país com o nível de vida melhor?**

Sim, para um país melhor.

**Ou então fica em Portugal, se arranjar um bom emprego cá?**

Sim, depende da proposta que tiver, logo vejo depois da licenciatura.

Obrigada.

## **Entrevista nº 4 - Christian**

**Olá boa tarde como é que te chamas?**

Eu chamo Christian.

**Que idade é que tens?**

Tenho 16 anos.

**Com que idade é que vieste para Portugal?**

Com mais ou menos ano e meio.

**A tua nacionalidade é?**

Ucraniana.

**E onde estas a residir?**

Em Ansião.

Conta-me como foi quando chegaste a Portugal, a razão para teres vindo.

Para já eu não nasci na Ucrânia, nasci na Hungria. Os meus pais foram lá de férias e eu nasci lá, depois viemos para a Ucrânia. Foi propositado porque naquela altura e na cidade onde vivíamos não havia condições de higiene e a minha mãe não quis que nascesse lá. Fomos de propósito. Depois voltamos para a Ucrânia.

**Então e depois?**

O meu pai queria ter uma vida melhor e decidiu ir para o estrangeiro e foi para Portugal com amigos lá da cidade onde vivíamos que já cá trabalhavam. O meu pai teve de ir trabalhar e depois viu que era melhor e chamou a minha mãe que depois veio. Eu fiquei lá com a minha avó cerca de ano e meio.

**Eles primeiro legalizaram-se?**

Sim, legalizaram, o meu pai arranjou trabalho, casa e só depois é que trouxe a minha mãe para cá. Depois a minha mãe tentou ir buscar-me lá mas não conseguiu. Então o meu pai voltou à Ucrânia e trouxe-me. Eu então vim cá para Portugal e sempre vivi cá.

**Não te lembras de quando cá chegas-te porque eras bebé?**

Não, não me lembro

E quais são as primeiras recordações que tens? Se calhar de quando entraste para a pré-escola ou creche

Eu não fui logo para a creche. Lembro-me que a minha mãe trabalhava num prédio onde vendiam gomas, e esse prédio ficava ao lado da escola. Eu não entrei logo, não havia vagas e a minha mãe também não teve tempo de me inscrever a tempo e eu fiquei até aos três anos em casa, acho eu. E lembro-me que, quando era pequeno ia ter com a minha mãe, era só passar o corredor e abrir a porta de casa e era já o trabalho da minha mãe.

**E tu ficavas sozinho em casa?**

Não, eu quando acordava de manhã e ia logo ter com a minha mãe.

**Ah, a tua mãe é que trabalhava na loja de gomas?**

Sim, lembro-me disso e que às vezes ia brincar com os vizinhos.

**Portugueses?**

Sim, portugueses.

Então quando chegou a altura de entrares na escola já falavas português?

Não, porque eu ficava com a minha mãe em casa

**E falavas Ucrâniano?**

Não, por acaso nunca falei ucraniano porque a minha mãe era da união soviética e falava russo e eu fiquei a falar russo, mas também sei falar ucraniano porque falava com um vizinho.

Então aprendeste russo em casa com os pais e ucraniano com o vizinho que era da idade dos pais.

**Então o teu pai é que te ensinou?**

Não, eles falavam todos, eram muitos colegas que vieram todos juntos.

**Quando o teu pai veio?**

Sim.

Quando nós viemos para cá éramos muito unidos, não costumávamos ir jantar fora, como os portugueses, porque não conhecíamos e não conseguíamos falar e quando era para jantar ou almoçar ou fazer uma festa qualquer era sempre ucranianos, russos, tudo o que vinha de lá. E eu ouvia e aprendi.

Agora já não falo ucraniano há muito tempo porque o amigo do meu pai foi para França trabalhar.

**Com a Anastasya falas português, ela é tua colega cá em Ansião?**

Falo às vezes, quando é para contar coisas da escola é em português porque é mais fácil entender, mas quando é tema livre ou para pedir uma coisa é em russo.

**É como vos apetece?**

É.

**E quando cá chegaste?**

Lembro-me, entrei na pré, lembro-me que a minha mãe não sabia que eu falava Português porque ela teve que dar autorização para participar numa festa de natal, para cantar e ela disse: "Então mas ele não sabe português" e a professora disse que eu falava muito bem.

**Então na pré já falava bem português?**

Sim, comecei a aprender lá, foi lá que tive os meus primeiros amigos e ainda hoje falo com eles.

**Foi fácil integras-te na escola?**

Sim.

**Achas que alguma vez sofreste uma situação de racismo ou te trataram de forma diferente pelo facto de seres estrangeiro, de não seres português?**

Sim, há algumas pessoas que acham-se muito boas e mandam bocas “ucraniano”.

**Com os colegas?**

Não, com os colegas não, só com quem eu não me dou, mas isso era na primária, agora já somos crescidos. Tenho a alcunha, entre os meus amigos de “Ucra”, mas levo isso na boa.

**É como nós os Portugueses, somos os “Tugas”?**

Sim, é isso, eu não levo a mal.

Não é depreciativo, somos Portugueses e temos orgulho nisso, assim como vocês são ucranianos e têm orgulho nisso.

Na escola, alguma vez frequentaste alguma instituição ou associação que integrasse os imigrantes de leste, fizeste parte de alguma? Eu sei que há uma ali em Pombal.

Sim, eu andei numa escola de ucraniano e russo e de artes tradicionais ucranianas.

**Onde?**

Em Pombal, aos sábados.

**Era as aulas da professora Dina Honcharenko?**

Sim, da Dina. Eu andei lá no 3º e 4º ano.

**Andaste a aprender russo?**

Sim, a minha mãe antes de eu entrar na escola, eu com ela aprendi o abecedário Russo, mas eu escrevia mal e lia mal, mas sabia o básico, então quando entrei para a escola,

entrei logo para o 3º ano, fizeram um diagnóstico e meteram-me no 3º ano e depois havia mais pequenos que iam para o 1º.

Não andei muito tempo, porque eu tinha provas de natação, num clube de natação cá da zona e tinha provas aos sábados e domingos.

**Disseste que também aprendiam artes?**

Sim, antes, por exemplo, houve uma vez que as meninas coziavam panos e os rapazes faziam colagens.

**De quê, dos trajés típicos?**

Sim, e também cantávamos, mas eu não gostava disso.

**Então foste para lá mais para aprender a escrever?**

Nem foi bem por isso, foi por curiosidade, porque aqui em Ansião, ainda não conhecia a Anastasya, e era o único e fui lá e conheci mais ucranianos.

**E sentiste-te mais integrado?**

Sim.

**E explica-me uma coisa, tu manténs relações com o país de origem?**

Sim, eu participo numa rede social, parecida com o facebook, mas de russos e ucranianos.

**E vocês conversam?**

Sim, eu falo com os meus amigos da Ucrânia.

**Tu vieste com um ano e meio, como é que eles são teus amigos? São das redes sociais ou já estiveste com eles?**

Eu já tive com eles, outros são virtuais.

Eu ia lá passar férias, aquilo é um bairro com uma só saída, com seis prédios, e as crianças e os jovens são muito unidos. Aqui em Portugal é mais disperso.

**Lá é uma zona urbana? E aqui é rural é mais disperso, é isso?**

É uma cidade maior que Coimbra, mas no bairro é tudo unido. Um sai e vem logo perguntar "O Chris sai hoje?" e passado cinco minutos vão outra vez bater à porta. São muito unidos.

**Tu quando vais de férias estas com eles?**

Sim, eles vão sempre chamar-me a casa ou eu a eles. Aqui é só nas férias, é pelas redes sociais ou no parque.

**Tens primos lá?**

Sim, tenho primos mas eles viviam a 40 Km.

**Costumas lá ir? Quantas vezes vais lá?**

Sim, mais quando os meus pais estavam juntos, agora estão separados. E a minha avó

morreu e eu ia lá para visitar as avós e primos. Agora só tenho uma avó e como a minha mãe também não tem muitas possibilidades de ir lá, a última vez foi há 3 anos. Falo com a minha avó pelo telefone.

**Achas que quando esta tua avó falecer vais perder as ligações com a Ucrânia?**

Provavelmente sim, porque só tenho primos, não tenho lá mais nada.

**Achas que dificilmente conseguias voltar para a Ucrânia?**

Sim, e também não quero voltar para lá porque em termos de trabalho é mais difícil.

**Tu interessaste pela política, pela qualidade de vida de lá?**

Sim, a qualidade de vida de lá é pior.

**Mas tu interessas-te por saber como está lá?**

Sim, porque vejo televisão russa.

**Vocês têm a televisão russa, eu perguntava há um bocado dos hábitos ucranianos e não me lembrei que vocês veem a televisão russa. A televisão que vês em casa é a russa?**

Sim, temos a RTP internacional, mas não costumo ver, eu só vejo as notícias.

**As portuguesas ou as russas?**

Não, nunca vejo as portuguesas, só as russas.

Agora com as guerras na Ucrânia e na Síria, eu sabia as duas opiniões, as da Rússia e as de Portugal, por viver cá em Portugal.

**Então veem mais a russa, até os filmes é em russo?**

Sim, é mais fácil para ver filmes vou à internet e procuro. É mais fácil ver filmes em russo porque é um país grande, os filmes saem primeiro e já estão traduzidos e dublados e eu prefiro dublado do que com legendas em português.

**Os teus amigos são maioritariamente portugueses ou imigrantes, já percebi que não há muitos imigrantes aqui?**

Tenho a Anastasya e tinha um brasileiro, mas ele está noutra escola, só o vejo nas festas e tenho um colega, veio de Inglaterra.

Já percebi que a tua perspetiva de futuro não é voltar para a Ucrânia que é a tua nacionalidade?

Posso voltar mas só de férias, tenho lá casa e amigos.

**Tens lá casa?**

Sim, o meu pai tem lá casa, a minha mãe tem lá casa e depois tenho a minha avó.

**Se fores à Ucrânia é só de férias?**

Sim, e mesmo assim...

**Preferes ficar em Portugal ou tens perspetivas de imigrar para outro país?**

Eu gostava de ficar cá em Portugal, sinto-me cá bem.

**E já tens namorada Portuguesa?**

Sim.

Obrigada pela colaboração.

## **Entrevista nº 5 - Cristina**

**Olá Cristina**

Olá

**De que nacionalidade é?**

Sou ucraniana.

**E hoje reside onde?**

Portugal, cidade de Pombal.

**E trabalha? Estuda?**

Sou estudante na escola ETAP e também trabalho durante as férias.

**Fale-me de quando chegou a Portugal**

Não foi fácil, foi um momento completamente diferente.

No início quando cheguei não gostava nada do país, porque não tinha ninguém, só tinha os meus pais, não conhecia ninguém, por isso era muito complicado, ainda por cima, quando entrei na escola, na minha turma não havia nenhum rapaz ou rapariga, ucraniana ou Russa, enquanto na turma da minha irmã havia três que a ajudaram, e a mim ninguém. Por isso tive imensas dificuldades na escola e de me integrar na turma.

**E a maior dificuldade foi?**

A língua.

**Não havia como comunicar?**

Nada

**E os professores?**

Ajudavam, tive sempre o apoio dos professores.

**Mas não falavam a língua?**

Eles também não falavam, no entanto, quando tinha dúvidas eles tiravam, porque eu não dizia nada e eles não falavam ucraniano, mas tentavam falar inglês... eu até respondia porque tive inglês.

**Ah, falava inglês!**

- Sim, falava inglês, comunicávamos assim, é uma língua franca, por isso tentávamos todos um elo de ligação.

**Então quais os principais obstáculos que teve quando cá chegou?**

A língua, outras pessoas, outro país, no fundo, outras matérias.

A maneira de dar aulas também é diferente.

**É, quais as maiores diferenças que notou?**

Por exemplo, nós é tudo... como hei-de dizer... o professor explica às pessoas e depois pergunta várias vezes, e depois pede para o aluno explicar.

Aqui não, o professor deu a matéria, perguntou se os alunos tinham dúvidas e pronto, ninguém disse nada, portanto está tudo explicado.

**Se não percebeu...**

Se não percebeu ficava na mesma...

**Também já não percebia?**

Não, mas fazia grandes esforços em casa, mas mesmo assim, quando cheguei ao final do ano, consegui mas fiquei com duas negativas, por isso não deu para passar, mas eram oito ou nove, por isso era só um valor ou dois para passar.

**E foi a que disciplinas?**

Foi Português e artes, por isso no primeiro ano, porque não havia vagas a ciências, não havia vagas a economia, por isso inscreveram-me num curso de artes.

**Não foi a sua opção?**

Não, foi a única opção, quase que fui obrigada, também andei numa escola de arte na Ucrânia, mas era só um *hobby*, um passatempo para mim.

**Foi a maior dificuldade?**

Sim, Não era aquilo que eu queria e também tive negativa a geometria, nunca tive essa disciplina lá... nunca percebi o que era, e depois foi matemática. A inglês tive boa nota, a educação física também. Desenho também tive boa nota.

E no ano seguinte, como já dominava a língua, mudei de curso e entrei em ciências e acabei com média de treze, mas mesmo assim não gostava da escola. Mudei de escola outra vez, ou seja, passei dois anos a passear... não era bem a passear, mas não era aquilo que eu queria.

**Não conhecia a escola, não tinha a noção dos cursos?**

Sim, e então mudei de escola para a ETAP, é um curso profissional, eu gosto muito porque tem muitas vantagens. Porque é mais prático, temos estágios todos os anos... já é diferente, já temos uma noção do que vamos fazer quando acabarmos.

Temos duas opções: ou ir trabalhar porque já temos um diploma ou podemos ir estudar.

É o que vou fazer... vou seguir estudos.

**Vai continuar a estudar?**

Sim, quero

**Tirar um curso superior? De quê?**

Enfermagem, ou fisioterapia ou gestão de saúde.

**Ligado à saúde, não é?**

Sim, o meu curso é de técnico de auxiliar de saúde.

**É o que esta a estudar agora. Então percorreu várias escolas até encontrar essa?**

Foi, os dois cursos de arte e ciência foi no secundário de Pombal

**Então e esta escola agora é a onde?**

Em Pombal, também.

**Acha que se tivesse tido mediação era mais fácil a sua integração?**

No secundário tinha duas vezes por semana apoio a português, tinha aulas de matemática, só que não gostava mesmo da escola.

**Os professores faziam mediação, eram os seus mediadores?**

Ajudavam muito

**Não gostava da escola, porquê?**

Era muito grande, não davam muita atenção aos alunos.

Era muito difícil, acho que o programa que eles dão é muito complicado, ainda por cima para mim, que quando chegava a casa, estudava... estudava e nem percebia a matéria, mas decorava para fazer os testes.

**Nessa escola, quando chegou e mesma quando estava na rua ou no café, alguma vez sentiu alguma situação de racismo por ser imigrante?**

Não, nunca, só umas brincadeiras, mas eu não levava a mal, porque sabia que estavam a brincar, não ficava ofendida, nunca senti isso.

**Costumava ir a instituições onde faziam mediação, onde os imigrantes se juntavam uns com os outros, para ser mais fácil a sua integração?**

Eu acho que não, era só com um grupo de amigos, juntava-me com outros ucranianos.

**Onde se juntavam?**

Em casa e costumamos sair.

**Mantem relações com a Ucrânia? Costuma lá ir?**

Sim, tenho ido todos os anos.

**Vai de férias?**

Sim, no verão. Visitar a família, tenho lá os meus avós.

Tenho os meus amigos porque fiz lá o 9º ano, por isso tenho grandes amizades.

**Está cá há quantos anos?**

Há 4, vou fazer cinco no verão.

**Não perdeu as amizades que tinha lá?**

Alguma, ou seja, deu para perceber quem são os verdadeiros amigos.

**E relativamente às outras questões relacionados com a Ucrânia, costuma ver os noticiários para saber como está a política e a economia, se está bem ou não, se o país está a melhor?**

Costumava ver, mas agora lá é tudo mentira, tudo, não vejo nada. Só pergunto às pessoas de lá como é que está realmente, vejo outras coisas. Nas notícias, por exemplo, uma pessoa vê as imagens e a interpretação é completamente diferente do que está a acontecer realmente.

**Então acha que, como estão num período de guerra, aquilo que as televisões mostram não é real?**

É falso

**Não corresponde à realidade?**

É muito pior, porque dizem que não acontece nada, que está tudo bem. Há um conflito mas não fazem nada para resolver. É guerra, é dinheiro, por isso, quanto mais tempo durar mais dinheiro receberão.

**E quando fala com os seus amigos e com a família fala como? Através do computador, via Skype?**

Sim.

**E é aí que eles lhe contam a realidade?**

Sim, eles sabem. Está muito complicado, dizem que nunca estive tão mal.

**Quais são as maiores dificuldades?**

Salários, não têm recursos nem empregos, aquilo é como se fosse um país esquecido que se vai degradando cada vez mais.

**Por isso há a opção de ir para outros países?**

É, é uma necessidade.

**Por isso é que vocês emigraram?**

Foi antes, dois anos antes, mas ainda bem. A minha avó costuma dizer que ainda bem que saímos de lá. Se estivéssemos lá agora ela ficava muito pior, por não estarmos a viver a vida. Ainda bem, ainda bem!

**Ela está lá?**

Está, mas ela também emigrou para Espanha durante três anos. E o meu avô também, já trabalhou muito, já estive em vários países.

**Mas agora estão na Ucrânia?**

Sim, estão reformados, mas estão muito contentes por nós estarmos aqui e saberem que estamos bem. Têm muitas saudades mas...

**Prefere estar cá, não é? E fala a sua língua de origem?**

Falo.

**A Cristina veio já crescida, Não?**

Já com 15 anos

**Fala bem ucraniano?**

Falo.

**Com quem?**

Em casa, com os pais e com a irmã. Às vezes há dias que me apetece falar português, mas é só porque é mais fácil para mim dizer uma palavra em português, para explicar. Por exemplo aprendo uma palavra nova, não sei o significado em ucraniano, é mais fácil usar essa palavra em português.

**Ah, percebo. E os pais quando ouvem vocês a falar português em casa?**

É bom, eles aprendem e é bom para eles. Por exemplo “passa uma caneta”, eu digo passa em ucraniano e caneta em português. É lógico que é uma caneta.

**E eles vão aprendendo...**

Sim, claro.

**E quando saem com amigos, saem com ucranianos ou com portugueses?**

Eu saio mais com portugueses.

**E relativamente ao mercado de trabalho, quando começou a trabalhar em Portugal o que é que sentiu, quais foram as maiores dificuldades?**

Comecei a trabalhar numa fábrica, com os meus pais.

**Onde os seus pais já trabalhavam?**

Sim, os pais é que ajudavam, arranjaram emprego lá. Eu fui falar com o patrão e pedir para trabalhar um mês ou dois sem contrato, sem nada e ele deixou-me. A dificuldade é porque o trabalho é pesado.

**Fábrica de quê?**

De sacos de plástico.

**E trabalham muitas horas?**

Eram oito horas, mas havia dias que fazia dez. Aos sábados era tudo de manhã, mas depois habituas-te.

**Eram muitos emigrantes, ou também havia portugueses?**

Lá praticamente eram só ucranianos.

**E vocês, ucranianos, têm as mesmas oportunidades que os portugueses ou são tratados de maneira diferente?**

São tratados de forma igual, só que há portugueses que não fazem nada, é como os ucranianos, há ucranianos que não fazem e há outros que fazem, que trabalham muito. Fazem tudo para ajudar o patrão, para mostrar iniciativa, e aí o patrão ajuda, vê que a pessoa se esforça e dá-lhe uma compensação logicamente.

**Acha que os emigrantes têm mais essa vontade de serem bons trabalhadores?**

Sim, sabem ser valorizados.

**Os patrões valorizam o facto de vocês trabalharem, se esforçarem?**

Sim.

**E o vencimento é o mesmo, os ucranianos ganham o mesmo que os portugueses? Consigo foi assim?**

Sim, comigo foi assim. Ele disse-me o preço inicial que era igual para toda a gente, independentemente de quem éramos. E também trabalhei numa lavandaria, também era tudo igual. Lá trabalhavam muitas ucranianas. Claro que a patroa vê que se esforçam muito, por isso ela gosta mais de trabalhar com ucranianas. Ela é a própria a dizer que gosta mais de trabalhar connosco, porque nós não chateamos tanto, e sabemos o que temos a fazer e pronto, é o nosso trabalho. Estou aqui, estou a trabalhar, só quando sair posso fazer o que quiser, enquanto os portugueses estão sempre a reclamar, há aquele

hábito de dizer é mau emprego, pagam-nos pouco e nós esforçamo-nos tanto enquanto os ucranianos estão á para fazerem trabalho, nem sequer pensam nisso.

**Não reclamam?**

Nunca

**Não se sente discriminada, então valorizam o seu trabalho. Então diga-me, o trabalho é muito importante na decisão de ficar em Portugal?**

Claro, se não trabalharmos não temos nada...

**Quais os hábitos que mantém da Ucrânia?**

Festejar as festas

**Quais?**

O Natal e a Páscoa

**Igual como na Ucrânia?**

Festejamos cá mas em datas ucranianas. Por exemplo, o Natal é a 6 de janeiro, a Páscoa é no mesmo dia mas só uma vez de 5 em 5 anos é que pode acontecer. Este ano é o mesmo em Portugal e na Ucrânia.

**E a comida, fazem mais pratos ucranianos?**

Fazemos mais, mas também fazemos portugueses. Já fazemos as duas coisas. Por exemplo, ontem fizemos bacalhau com natas, mas fizemos à ucraniana. É parecido, os ingredientes são os mesmos, mas é diferente, mas é bom na mesma.

**Mas quando não está em casa come de tudo?**

Sim.

**Já faz os dois Natais, 25 de dezembro e 6 de janeiro?**

No Natal português, nós saímos, vamos a um sítio passear, ou vamos à praia ou vamos pela cidade, mas não festejamos, mas juntamo-nos à mesa. No Natal Ucrâniano é uma festa de família, em que toda a gente deve estar junta, unida, em casa.

**Pai, mãe e irmã?**

Mas também temos a avó da parte do pai, está em Portugal, e os tios também estão cá. É a irmã do meu pai, que também está casada e temos o irmão da minha mãe com a mulher.

**Vivem todos em Pombal?**

Não, uns tios estão em Leiria e os outros noutra zona mas juntamo-nos todos.

**Umaz vezes em Leiria outras em Pombal?**

Sim, não é todas as semanas que estamos juntos, é só nas festas.

**E os amigos, são mais portugueses?**

Sim, se eu chegasse a Portugal e me integrasse só no grupo de ucranianos isso limitava-me a aprender a língua portuguesa. Quando cheguei arranjei só amigos ucranianos. Era bom mas também era mau. Era bom porque tinha apoio. Por exemplo, o professor fazia pergunta e ele traduzia. Era bom mas também era uma limitação. Habituava-me de tal maneira que pedia para traduzir e não dizia nada. Por exemplo: Diz lá que “vou para ali”, ele dizia em vez de ser eu. Tinha imensa vergonha de falar. Quando ouvia uma palavra apontava e tentava dizer em casa. Ia ao tradutor, em alta voz, no computador.

Na escola lia uma palavra e estava uma hora a estudar. Há palavras que não faziam sentido, palavras parónimas, que têm escrita e som parecidos mas significados diferentes. Depois eu lia, juntava a frase e não fazia sentido nenhum.

**E quais são as suas perspetivas de vida no futuro?**

Continuar a estudar para ser alguém e não trabalhar tanto como os meus pais, trabalham muitas horas e é um trabalho pesado. Eu vejo que chegam a casas cansados e dizem-nos para estudar, para não termos um trabalho como eles.

**Mas quer ficar em Portugal? Vê o seu futuro em Portugal?**

Em princípio sim, mas também gostava de ir a outros países, ver a cultura de outros países, ver como é.

**Não quer voltar para a Ucrânia?**

Não, só se aquilo melhorar, mas eu duvido.

**Se fosse para outros países era na Europa. Países que estejam economicamente melhor?**

Sim, não sei se conhece a Associação OK Estudante. É um projeto que Portugal fez com Inglaterra, para tirar uma licenciatura mas as propinas são pagas, têm financiamento britânico. Eu candidatei-me, mas o senhor disse que era só para portugueses, mas que havia exceções, para quem cá estivesse há mais quatro anos. Mas como não tenho cartão de cidadão, ele disse que não valia a pena avançar com o meu projeto. Fiquei um bocado triste por ser prejudicada.

**Mas já pensou pedir a nacionalidade portuguesa?**

Sim, mas só ao fim de seis anos.

**Mas depois acha que era uma mais -valia para si?**

Sim, era sim.

**Mas não pode ter as duas nacionalidades, tem de escolher**

Só uma? Vai ser portuguesa

**Acha que lhe dá mais oportunidade?**

Sim, porque quando chega uma pessoa com o cartão europeu tem mais oportunidades e outro tipo de direitos. Tem mais respostas e quando chega um ucraniano não tendo qualquer documento em como Faz parte da EU, fazem como se fosse um Zé Ninguém.

**Acha que têm menos direitos?**

Muito menos. Por exemplo, o meu tio não podia entrar por não ter documentos, apesar de ele querer muito, mas a UE não garantia nada, porque ele tinha nacionalidade ucraniana.

**E é muito caro para vocês?**

Sim, é muito caro.

**Então quando puder quer nacionalidade portuguesa e quer ficar em Portugal?**

Sim, principalmente.

**Obrigada, Cristina!**

### **Entrevista nº 6 - Yevheniy**

**Olá, boa tarde,**

**Tu és imigrante da Ucrânia e resides no distrito de Leiria?**

Sim.

**Eu queria que tu me falasses um bocadinho de quando chegaste a Portugal?**

Ceguei por volta de 2003, quando houve a mudança dos escudos para o euro cá em Portugal. E fui-me adaptando.

**Quando chegaste que idade tinhas?**

Tinha 3 anos.

**Eras muito pequenino, tinhas irmãos mais velhos?**

Não naquela altura não.

**Vieste com os teus pais?**

O meu já tinha vindo para cá fazer trabalhos, depois acabamos por vir por ele já cá estar.

**Primeiro veio o pai organizar tudo e depois é que vieram vocês?**

Sim.

**Tu e a tua mãe?**

Sim.

**Quando chegaste eras muito pequeno, quando é que te comesças a lembrar que estavas num país diferente?**

Quando fui levado para a ama que me levava para a creche e depois para a escola.

**A ama só falava Português?**

Sim, eu não percebia nada, tinha acabado de chegar. Como não percebia ela tentava falar por gestos.

**Isso foi bom para aprenderes a língua, foi positivo?**

Sim, claro.

**Quando chegaste á escola, os teus colegas só falavam português?**

Sim, quando cheguei ao 1º ano da escola eu já sabia falar um bocadinho.

Em casa, o meu pai e a minha mãe também já tinham ensinado um bocadinho.

**Mas normalmente falam ucraniano, quando falas com os teus pais?**

Sim.

**A televisão, vias televisão portuguesa?**

Sim, via os bonecos, mas deva para perceber.

**E os pais viam televisão portuguesa?**

Naquela altura ainda não tínhamos, víamos a televisão Portuguesa, agora já temos a Ucraniana.

**Então agora consegues perceber o que se passa no teu País, a política...?**

A guerra e o que se passa lá.

**Vês todos os dias?**

Não é todos os dias mas às vezes vejo.

**Quando chegaste a Portugal tiveste algum apoio que fizesse a mediação, alguma associação?**

Não, foi os meus pais, a ama e alguns professores que depois ajudaram.

**Alguma vez sentiste alguma situação de racismo por seres imigrante?**

Já.

**Em que tipo de situação foste tratado de forma diferente?**

Era tratado de forma diferente por ser de outro país, as pessoas tinham medo das pessoas que vinham de outros países e faziam coisas que não se fazem a ninguém e maltratavam.

**Os teus colegas na escola?**

Sim.

**Eram os colegas?**

Sim, dava-lhes gozo.

**Mas foste conseguindo integrar-te e fazer as tuas amizades e os teus estudos?**

Sim, claro.

**Tu manténs relações com o teu país de origem?**

Sim.

**Com a família?**

Sim, tenho os meus tios e primos.

**Falas com eles?**

Sim, a minha prima o ano passado veio de férias para cá. Foi muito diferente para ela, aprendeu um bocadinho de português.

**Ela gostou?**

Adorou.

**Que idade ela tem?**

Vai fazer 12 anos.

**E ficou com vontade de vir para cá viver?**

Sim.

**E tu costumavas ir à Ucrânia?**

Fui lá há 4 anos atrás.

**E gostaste, achas que te adaptavas se voltasses para lá?**

Era um bocadinho difícil.

**Mas gostavas de ir para lá?**

Sim, gostava, mas é difícil porque o país está mais pobre que antes.

**E tu achas que aqui tens uma vida melhor?**

Sim.

**Portugal vai-te proporcionar outro nível de vida?**

Sim, é diferente. Já estou mais habituado a falar a língua portuguesa, ia ser mais difícil adaptar-me.

**Mas também falas ucraniano, aprendeste com os pais?**

Sim.

**Chegaste com 3 anos, foi cá que aprendeste?**

Aprendi ainda algumas coisas lá.

**Ao nível da escola, quando chegaste, entraste na pré-escola?**

Sim.

**E depois foste sempre fazendo o teu percurso? O facto de seres imigrante não condicionou o teu percurso escolar?**

Não, aprendi facilmente.

**As principais dificuldades na integração na escola foi o facto de seres imigrante, seres diferente? Foram mais dificuldades de integração social?**

Sim.

**Conseguiste ter sempre bons resultados escolares, já estas no 12 ano**

Sim.

**Alguma vez trabalhaste?**

Sim nas férias do verão para ganhar alguns trocos e ajudar a família também.

**Tiveste dificuldades ou foste integrado como os portugueses?**

Fui integrado igualmente como os portugueses.

**Foste trabalhar em quê?**

Para redes de plástico.

**É onde trabalham os teus pais?**

É onde trabalha a minha mãe.

**A tua mãe é que te arranjou o trabalho?**

Sim.

**E relativamente aos teus pais, do que te foste apercebendo ao longo dos anos, achas que tiveram as mesmas oportunidades que os portugueses ou o facto de serem imigrantes os condicionou no trabalho?**

Sim.

**Trabalhavam mais horas?**

Não era trabalharem mais horas, era a questão de como eram imigrantes recebiam menos e havia, por assim dizer, racismo também.

**Achas que os patrões se aproveitavam deles por não serem Portugueses?**

Era e aproveitavam um bocadinho.

**Mas já não tiveste esse problema?**

Tive também.

**Ganhavas menos que os outros?**

Eu tive a trabalhar um mês e meio e o patrão estava a torcer o nariz e não queria pagar um mês e meio.

**Achas que queria pagar menos?**

Sim, claro.

**Mas tu agora já estás cá a viver desde os 3 anos, quantos tens agora?**

Tenho 20.

**Agora tu já dominas o português bem e já tens o grau académico equivalente aos portugueses, portanto já tens as mesmas oportunidades e os mesmos vencimentos que os portugueses.**

Claro.

**Na tua família mantêm as práticas culturais da Ucrânia ou já absorveram também as portuguesas?**

Já absorvemos as portuguesas, tanto fazemos portuguesas como ucranianas.

**Adaptaram-se às duas, aquilo de que gostam mais de ucraniana e o que gostam mais da portuguesa.**

Sim.

**Dá-me um exemplo**

Por exemplo o Natal, fazemos comida ucraniana e portuguesa.

**E as datas?**

Antes do Natal existe um dia que é o de S. Nicolau, também festejamos o Natal a 25 de dezembro, o Ano Novo e depois na Ucrânia também há uma espécie de Ano Novo, Ano Velho, é a comemoração passado 4 ou 5 dias do ano que acabou.

**É a despedida do ano que acabou?**

Sim.

**Então nesta época estás sempre em festa, as da Ucrânia e as portuguesas?**

Sim, é umas 6 ou 7 festas todas seguidas.

**E depois ainda o natal da Ucrânia a 7 de janeiro?**

Sim, também no dia 7 de janeiro.

**E a comida já comem a portuguesa, como o bacalhau?**

Claro.

**Na Ucrânia já havia bacalhau?**

Havia, havia, mas era diferente, as pessoas na Ucrânia não estão habituadas ao peixe assim.

**Comem mais carne?**

Não, carne e peixe, mas simplesmente eles cá estão habituados ao peixe fumado.

**Porque fica longe do mar e tem que ser conservado?**

Sim, também é por isso e porque é tradição lá.

**Os teus pais cá conseguem esse peixe?**

Sim, porque há lojas na zona que vendem esses produtos da Ucrânia.

**Quais são as tuas perspetivas de futuro? Achas que o teu futuro passa por voltar para a Ucrânia, por imigrar para outro país melhor como os teus pais fizeram?**

Sim, imigrar para um país melhor.

**E ficar em Portugal**

Por enquanto, até acabar a escola e a escola do meu irmão ficar bem encaminhada, ficar por cá e depois se tiver alguma oportunidade ir para o estrangeiro trabalhar.

**A escola do teu irmão ficar encaminhada?**

Sim.

**Ele já nasceu em Portugal?**

Sim.

**E tu queres ajudá-lo, não te queres ir embora enquanto ele não acabar a escola dele?**

Sim.

**Mas ele já nasceu em Portugal e mesmo assim achas que ele precisa da tua ajuda?**

Sim, mas há algumas dificuldades lá em casa e temos que ajudar.

**Os teus pais tem dificuldades e tu já falas português podes ajuda-lo, é isso?**

É, e os meus pais não têm tempo e eu estou em casa e posso ajuda-lo.

**Já fizeste cá a escola é mais fácil para ti?**

Sim, já consigo explicar coisas que ele ainda não aprendeu e vai aprender.

**Ele fala ucraniano?**

Sim.

**Ele tem nacionalidade portuguesa?**

Não.

**E tu?**

Também não.

Obrigada

## **Entrevista nº 7 - Olga**

**Olá Olga**

Gostava de lhe fazer algumas perguntas sobre o percurso da Olga desde que veio da Ucrânia para esta zona do centro do país, para o distrito de Leiria.

**Gostava que a Olga me falasse um bocadinho de como foi a sua chegada a Portugal, quando foi?**

Cheguei em 2004, em agosto de 2004.

A minha mãe já tava cá há 4 anos e ela saba que seria uma melhor opção para a minha vida mudar para cá do que ficar na Ucrânia e eu concordo plenamente.

**Então primeiro veio a mãe e depois de estar a trabalhar é que trouxe a Olga?**

Sim, exatamente, ela já cá tava há 4 anos e já estava legal, e então quando viu que tinha possibilidades de e trazer para Portugal então foi lá e viemos juntas para Portugal.

**E a Olga ficou lá com quem?**

Com a minha avó materna.

**E que idade tinha quando a Olga veio?**

Tinha 10 anos. Nesse ano fiz 11, portanto já estava a estudar na escola, como na Ucrânia não fiz o 4º ano passei do 3º para o 5º, quando cheguei a Portugal, como ainda tinha 10 anos, fiquei no 5º.

**Mas lá passou um ano porquê?**

Porque houve uma altura em que eles aceitavam crianças mais tarde para a escola, em vez de começarem com 6 começavam com 7, e então durante os 3 primeiros anos demos a matéria relativamente a 4 e por isso é que eu adietei 1 ano.

**E quais foram os principais condicionantes quando chegou a Portugal, a sua maior dificuldade?**

Bem, eu cheguei cá e pensava que isto era como nos filmes americanos, arranha-céus, com palmeiras e que isto era uma cidade enorme e quando cheguei a Pombal e vi duas palmeiras e casas baixinhas, eu chorei e disse “mãe eu quero voltar”.

**De que cidade, de que zona é que vinha?**

Vinha de uma aldeia.

**Queria vir para uma cidade muito grande?**

Exatamente, eu pensava que isto ia ser muito mais desenvolvido, cheguei cá não era nada de especial, era algo melhor do que aquilo que eu tinha, mas não conhecia ninguém, sabia 2 palavras, não falava mesmo nada em português.

Então foi uma desilusão, inicialmente foi uma desilusão, depois com o tempo obviamente fui-me apercebendo que afinal era melhor e agradeço à minha mãe ter-me trazido para cá.

**Na altura quando chegou houve alguém, ou alguns fatores de mediação, alguma associação ou serviço que a tenha ajudado a fazer a mediação para se integrar?**

Eu quando vi foi em Agosto e passado algum tempo, em setembro, a minha mãe inscreveu-me logo na escola, mas associação não, foi diretamente o percurso escolar que me integrou.

**E quando chegou sentiu que de alguma forma era vítima de racismo por ser imigrante?**

Quando cheguei não, como eu tinha 10 anos não, e eu estava a estudar numa escola que era só 5º e 6º ano, toda a gente adorava-me, porque era uma situação nova, eles não tinham lá imigrantes e portanto eles eram bastante acolhedores. Ajudavam-me o mais que podiam para aprender português.

O racismo veio depois, passado uns anos, já não foi bem racismo foi xenofobia, como eu era boa aluna, as pessoas não compreendiam como é era possível, eu, uma ucraniana tirar notas melhores que eles e nesse sentido, eles sentiam-se discriminados, mas eu acho que possivelmente eram frustrações deles e não minhas.

**Por não conseguirem atingir as notas que a Olga conseguia?**

Exatamente.

**Olga, diga-me uma coisa, mantém relações com a Ucrânia, falou da sua avó?**

Sim, a minha avó.

Neste momento enho uma meia-irmã, a minha mãe juntou-se com o meu padrasto e a avó dela, neste caso a mãe do meu padrasto, está cá a cuidar da minha irmã. Eu convivo com eles todos os dias, tenho bastantes amigos ucranianos.

**E com a Ucrânia, como é que mantém o contato?**

Normalmente telefone, internet e facebook.

**Desculpe mas não percebi uma coisa? A sua irmã está cá e a avó dela é que veio para cá?**

Sim

**E a sua avó?**

A minha avó já morreu, avó materna.

**Então a Olga já não tem família na Ucrânia?**

Tenho primos, tios, da parte da minha mãe e do meu pai.

O meu pai está lá, mas eu não falo muito com ele.

**Como mantém relações com essas pessoas, tios e primos?**

É pela internet e às vezes vou lá de férias, a última vez que fui lá foi há 5 anos atrás, já foi há algum tempo porque não tinha tido possibilidade de ir lá.

**Por causa dos estudos?**

Exatamente, sim.

**E fala corretamente a sua língua de origem?**

Bem, a minha avó diz que falo como se fosse chinesa.

**É porque já não fala corretamente?**

Exatamente, há muitas palavras que vamos esquecendo, apesar de falar todos os dias. O que falo mais é português, mas no final de uns dias a falar volto ao normal.

**Em casa falam o quê?**

Ucraniano e russo

**O padrasto é russo?**

Não é ucraniano, mas ele viveu em Kiev, ele fala russo com a mãe dele, eu e a minha mãe falamos ucraniano.

**Quando chegou a Portugal como foi o seu percurso escolar, já me disse que veio com 10 anos, veio para o 5º ano, integrou-se bem, já sei que era boa aluna, qual foi a sua maior dificuldade?**

A maior dificuldade foi mesmo o português. Eu tinha aulas extra com mais um colega que veio de França, era filho de pais imigrantes e veio para Portugal. Ele também não falava bem português, então nós tínhamos explicações dadas pela escola, de português.

Para mim o que foi mais difícil foi principalmente no 5º ano que tinha que fazer testes e portanto eu não percebia as perguntas e por isso não sabia responder.

Eu sentava-me sempre ao pé da melhor aluna, por acaso isso ajudou-me bastante, ela falava inglês e então algumas vezes ela traduzia-me para inglês.

**A Olga falava inglês?**

Sim, eu na altura falava inglês. Havia alturas que os professores chegavam ao pé de mim e diziam-me as respostas dos testes, mas eu não percebia.

**Nem com essa ajuda?**

Exatamente, nem com essa ajuda. Mas eles viam o meu progresso enorme, acabei por ter 5 a tudo.

**Logo no 1º ano?**

Exatamente, não foi tudo mas a maior parte das disciplinas.

**Os Professores ajudavam no português e faziam a mediação na escola?**

Era uma professora extra, ela não nos dava aulas normais, mas estava lá, basicamente era um estudo acompanhado para nós e no nosso caso era um estudo acompanhado no sentido de aprender o vocabulário português.

**E esta escola tinha alguma associação ou amigos que ajudassem também ou era a mãe em casa?**

Era eu, portanto como sempre fui muito empenhada e perfeccionista, eu chegava a casa, principalmente lembro-me de estudar história com o dicionário ao lado e a traduzir todas as palavras para perceber o que é que ali estava escrito.

Para estudar para os testes eu pegava no livro e andava á volta da mesa a ler e reler para tentar perceber.

**Mas foi bom porque conseguiu ter bons resultados, conseguiu entrar em bioquímica, que é um curso com media alta e a Olga conseguiu fazer um percurso académico bom.**

Sim, mas é algo que partiu de mim, eu percebo que há muita gente que não fala tão bem Português como eu falo, e isso é porque as pessoas não se esforçam o suficiente.

**E isso é uma condicionante para se integrarem?**

Exatamente.

**Principalmente a nível académico?**

Exatamente, eu vejo neste momento, falando com os portugueses, os portugueses já entendem bem os ucranianos que têm sotaque e uma maneira de falar específica. Mas inicialmente não tinham essa facilidade, digamos assim, ou não se conseguiam adaptar e perceber o que as pessoas estavam a dizer e eu não queria isso para mim.

**A Olga já tem pouco sotaque...**

Sim, é algo que eu não queria. Eu queria falar bem, sem me sentir diferente.

**Assim sente-se mais integrada?**

Sim.

**A Olga também já trabalhou?**

Sim, já trabalhei.

**Explique-me como foi a sua opção de trabalhar, foi complementar aos estudos?**

Foi na altura que eu fui para o Canadá com os meus pais, depois eu fui para lá, mas depois acabei por voltar. Fui a primeira a voltar.

**Mas eles foram para lá para trabalhar?**

Sim.

**Você veio embora porquê?**

Eu vim-me embora porque eu na altura tinha o meu namorado cá.

**Tinha namorado Português?**

Exatamente.

**E então não queria ir para o Canadá?**

Exatamente, portanto eu fui para o Canadá mas passados 6 meses voltei. Como não podia voltar a estudar então optei por trabalhar.

Não achei que ao nível do trabalho houvesse algum tipo de discriminação, mas principalmente por causa do meu português, eu sei que se não falasse tão bem português...

**Trabalhou onde?**

Num *call center*, e nem uma vez me chamaram a atenção que o meu português era o correto.

**Acha que havia diferença entre os outros funcionários e a Olga que era imigrante?**

Não.

**Era tratada da mesma forma, recebia o mesmo, trabalhava as mesmas horas, como se fosse Portuguesa?**

Exatamente. Acho que se fosse algo relacionado com a parte física... toda a gente olha para mim e diz “ a menina não é portuguesa”. O único problema que não é um problema, é que quando vi para Portugal o nome é escrito e traduzido para inglês e é escrito Olha, e

toda a gente lê “olha” e diz, mas é mesmo olha que se diz e todas as vezes literalmente eu tenho que dizer não é Olga.

**Mas escreve-se Olga e lê-se Olga?**

Sim, mas foi um erro de tradução que agora não é nada de especial ou que me sinta discriminada por isso. Acho até um à parte engraçado.

**E relativamente às práticas culturais, ao seu dia-a-dia, quais foram as maiores diferenças que notou entre a Ucrânia e Portugal?**

Bem...

**Ao nível por exemplo da comida, da roupa, hábitos do dia-a-dia?**

Bem o que eu estava a pensar e que Portugal é um país muito mais liberal que a Ucrânia ao nível da comida, como da apresentação das pessoas e do que fazem no dia-a-dia.

**Lá são mais conservadores?**

Sim.

São mais rígidos com as regras?

Principalmente porque a União Soviética ainda saiu há pouco mais de 10 anos, havia muito gerir-se por aquilo que era a União Soviética, principalmente para os meus pais e os meus avós, porque eles viveram esse regime muitos anos, praticamente toda a vida deles.

Aqui em Portugal apesar de ter sido regime de Salazar, parecia que as pessoas já estavam libertas.

**Foi há mais anos, é uma história mais distante.**

Exatamente.

**Se calhar também não era um regime tão castrador como o vosso?**

Sim, eu lembro-me de a minha avó dizer-me coisas bastante duras que eles tinham que aguentar durante o regime. Principalmente ao nível escolar, são bastante exigentes, foi algo que eu notei inicialmente.

Ao nível dos aspetos culturais, a comida é completamente diferente, lá come-se bastante carne de porco e batata, porque são cultivados na terra.

**É o que produzem? Não comem muito peixe, o mar fica longe?**

Exatamente, o peixe é mais de rio, de água doce.

Eu inicialmente a minha mãe fazia-me comida “pseudoucraniana”, mas também obviamente adaptada.

**Começou a fazer uma mistura?**

Sim.

**Com o que havia de melhor das duas?**

Sim.

**Ao nível dos hábitos do dia-a-dia, por exemplo?**

Não acho que sejam muito diferentes. Por exemplo ir tomar um café, é algo que se faz muito cá em Portugal e não se fazia lá.

**Sair com os amigos, ir ao cinema?**

Exato, ir a cinema não se faz tanto lá, as pessoas podem sair mas não é tão comum como cá, por exemplo eu sair á tarde para beber café com os amigos.

**A Olga agora está a estudar em Lisboa, tem outra perspetiva, vai para a capital...**

Sim, eu sou das poucas que gota de Lisboa, eu adoro Lisboa, era aquela cidade que eu adorava passar a minha vida e viver. Acho a cidade de Lisboa Fascinante.

**O projeto de futuro para si passará por Lisboa?**

Sim.

**E põe a hipótese de voltar para a Ucrânia?**

Não, nem pensar.

**Ou Imigrar para outro país, já teve essa experiência com o Canadá?**

Já tive mas será apenas o que irei fazer se não tiver perspectivas de empregabilidade boas cá em Portugal e eu sei que as coisas podem tornar-se difíceis, mas se eu tiver oportunidade de trabalhar cá e Portugal, com todo o gosto que ficarei cá.

Obrigada

## **Entrevista nº 8 - Vadim**

**Olá, com se chama?**

O meu nome é Vadim.

**Que idade tens?**

24 anos

**Que Nacionalidade tens?**

Ucraniano.

**E estas a residir em?**

Pombal.

**Explica-me quando é que chegaste a Portugal?**

Em 2010, tinha 18 anos.

**Já tinhas o teu pai cá?**

Já.

**Mas não tinhas documentos, não foi? Depois fizeste 18 anos sem documentos?**

Sim.

**Nunca trataste do reagrupamento familiar pelo teu pai e ficaste sem papéis por isso?**

Sim.

**Quando chegaste cá como foi? Vieste sozinho para ter com o teu pai?**

Sim.

**Vieste como? Nas carrinhas...**

Sim, para trabalhar.

**E conseguiste logo arranjar emprego?**

Logo não, foi só depois de 4 meses.

**E foste trabalhar para onde?**

Para um restaurante brasileiro, fazer saladas.

**E qual foi a tua maior dificuldade quando chegaste a Portugal, qual foi o teu maior problema?**

Não sabia falar a língua.

**O português é difícil?**

Foi

**E mais... o não ter amigos? Ou arranjaste logo amigos?**

Tinha amigos da minha cidade da Ucrânia.

**Que vieram contigo?**

Não, já cá estavam.

E tu vieste para junto deles?

Sim.

**E eles ajudaram-te?**

Sim, mais ou menos.

**Como aprendeste a falar português?**

Sozinho, no restaurante com os colegas.

**No restaurante com os colegas foste aprendendo a língua?**

Sim.

**Não tinhas nenhuma associação ou grupo de imigrantes que te ajudasse?**

Tinha.

**Juntavam-se todos?**

É, nas festas e com os colegas de trabalho.

**Alguma vez sentiste que pelo facto de não seres Português foste vítima de racismo ou trataram-te de maneira diferente?**

Não, nunca.

**Achas que em Portugal foste sempre bem recebido?**

Fui, bem.

**Explica-me que relação é que manténs com a Ucrânia? Tu vieste com 18 anos, já eras crescido, que relação tens com a Ucrânia?**

Relação???

**Por exemplo tu vês televisão ucraniana?**

Sim, vejo as notícias.

**A política?**

Não, a mim agora não me interessa.

**Não gosta de saber?**

Não gosto daquilo, não gosto da Ucrânia.

**Não gosta da Ucrânia?**

Não, para mim o melhor é ficar aqui.

**Mas tu continuas a ter amigos?**

Sim, amigos, tios, primos, irmã.

**Como é que falas com eles?**

Skype e Viber

**São as plataformas para manter o contato com amigos e família?**

Sim.

**E não vais lá?**

Não, nunca lá fui.

**Falas ucraniano, vieste com 18 anos, falas bem?**

Claro.

**E quando chegaste cá para trabalhar, tirando a língua, qual foi a maior dificuldade para arranjar emprego. Achas que o facto de seres ucraniano foi mais difícil para arranjar emprego?**

Não tive, arranjei.

**Trabalhas mais com Portugueses ou ucranianos?**

Só portugueses.

**Achas que tens as mesmas regalias e as mesmas oportunidades?**

As mesmas.

**Tens o mesmo vencimento?**

O pagamento é igual.

**Trabalhas as mesmas horas?**

Sim, as mesmas horas.

**As mesmas férias?**

Sim.

**É tudo igual, não notas que sejas discriminado ou que te deem mais trabalho a ti?**

Não, é tudo igual.

**O facto de teres um bom emprego influencia a tua decisão de ficar cá?**

Sim.

**Se tiveres um bom emprego não queres ir embora?**

Sim, eu quero ficar aqui.

**Fala-me das coisas da Ucrânia e das coisas portuguesas que fazes no teu dia-a-dia, por exemplo a comida, fazes a da Ucrânia ou comida portuguesa?**

É igual, um dia ucraniana um dia portuguesa.

**E por exemplo, as festas, o natal?**

Dia 7 de janeiro.

**Quando te juntas com a família e os amigos?**

Sim, é.

**Os teus amigos são mais ucranianos ou portugueses?**

É mais ou menos igual, tenho ucranianos e portugueses.

**Tens namorada Portuguesa ou Ucraniana?**

Ucraniana.

**Qual é a maior diferença que tu notas na tua vida aqui em Portugal e a tua vida na Ucrânia? O convívio, as festas, ir ao cinema?**

Na Ucrânia ia menos.

**Aqui sais mais?**

Sim, aqui saiu mais.

**Também aqui tens mais dinheiro, podes sair mais, ir ao cinema, ao restaurante ou ao café?**

Sim, aqui saímos sempre, lá e menos.

**Gostas mais da tua vida com os teus amigos cá em Portugal ou quando estavas na Ucrânia?**

Não, é melhor aqui.

**Porquê?**

Já estou cá há 7 anos.

**Mas porque é melhor? Porque tens namorada ucraniana cá e amigos?**

Sim, porque tenho cá a minha namorada.

**O que pretendes fazer no teu futuro? Pretendes ficar cá?**

Sim, agora em Portugal, tenho trabalho cá.

**Queres arranjar os teus documentos?**

Sim, arranjar documentos.

**Tens que arranjar documentos uma vez que tens contrato de trabalho e descontos...**

**Se calhar o próximo passo é tentares legalizar-te, não é?**

É.

Obrigada Vadim.

## **Entrevista nº 9 - Adriana**

Chamo-me Adriana

Nasci na Ucrânia

Resido em Pombal

### **Quando é que chegaste a Portugal?**

Cheguei em julho de 2015, com 13 anos.

Quando cheguei era estranho, não estava habituada, mudou tudo de um momento para o outro. Quando vim para cá era mais complicado, Na Ucrânia não é assim, cá a gente pelas pessoas e sorri, na Ucrânia se sem querer toca numa pessoa e pede desculpa, ela começa logo a ralar e a dizer que a empurrei.

### **Acha que aqui o povo é mais descontraído?**

Sim, é mais simpático.

### **Aqui consegue comunicar com as pessoas?**

Sim, e ajudam. É bom para quem vem de fora e por exemplo não percebe português. As pessoas tentam falar outras línguas, como o inglês e ajudam, mas eu não falo inglês, só falo ucraniano e russo.

### **Quando chegou quais foram os maiores obstáculos, as maiores dificuldades?**

A língua é o mais difícil para comunicar, as pessoas tentam falar comigo e não percebo nada e fico muito confusa por isso.

### **E na escola?**

Tinha a ajuda de outros dois ucranianos da minha turma. Mas eu não lhes dava muita confiança porque tinha medo deles, porque eles gozavam comigo e quando eu apresentava os trabalhos eles faziam "bullying" por causa disso.

### **Os que deviam ajudá-la fizeram pior?**

Mas depois quando eu chumbei e eles também chumbaram e aí ficamos amigos. Eu perguntei como chumbaram se já estavam há mais tempo cá. Foi por causa do exame de português, mas eu nesse exame passei, tive 5, porque o exame foi feito na minha língua materna, por isso tive 5. Ajudou a perceber a língua portuguesa.

**Houve fatores de mediação que a ajudaram?**

Sim, houve uma professora, ajudou mais, estava sempre a dar-me aulas, ela dizia: “agora não tenho aula queres que te dê uma aula, posso ajudar-te” e ajudou muito.

**Ela foi sua mediadora?**

Sim, para perceber o Português e o funcionamento da escola.

**Sentiu situações de racismo?**

Não, os colegas diziam “não tenhas medo, tenta falar”... um colega Português, da minha turma ajudou-me e dizia “não tenhas medo, tenta falar”.

Um colega da minha turma ajudou-me e dizia, não tenhas medo, tenta falar.

**Recorreu a instituições de imigrantes?**

Antes sim, agora não.

**Mantém relações com o seu país?**

Sim, tenho amigos lá, já fui à Ucrânia duas vezes.

**Como fala com eles?**

Em ucraniano, pelo skype, Mensseger...

**E com a família?**

Sim tenho avós, tios, padrinhos e continuo a falar com eles. Já há um ano que não vou lá.

**Gosta de saber como está a política, o país?**

Às vezes ouço mas não ligo nada a isso, já não é a mesma coisa que antes.

**Já não tem interesse com o que se passa lá?**

Sim.

**Já ouviu mais as notícias em Portugal?**

Sim.

**Fala a sua língua de origem?**

Sim, já vim com 14 anos, mas por exemplo quando cheguei havia muitos ucranianos e falava muito ucraniano e russo, agora falo misturado, ucraniano com russo, mas a minha mãe não quer que eu fale russo, quer ucraniano, porque nós somos de uma zona de interior que só fala ucraniano e quando vamos lá vão gozar comigo porque só falo russo.

Ainda por cima o meu namorado fala russo.

**Ele é de que nacionalidade?**

Ele é ucraniano, mas fala russo, mistura.

**Quer dizer que os jovens em Portugal adotaram uma língua que é mistura de ucraniano com russo?**

Sim, mas os pais não querem, querem que a gente fale só ucraniano.

**Qual foi o seu percurso escolar?**

Entrei para o meu ano, mas é difícil não perceber a matéria, é igual à de lá mas não percebia nada nas aulas, não percebia a letra deles, mas escrevia tudo.

Reprovi no primeiro ano e no seguinte também, por causa da matemática, era muito confuso.

**Acha que cá é mais fácil a matemática?**

Sim, lá era mais difícil mas eu aprendia.

**Se era mais difícil lá porque não conseguia fazer cá?**

Porque cá eu não percebia a explicação da professora por causa da língua.

**Tem programas de mediação intercultural na sua escola?**

Não sei, mas agora já não preciso. Já estou integrada já não tenho dificuldade.

**Quer saber como foi quando começou a trabalhar, a Adriana já trabalha, não já?**

**Como foi?**

Ao início foi muito difícil, comecei a trabalhar num café, não sabia trabalhar com as máquinas, mas depois os colegas explicaram para mim.

**Tem bom relacionamento com os colegas?**

Sim, mas eu já estou habituada, por causa da escola.

**Acha que os imigrantes têm as mesmas oportunidades que os portugueses?**

Sim, tem que ser igual.

**Recebem o mesmo vencimento?**

Sim.

**Os patrões exigem mais dos imigrantes?**

Alguns, Eles pedem e eu faço.

**Como quer trabalhar acaba por fazer o que eles lhe pedem?**

Sim, é isso.

**Já tem mais hábitos quotidianos do seu dia-a-dia da cultura Portuguesa ou Ucraniana?**

É igual, faço tudo o que os Portugueses fazem e faço o que os ucranianos fazem.

**Mas em casa tem mais hábitos ucranianos? Com o pai, a mãe e a irmã?**

Sim.

**E quando está com os amigos Portugueses?**

Sim

**E as festas?**

Faço as duas, comemoro as datas ucranianas e as portuguesas.

**E por exemplo o Natal? Quando recebe as prendas?**

Na Ucrânia não fazem isso, não temos prendas, fazemos um jantar com doze pratos diferentes.

**E juntam a família no dia 6 de janeiro?**

Sim juntamos e comemos.

**E no dia 25 de dezembro, em Portugal?**

Fazemos o jantar, mas sem os 12 pratos.

**Fazem duas festas?**

Sim.

**Os seus amigos são maioritariamente ucranianos ou portugueses?**

Agora é igual, tanto são ucranianos como portugueses.

Na escola é mais portugueses.

**Quando sai e vai ao cinema ou ao café?**

É mais ucranianos, o meu namorado é ucraniano.

**Quais são as maiores diferenças entre Portugal e a Ucrânia?**

São as festas, como por exemplo as "festas do Bodo", com artistas.

Lá temos o nosso grupo de amigos e passeamos.

**Aqui há muitas festas?**

Sim.

**Vai com amigos ucranianos e portugueses?**

Sim e moldavos, juntamo-nos todos.

**Dos seus amigos que vieram da Europa de leste não há russos?**

Sim, há um que é professor na escola secundária, mas a maioria são ucranianos e moldavos.

**Quais as perspetivas de futuro?**

Ter um bom emprego, ter casa

**Onde?**

Não sei qual a cidade, mas quero em Portugal.

**Não pensa voltar para a Ucrânia?**

Só de férias.

**ANEXO 3 -TABELA DE TRATAMENTO DE DADOS DAS ENTREVISTAS**

ENTREVISTAS	Tópico 1 – Integração Social em Portugal dos Filhos dos Imigrantes		
		Informação Pretendida	
	<b>Entender se a sociedade Portuguesa dispõe de condições de integração para os imigrantes</b>	<b>Compreender como os comportamentos xenófobos condicionam a integração dos imigrantes na sociedade Portuguesa</b>	<b>Perceber se os imigrantes de 2ª geração de leste pretendem fixar-se em Portugal, regressar ao país de origem ou imigrar para outro</b>
<b>1</b>	<p>Foi tudo muito diferente em comparação com o que eu estava habituado, as pessoas, a maneira como a sociedade era organizada, a escola era muito diferente. Lá na escola estava habituado a um certo rigor aqui estava mais à vontade.</p> <p>Não sei, sempre gostei muito de conhecer e sempre fiz amigos portugueses em vez de estrangeiros e por isso dou-me melhor com amigos portugueses. Também não há muitos estrangeiros.</p>	<p>Não sei, acontece muitas vezes. Há pessoas mais racistas e menos racistas. Eu acho que há muitos racistas mas que eles tentam não mostrar isso.</p>	<p>Só se for para passar férias, porque tenho basicamente a minha vida aqui feita.</p>
<b>2</b>	<p>Se calhar as recordações do Natal e de como fomos acolhidos, porque eramos uma família nova. Eu tive bastantes prendas e numa data que eu não estava habituada.</p> <p>E também porque fui acolhida por dois idosos que se tornaram os meus avós “emprestados”, eu para eles sou como uma neta.</p> <p>Não, veio o meu pai, depois passado um ano ele foi lá e depois passado 5 anos veio a minha mãe ter com ele e depois foram lá e eu vim com eles.</p>	<p>Em criança nem tanto mas agora na adolescência os rapazes têm um bocado aquela ideia que viemos da Ucrânia, um país mais de leste e têm uma má ideia das raparigas, para eles as raparigas são todas umas vadias.</p>	<p>Eu agora gostava de ficar em Portugal, mas se houver alguma perspetiva de trabalho que eu quero na parte da medicina, passar para outro país onde haja melhores condições, podia passar para outro país.</p>
<b>3</b>	<p>Sim, porque eles não tinham visto. Quando conseguiram ter visto é que vieram logo.</p> <p>Costumavam encontrar-se na "Amigrante", não era? Sim, mas agora perdeu-se.</p> <p>Os meus pais é que iam lá, os jovens não iam lá, era mais as pessoas com mais idade, eu nunca fui muito.</p> <p>O meu pai queria ter uma vida melhor e decidiu ir para o estrangeiro e foi para Portugal com amigos lá da cidade onde vivíamos que já cá trabalhavam. O meu pai teve de ir trabalhar e depois viu que era melhor e chamou a minha mãe que depois veio. Eu fiquei lá com a minha avó cerca de ano e meio.</p> <p>Sim, legalizaram, o meu pai arranjou trabalho, casa e só depois é que trouxe a minha mãe para cá. Depois a minha mãe tentou ir buscar-me lá mas não conseguiu. Então o meu pai</p>	<p>Há situações em que sentimos que não é bem o nosso país, mas depois com o tempo...</p> <p>Continua a haver algumas alturas que há diferenças.</p>	<p>Mas não pensa voltar para a Ucrânia? Não, isso não Se for é para um país com o nível de vida melhor? Sim, para um país melhor. Ou então fica em Portugal, se arranjar um bom emprego cá? Sim, depende da proposta que tiver, logo vejo depois da licenciatura.</p>
<b>4</b>	<p>O meu pai queria ter uma vida melhor e decidiu ir para o estrangeiro e foi para Portugal com amigos lá da cidade onde vivíamos que já cá trabalhavam. O meu pai teve de ir trabalhar e depois viu que era melhor e chamou a minha mãe que depois veio. Eu fiquei lá com a minha avó cerca de ano e meio.</p> <p>Sim, legalizaram, o meu pai arranjou trabalho, casa e só depois é que trouxe a minha mãe para cá. Depois a minha mãe tentou ir buscar-me lá mas não conseguiu. Então o meu pai</p>	<p>Sim, há algumas pessoas que acham-se muito boas e mandam bocas "ucraniano".</p> <p>Não, com os colegas não, só com quem eu não me dou, mas isso era na primária, agora já somos crescidos. Tenho a alcunha, entre os meus amigos de "Ucra", mas levo isso na boa.</p>	<p>Eu gostava de ficar cá em Portugal, sinto-me cá bem.</p> <p>Sim, e também não quero voltar para lá porque em termos de trabalho é mais difícil. Sim, a qualidade de vida de lá é pior.</p> <p>Posso voltar mas só de férias, tenho lá casa e amigos.</p>

5	<p>voltou à Ucrânia e trouxe-me. Eu então vim cá para Portugal e sempre vivi cá.</p> <p>Não foi fácil, foi um momento completamente diferente.</p> <p>No início quando cheguei não gostava nada do país, porque não tinha ninguém, só tinha os meus pais, não conhecia ninguém, por isso era muito complicado, ainda por cima quando entrei na escola, na minha turma não havia nenhum rapaz ou rapariga, Ucraniana ou Russa, enquanto na turma da minha irmã havia três que a ajudaram, e a mim ninguém. Por isso tive imensas dificuldades na escola e de me integrar na turma.</p> <p>Eu acho que não, era só com um grupo de amigos, juntava me com outros ucranianos.</p>	<p>Não, nunca, só umas brincadeiras, mas eu não levava a mal, porque sabia que estavam a brincar, não ficava ofendida, nunca senti isso.</p>	<p>Vê o seu futuro em Portugal?</p> <p>Em princípio sim, mas também gostava de ir a outros países, ver a cultura de outros países, ver como é.</p> <p>Não quer voltar para a Ucrânia?</p> <p>Não, só se aquilo melhorar, mas eu duvido.</p>
6	<p>A língua, outras pessoas, outro país, no fundo outras matérias.</p>	<p>Era tratado de forma diferente por ser de outro país, as pessoas tinham medo das pessoas que vinham de outros países e faziam coisas que não se fazem a ninguém e maltratavam.</p>	<p>Por enquanto, até acabar a escola e a escola do meu irmão ficar bem encaminhada, ficar por cá e depois se tiver alguma oportunidade ir para o estrangeiro trabalhar.</p> <p>Sim, imigrar para um país melhor.</p> <p>Sim, gostava, mas é difícil porque o país está mais pobre que antes.</p>
7	<p>A minha mãe já estava cá há 4 anos e ela sabia que seria uma melhor opção para a minha vida mudar para cá do que ficar na Ucrânia e eu concordo plenamente.</p> <p>Sim, exatamente, ela já cá estava há 4 anos e já estava legal, e então quando viu que tinha possibilidades de e trazer para Portugal então foi lá e viemos juntas para Portugal.</p>	<p>O racismo veio depois, passado uns anos, já não foi bem racismo foi xenofobia, como eu era boa aluna, as pessoas não compreendiam como é era possível, eu, uma ucraniana tirar notas melhores que eles e nesse sentido, eles sentiam-se discriminados, mas eu acho que possivelmente eram frustrações deles e não minhas.</p>	<p>E põe a hipótese de voltar para a Ucrânia?</p> <p>Não, nem pensar.</p> <p>Já tive mas será apenas o que irei fazer se não tiver perspectivas de empregabilidade boas cá em Portugal e eu sei que as coisas podem tornar-se difíceis, mas se eu tiver oportunidade de trabalhar cá e Portugal, com todo o gosto que ficarei cá.</p>
8	<p>E qual foi a tua maior dificuldade quando chegaste a Portugal, qual foi o teu maior problema?</p> <p>Não sabia falar a língua.</p> <p>Tinha amigos da minha cidade da Ucrânia.</p> <p>Achas que em Portugal foste sempre bem recebido?</p> <p>Fui, bem.</p>	<p>Alguma vez sentiste que pelo facto de não seres Português foste vítima de racismo ou trataram-te de maneira diferente?</p> <p>Não, nunca.</p>	<p>O que pretendes fazer no teu futuro? Pretendes ficar cá?</p> <p>Sim, agora em Portugal, tenho trabalho cá.</p>

9	<p>Sim, e ajudam. É bom para quem vem de fora e por exemplo não percebe português. As pessoas tentam falar outras línguas, como o inglês e ajudam, mas eu não falo inglês, só falo ucraniano e russo.</p> <p>A língua é o mais difícil para comunicar, as pessoas tentam falar comigo e não percebo nada e fico muito confusa por isso.</p>	<p>Não, os colegas diziam "não tenhas medo, tenta falar"... um colega Português, da minha turma ajudou-me e dizia "não tenhas medo, tenta falar".</p> <p>Um colega da minha turma ajudou-me e dizia, não tenhas medo, tenta falar.</p>	<p>Não pensa voltar para a Ucrânia? Só de férias.</p>
---	---	--	---

### TABELA DE TRATAMENTO DE DADOS DAS ENTREVISTAS

Tópico 2 – Integração Escolar e no Mercado de Trabalho					
Informação Pretendida					
ENTREVISTAS	Conhecer o percurso escolar dos imigrantes;	Saber se a escolaridade interfere na inserção;	Perceber se os programas de multiculturalidade das escolas facilitam a sua inclusão no meio escolar;	Avaliar como o acesso ao mercado de trabalho dos imigrantes de 2ª geração de leste, condiciona a sua fixação;	Perceber se os imigrantes de 2ª geração de leste, têm a mesma facilidade de integrar o mercado de trabalho que os Portugueses.
1	Portugal tem muitas oportunidades por isso vou aproveitar ao máximo.	<p>Mas quando cheguei aqui foi muito diferente, as pessoas eram simpáticas, conheci o meu melhor amigo, já foi no segundo ano, quando cheguei aqui continuei no 2º, 3 meses, para acabar. A minha mãe decidiu que ficava no no 2º ano, eu podia ir para o terceiro mas a minha mãe não deixou.</p>	<p>Sim, no 3º e 4º ano havia um gabinete com um professor que ajudava no português. A explicar as coisas básicas, não era gramática era coisas mais básicas.</p>		
2	Para a pré também era a minha avó emprestada, ela levava-me e trazia-me e lá já falava português, já comunicava com facilidade. Porque entrei mais	<p>No fundo sentiste isso como uma forma de <i>bullying</i>? Sim. A escola é difícil nessas idades, e eles usavam isso para te chatear.</p>	<p>Era tudo portugueses.</p>		

	tarde que os meus amigos, mas apanhei bem.	Sim, porque houve um momento que eu parei de usar vestidos, de usar calções e decotes... era uma coisa proibida, porque qualquer coisa eles pegavam. "Olha anda com o peito à mostra" olha vem com uma saia curtinha, é lá dos hábitos delas, a seguir vai para o trabalho". Uma criança nos seus 14, aquilo magoa bastante. Quando passa a linha dos 16, já comecei a lixar-me e comecei a vestir outra vez vestidos.			
3	Eu tive um bocadinho em casa no verão e depois fui logo para a escola, mas até tive bons colegas, e depois vim a descobrir que uma colega que era minha vizinha e a mãe dela era professora lá na escola. Elas nunca me deixaram sozinha.	Sim, a minha diretora de curso que me ajudou bastante.  Sim, porque estive sempre bem a português.	Sim, e uma professora que me ia acompanhando, dava-me aulas extras e explicava algumas coisas.  Sim, tinha uma professora que me dava português.	Sim, depende da proposta que tiver, logo vejo depois da licenciatura	Foi fácil, já trabalho há dois anos no <i>shopping</i> , em part-time, ao fim de semana. Sempre quis arranjar um <i>part-time</i> .
4	Não, eu não perdi ano, eu acabei lá o 5º e vim para o 6º. Lembro-me, entrei na pré, lembro-me que a minha mãe não sabia que eu falava Português porque ela teve que dar autorização para participar numa festa de natal, para cantar e ela disse: "Então mas ele não sabe português" e a professora disse que eu falava muito bem.	Sim, comecei a aprender lá, foi lá que tive os meus primeiros amigos e ainda hoje falo com eles.	Sim, eu andei numa escola de ucraniano e russo e de artes tradicionais ucranianas.		
5	Por exemplo, nós é tudo... como hei-de dizer... o professor explica às pessoas e depois pergunta várias vezes, e	Não, mas fazia grandes esforços em casa, mas mesmo assim, quando cheguei ao final do ano, consegui mas fiquei com duas negativas, por isso não deu para	Ajudavam, tive sempre o apoio dos professores.	- Sim, comigo foi assim. Ele disse-me o preço inicial que era igual para toda a gente, independentemente de quem	Eram oito horas, mas havia dias que fazia dez. Aos sábados era tudo de

	<p>depois pede para o aluno explicar.</p> <p>Aqui não, o professor deu a matéria, perguntou se os alunos tinham dúvidas e pronto, ninguém disse nada portanto está tudo explicado.</p>	<p>passar, mas eram oito ou nove, por isso era só um valor ou dois para passar.</p> <p>Sim, e então mudei de escola para a ETAP, é um curso profissional, eu gosto muito porque tem muitas vantagens. Porque é mais prático, temos estágios todos os anos... já é diferente, já temos uma noção do que vamos fazer quando acabarmos.</p> <p>Temos duas opções: ou ir trabalhar porque já temos um diploma ou podemos ir estudar.</p> <p>É o que vou fazer... vou seguir estudos.</p>	<p>Eles também não falavam, no entanto, quando tinha dúvidas eles tiravam, porque eu não dizia nada e eles não falavam ucraniano, mas tentavam falar inglês... eu até respondia porque tive inglês.</p> <p>No secundário tinha duas vezes por semana apoio o português, tinha aulas de matemática, só que não gostava mesmo da escola.</p>	<p>éramos. E também trabalhei numa lavanderia, também era tudo igual. Lá trabalhavam muitas ucranianas. Claro que a patroa vê que se esforçam muito, por isso ela gosta mais de trabalhar com ucranianas. Ela é a própria a dizer que gosta mais de trabalhar conosco, porque nós não chateamos tanto, e sabemos o que temos a fazer e pronto, é o nosso trabalho. Estou aqui, estou a trabalhar, só quando sair posso fazer o que quiser, enquanto os portugueses estão sempre a reclamar, há aquele hábito de dizer é mau emprego, pagam-nos pouco e nós esforçamo-nos tanto enquanto os ucranianos estão á para fazerem trabalho, nem sequer pensam nisso.</p>	<p>manhã, mas depois habituas-te.</p> <p>Lá praticamente eram só ucranianos.</p> <p>- São tratados de forma igual, só que há portugueses que não fazem nada, é como os ucranianos, há ucranianos que não fazem e há outros que fazem, que trabalham muito. Fazem tudo para ajudar o patrão, para mostrar iniciativa, e aí o patrão ajuda, vê que a pessoa se esforça e dá-lhe uma compensação logicamente.</p>
6	<p>Quando fui levado para a ama que me levava para a creche e depois para a escola.</p> <p>Sim, quando cheguei ao 1º ano da escola eu já sabia falar um bocadinho.</p> <p>Em casa, o meu pai e a minha mãe também já tinham ensinado um bocadinho</p>	<p>Por enquanto, até acabar a escola e a escola do meu irmão ficar bem encaminhada, ficar por cá e depois se tiver alguma oportunidade ir para o estrangeiro trabalhar.</p>	<p>Não, foi os meus pais, a ama e alguns professores que depois ajudaram.</p>	<p>Fui integrado igualmente como os portugueses.</p>	<p>Não era trabalharem mais horas, era a questão de como eram imigrantes recebiam menos e havia, por assim dizer, racismo também.</p>
7	<p>A maior dificuldade foi mesmo o português. Eu tinha aulas extra com mais um colega que</p>	<p>Não achei que ao nível do trabalho houvesse algum tipo de discriminação, mas principalmente por causa do meu</p>	<p>Eu quando vim foi em Agosto e passado algum tempo, em setembro, aminha</p>	<p>Sim, eu sou das poucas que gota de Lisboa, eu adoro Lisboa, era aquela cidade que</p>	<p>Não achei que ao nível do trabalho houvesse algum tipo de discriminação,</p>

<p>veio de França, era filho de pais imigrantes e veio para Portugal. Ele também não falava bem português, então nós tínhamos explicações dadas pela escola, de português.</p> <p>Para mim o que foi mais difícil foi principalmente no 5 ano que tinha que fazer testes e portanto eu não percebia as perguntas e por isso não sabia responder.</p>	<p>português, eu sei que se não falasse tão bem português...</p>	<p>mãe inscreveu-me logo na escola, mas associação não, foi diretamente o percurso escolar que me integrou.</p>	<p>eu adorava passar a minha vida e viver. Acho a cidade de Lisboa Fascinante.</p>	<p>mas principalmente por causa do meu português, eu sei que se não falasse tão bem português...</p>	
<p>8</p>				<p>O que pretendes fazer no teu futuro? Pretendes ficar cá? Sim, agora em Portugal, tenho trabalho cá.</p>	<p>E conseguiste logo arranjar emprego? Logo não, foi só depois de 4 meses</p>
<p>9</p>	<p>Entrei para o meu ano, mas é difícil não perceber a matéria, é igual à de lá mas não percebia nada nas aulas, não percebia a letra deles, mas escrevia tudo.</p> <p>Tinha a ajuda de outros dois ucranianos da minha turma. Mas eu não lhes dava muita confiança porque tinha medo deles, porque eles gozavam comigo e quando eu apresentava os trabalhos eles faziam "bullying" por causa disso.</p>	<p>Ao início foi muito difícil, comecei a trabalhar num café, não sabia trabalhar com as máquinas, mas depois os colegas explicaram para mim.</p>	<p>Sim, houve uma professora, ajudou mais, estava sempre a dar-me aulas, ela dizia: "agora não tenho aula queres que te dê uma aula, posso ajudar-te" e ajudou muito.</p> <p>Ela foi sua mediadora? Sim, para perceber o Português e o funcionamento da escola.</p> <p>Não sei, mas agora já não preciso. Já estou integrada já não tenho dificuldade.</p>	<p>Sim, tem que ser igual.</p> <p>É igual, faço tudo o que os Portugueses fazem e faço o que os ucranianos fazem.</p>	<p>Acha que os imigrantes têm as mesmas oportunidades que os portugueses? Sim, tem que ser igual.</p>

**TABELA DE TRATAMENTO DE DADOS DAS ENTREVISTAS**

ENTREVISTAS	Tópico 3 – Construção de Identidade e Pertença	
	Informação Pretendida	
	A influência do contexto migratório na construção da identidade e sentimento de pertença	Construção do processo identitário e o sentimento de pertença enquanto fatores facilitadores da integração dos imigrantes
1	Sim, logo no primeiro dia que cheguei, na escola havia lá pessoas que chegaram ao pé de mim, eles diziam "ah, este é novo" e eles foram ter comigo, mas eu não percebia nada do que eles estavam a dizer.	Não sei antes eu pensava isso, mas agora já não porque tenho namorada portuguesa.
2	Eu dou-me bem com as duas partes, mas também na minha zona não há muitos. O único ucraniano que há cá é o meu melhor amigo, eu dou-me bem com ele, agora o resto é portugueses	Comemoramos as duas, na pascoa e no natal, e o ano novo é o mesmo dia. Depois festejamos as de lá e eu explico aos meus amigos.  Mas da Europa de leste ou da Europa Ocidental? Sim, da nossa Europa. Para a Ucrânia não queres voltar? Não
3	Não, não juntamos, ou estamos com uns ou com os outros, porque é complicado com a língua, estamos a falar com uns os outros ficam de parte.	A alimentação e as festas, continuamos a manter a tradição.
4	Sim, eu andei numa escola de ucraniano e russo e de artes tradicionais ucranianas.  Sim, a minha mãe antes de eu entrar na escola, eu com ela aprendi o abecedário Russo, mas eu escrevia mal e lia mal, mas sabia o básico, então quando entrei para a escola, entrei logo para o 3º ano, fizeram um diagnóstico e meteram-me no 3º ano e depois havia mais pequenos que iam para o 1º.	Também mantemos, mas algumas de lá não podemos, depende do tempo, porque cá estamos a trabalhar, é diferente. Sim, porque vejo televisão russa. Não, nunca vejo as portuguesas, só as russas. Agora com as guerras na Ucrânia e na Síria, eu sabia as duas opiniões, as da Rússia e as de Portugal, por viver cá em Portugal. Sim, é mais fácil para ver filmes vou à internet e procuro. É mais fácil ver filmes em russo porque é um país grande, os filmes saem primeiro e já estão traduzidos e dublados e eu prefiro dublado do que com legendas em português.
5	Festejamos cá mas em datas ucranianas. Por exemplo, o Natal é a 6 de janeiro, a Páscoa é no mesmo dia mas só uma vez de 5 em 5 anos é que pode acontecer. Este ano é o mesmo em Portugal e na Ucrânia.	No Natal português, nós saímos, vamos a um sítio passear, ou vamos à praia ou vamos pela cidade, mas não festejamos, mas juntamo-nos à mesa. No Natal Ucraniano é uma festa de família, em que toda a gente deve estar junta, unida, em casa. - Sim, se eu chegasse a Portugal e me integrasse só no grupo de ucranianos isso limitava-me a aprender a língua portuguesa. Quando cheguei arranjei só amigos

	Fazemos mais, mas também fazemos portugueses. Já fazemos as duas coisas. Por exemplo, ontem fizemos bacalhau com natas, mas fizemos à ucraniana. É parecido, os ingredientes são os mesmos, mas é diferente, mas é bom na mesma.	ucranianos. Era bom mas também era mau. Era bom porque tinha apoio. Por exemplo, o professor fazia pergunta e ele traduzia. Era bom mas também era uma limitação. Habitua-me de tal maneira que pedia para traduzir e não dizia nada. Por exemplo: Diz lá que “vou para ali”, ele dizia em vez de ser eu. Tinha imensa vergonha de falar. Quando ouvia uma palavra apontava e tentava dizer em casa. Ia ao tradutor, em alta voz, no computador. Na escola lia uma palavra e estava uma hora a estudar. Há palavras que não faziam sentido, palavras parónimas, que têm escrita e som parecidos mas significados diferentes. Depois eu lia, juntava a frase e não fazia sentido nenhum Sim, porque quando chega uma pessoa com o cartão europeu tem mais oportunidades e outro tipo de direitos. Tem mais respostas e quando chega um ucraniano não tendo qualquer documento em como faz parte da EU, fazem como se fosse um Zé-ninguém.
6	Já absorvemos as portuguesas, tanto fazemos portuguesas como ucranianas. Sim, porque há lojas na zona que vendem esses produtos da Ucrânia.	Sim, é diferente. Já estou mais habituado a falar a língua portuguesa, ia ser mais difícil adaptar-me. Por exemplo o Natal, fazemos comida ucraniana e portuguesa.
7	Exatamente, eu vejo neste momento, falando com os portugueses, os portugueses já entendem bem os ucranianos que têm sotaque e uma maneira de falar específica. Mas inicialmente não tinham essa facilidade, digamos assim, ou não se conseguiam adaptar e perceber o que as pessoas estavam a dizer e eu não queria isso para mim.	Bem o que eu estava a pensar é que Portugal é um país muito mais liberal que a Ucrânia ao nível da comida, como da apresentação das pessoas e do que fazem no dia-a-dia. Acho que se fosse algo relacionado com a parte física... toda a gente olha para mim e diz “ a menina não é portuguesa”. O único problema que não é um problema, é que quando vi para Portugal o nome é escrito e traduzido para inglês e é escrito Olha, e toda a gente lê “olha” e diz, mas é mesmo olha que se diz e todas as vezes literalmente eu tenho que dizer não é Olga.
8	Tinha amigos da minha cidade da Ucrânia.	Não gosto daquilo, não gosto da Ucrânia.
9	Faço as duas, comemoro as datas ucranianas e as portuguesas.	É, nas festas e com os colegas de trabalho. Os seus amigos são maioritariamente ucranianos ou portugueses? Agora é igual, tanto são ucranianos como portugueses. Na escola é mais portugueses.  São as festas, como por exemplo as "festas do Bodo", com artistas. Lá temos o nosso grupo de amigos e passeamos.

*Origem: Entrevistas a imigrantes de 2ª geração do Leste da Europa*

